

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA**

**“A DELÍCIA DE SER QUEM SE É”: EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS  
TRANSGÊNERO**

**CAMPINAS**

**2025**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA**

**“A DELÍCIA DE SER QUEM SE É”: EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS  
TRANSGÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências  
da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas, como exigência para obtenção do título  
de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Engler Cury.

**CAMPINAS**

**2025**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586“

Silva, Gustavo Renan de Almeida da

“A DELÍCIA DE SER QUEM SE É” : EXPERIÊNCIA VIVIDA  
DE PESSOAS TRANSGÊNERO / Gustavo Renan de Almeida  
da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2025.

145 f.

Orientador: Vera Engler Cury.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-  
Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Escola de Ciências da  
Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas,  
2025.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia clínica. 2. Transgênero. 3. Pesquisa  
fenomenológica.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA**

**“A DELÍCIA DE SER QUEM SE É”: EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS  
TRANSGÊNERO**

Tese defendida e aprovada em 24 de junho de 2025 pela  
Comissão Examinadora



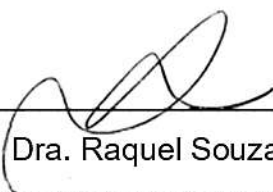
---

Profa. Dra. Vera Engler Cury  
Orientadora da Tese e Presidente da Comissão Examinadora  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



---

Prof. Dr. João Carlos Caselli Messias  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



---

Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



---

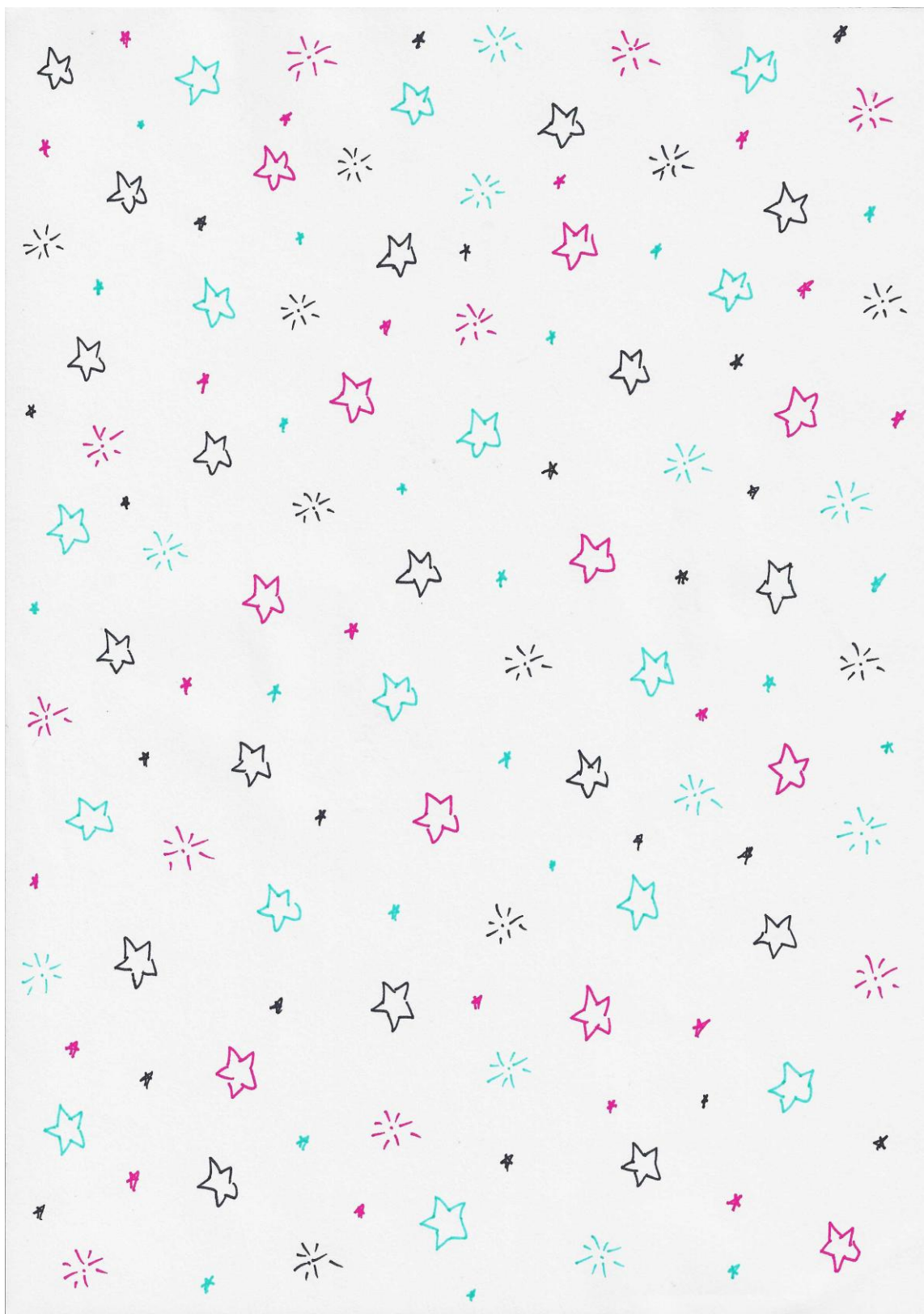
Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg  
Universidade de São Paulo (USP)



Documento assinado digitalmente  
MARCO AURELIO MAXIMO PRADO  
Data: 14/07/2025 14:28:49-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



*Em homenagem às 135 pessoas trans (aqui representadas por estrelas) que são mortas, todos os anos, no Brasil<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Média calculada a partir dos dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (Benevides, 2025), considerando os anos de 2021 a 2024, nos quais foi desenvolvida esta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Expresso minha sincera gratidão e admiração à comunidade trans, cuja (r)existência frente às rígidas normas sociais encoraja a luta pelos direitos humanos e a esperança de um futuro mais inclusivo e acolhedor para todas as pessoas.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Há um pouco mais de uma década, iniciei minha jornada nesta instituição para cursar psicologia, como bolsista do Programa Universidade para Todos (ProUni), repleto de aspirações e sonhos. Ao longo desses anos, experienciei mudanças profundas, tanto pessoais quanto profissionais, sendo a PUC-Campinas facilitadora e testemunha de muitas dessas transformações. Além disso, o apoio oferecido por esta renomada instituição foi crucial para que eu pudesse iniciar o doutorado, em meio a um contexto político nacional marcado por ataques e tentativas de desmonte da pesquisa científica brasileira.

Agradeço aos colegas e docentes do nosso Programa de Pós-Graduação, das diferentes linhas e grupos de pesquisa, com os quais compartilho bons momentos e discussões. É uma honra e alegria percorrer esta jornada ao lado de vocês.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Vera Engler Cury, não apenas pela instrução acadêmica, mas também pelo respeito e acolhimento genuíno que teve comigo em meu processo. Sou grato por ter acreditado em mim, mesmo quando eu próprio duvidava.

Agradeço à Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, a qual orientou-me no primeiro ano de doutorado. Desde 2017, quando eu ainda estava na graduação e era o seu monitor, você me instiga com seu senso ético, crítico e engajado. Tenho imenso carinho e admiração por você.

Agradeço à banca do exame de qualificação, Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato e Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, assim como à banca do exame de defesa, composta pela Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo, pelo Prof. Dr. João Carlos Caselli Messias, pela Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg e pelo Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado, por suas valorosas contribuições, que, com certeza, me ajudaram a aprimorar a qualidade desta pesquisa.

Agradeço ao Bruno dos Santos Konkewicz pela revisão do texto da tese.

Agradeço a todas as demais pessoas que contribuíram para que esse trabalho se concretizasse. Portanto, minha gratidão ao pessoal técnico e administrativo, à

secretaria, à limpeza, à segurança, à manutenção – e tantas outras cujo trabalho, diversas vezes, é invisibilizado. Sem vocês, esta tese não seria possível.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de fomento, indispensável para a realização desta pesquisa.

***JÁ FAZ TEMPO QUE ESCOLHI (MELLO, 1981) <sup>2</sup>***

*A luz que me abriu os olhos  
para a dor dos deserdados  
e os feridos de injustiça,  
não me permite fechá-los  
nunca mais, enquanto viva.  
Mesmo que de asco ou fadiga  
me disponha a não ver mais,  
ainda que o medo costure  
os meus olhos, já não posso  
deixar de ver: a verdade  
me tocou, com sua lâmina  
de amor, o centro do ser.  
Não se trata de escolher  
entre cegueira e traição.  
Mas entre ver e fazer  
de conta que nada vi  
ou dizer da dor que vejo  
para ajudá-la a ter fim,  
já faz tempo que escolhi.*

---

<sup>2</sup> Amadeu Thiago de Mello (1926-2022) foi um poeta amazonense, de reconhecimento nacional e internacional, sendo suas obras traduzidas para mais de trinta idiomas.

## **Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgênero. Justifica-se na medida em que conjunturas sociais violentas e opressivas continuam a contribuir para repercussões negativas na saúde dessa população. Organiza-se metodologicamente como uma pesquisa qualitativa, com o uso do método fenomenológico proposto pelo filósofo Edmund Husserl; teoricamente, orienta-se pelos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida pelo psicólogo Carl Rogers. De acordo com o método fenomenológico adotado, realizaram-se encontros dialógicos individuais com oito pessoas adultas (maiores de 18 anos) que se autoidentificavam como trans e que estavam dispostas a participar voluntariamente da pesquisa, atendendo a convite veiculado pelo pesquisador em redes sociais. Ao todo, foram realizados cinco encontros presenciais e três on-line. Os encontros foram registrados sob a forma de uma Narrativa Compreensiva escrita pelo pesquisador com base nas suas impressões, pensamentos e sentimentos sobre a experiência intersubjetiva vivenciada com cada participante. Na etapa seguinte, foi construída uma Narrativa Síntese contendo os principais elementos constitutivos do fenômeno que emergiram do conjunto de Narrativas Compreensivas num movimento interpretativo. A análise destes elementos possibilitou a constituição de dois campos organizadores das vivências dos participantes, que correspondem aos resultados interpretativos desta pesquisa: “A delícia de ser quem se é” e “O solo onde se habita”. O primeiro ressalta a dificuldade das pessoas transgênero para serem aceitas e consideradas socialmente, contribuindo para o desenvolvimento de um estado de incongruência entre o campo das experiências e suas simbolizações, num processo de sofrimento subjetivo que pode levar ao adoecimento. O segundo aponta para a questão de que a vivência dessas pessoas não é universal, sendo fundamental uma consideração sobre os marcadores sociais e os contextos macrossociais, como o endocisheteropatriarcado, para uma compreensão crítica acerca de suas vivências. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento de novas modalidades de intervenções psicológicas de natureza clínica menos normativas e protocolares e mais compreensivas e contextualizadas. Que possam ser criados modos de atenção psicológica em consonância com questões contemporâneas que urgem por uma atuação mais inclusiva e eticamente orientada para o enfrentamento às diferentes formas de sofrimento vivido pelas pessoas em seus contextos sociais.

**Palavras-chave:** psicologia clínica; transgênero; pesquisa fenomenológica; abordagem centrada na pessoa; prevenção e intervenção psicológica

## **Abstract**

This research aimed to investigate the lived experience of transgender people. It is justified insofar as violent and oppressive social conditions continue to contribute to negative impacts on the health of this population. Methodologically, it is organized as a qualitative study, using the phenomenological method proposed by philosopher Edmund Husserl; theoretically, it is guided by the principles of the Person-Centered Approach developed by psychologist Carl Rogers. According to the adopted phenomenological method, individual dialogical meetings were held with eight adults (aged 18 or older) who self-identified as trans and were willing to voluntarily participate in the study, responding to an invitation shared by the researcher on social media. In total, five in-person meetings and three online meetings were conducted. The meetings were recorded in the form of a Comprehensive Narrative written by the researcher, based on his impressions, thoughts and feelings about the intersubjective experience lived with each participant. In the next stage, a Synthesis Narrative was constructed, containing the main constitutive elements of the phenomenon that emerged from the set of Comprehensive Narratives through an interpretative process. The analysis of these elements led to the construction of two organizing fields of the participants' experiences, which correspond to the interpretative results of this research: "The delight of being who one is" and "The ground one inhabits". The first highlights the difficulty transgender people face in being socially accepted and recognized, which contributes to the development of a state of incongruence between the field of experiences and their symbolizations, in a process of subjective suffering that may lead to illness. The second points to the fact that the lived experience of these people is not universal, highlighting the importance of considering social markers and macrosocial contexts, such as the endocisheteropatriarchy, for a critical understanding of their experiences. It is expected that this research may contribute to the development of new forms of psychological interventions in clinical settings that are less normative and protocol-driven, and more comprehensive and contextually grounded. It calls for the creation of psychological care approaches aligned with contemporary issues, advocating for more inclusive and ethically guided practices to address the different forms of suffering experienced by people within their social contexts.

**Keywords:** clinical psychology; transgender; phenomenological research; person-centered approach; psychological prevention and intervention

## **Resumen**

Esta investigación tuvo como objetivo investigar la experiencia vivida de personas transgénero. Se justifica en la medida en que las conjunturas sociales violentas y opresivas continúan contribuyendo a repercusiones negativas en la salud de esta población. Metodológicamente, se organiza como una investigación cualitativa, con el uso del método fenomenológico propuesto por el filósofo Edmund Husserl; teóricamente, se orienta por los supuestos del Enfoque Centrado en la Persona, desarrollado por el psicólogo Carl Rogers. De acuerdo con el método fenomenológico adoptado, se realizaron encuentros dialógicos individuales con ocho personas adultas (mayores de 18 años) que se autoidentificaban como trans y que estaban dispuestas a participar voluntariamente en la investigación, respondiendo a una invitación difundida por el investigador en redes sociales. En total, se llevaron a cabo cinco encuentros presenciales y tres virtuales. Los encuentros fueron registrados en forma de una Narrativa Comprensiva escrita por el investigador con base en sus impresiones, pensamientos y sentimientos sobre la experiencia intersubjetiva vivida con cada participante. En la etapa siguiente, se construyó una Narrativa Síntesis que contiene los principales elementos constitutivos del fenómeno que emergieron del conjunto de Narrativas Comprensivas en un movimiento interpretativo. El análisis de estos elementos posibilitó la constitución de dos campos organizadores de las vivencias de las personas participantes, correspondientes a los resultados interpretativos de esta investigación: “El deleite de ser quien se es” y “El suelo que se habita”. El primero resalta la dificultad que enfrentan las personas transgénero para ser aceptadas y reconocidas socialmente, contribuyendo al desarrollo de un estado de incongruencia entre el campo de las experiencias y sus simbolizaciones, en un proceso de sufrimiento subjetivo que puede llevar al padecimiento. El segundo apunta a que la vivencia de estas personas no es universal, siendo fundamental considerar los marcadores sociales y los contextos macrosociales, como el endocisheteropatriarcado, para una comprensión crítica de sus vivencias. Se espera que esta investigación contribuya al desarrollo de nuevas modalidades de intervenciones psicológicas de carácter clínico menos normativas y protocolizadas, y más comprensivas y contextualizadas. Que puedan crearse formas de atención psicológica en consonancia con cuestiones contemporáneas que exigen una actuación más inclusiva y éticamente orientada al enfrentamiento de las diversas formas de sufrimiento vivido por las personas en sus contextos sociales.

**Palabras clave:** psicología clínica; transgénero; investigación fenomenológica; enfoque centrado en la persona; prevención e intervención psicológica

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                    |      |
|------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Figura 1. Diferenciação entre cisgênero/cis e transvestigênera/transgênero/trans.. | p.20 |
| Figura 2. Fluxograma da revisão de literatura (PRISMA) .....                       | p.25 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                         |      |
|-------------------------------------------------------------------------|------|
| Tabela 1. Artigos incluídos: categoria avaliação diagnóstica .....      | p.26 |
| Tabela 2. Artigos incluídos: categoria intervenções psicológicas .....  | p.30 |
| Tabela 3. Artigos incluídos: categoria saúde sexual e reprodutiva ..... | p.35 |
| Tabela 4. Artigos incluídos: categoria saúde/doença mental .....        | p.38 |
| Tabela 5. Artigos incluídos: categoria aspectos interseccionais .....   | p.40 |
| Tabela 6. Artigos incluídos: categoria artigos brasileiros .....        | p.43 |
| Tabela 7. Caracterização dos(as) participantes .....                    | p.57 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CARTA AOS TRANSEUNTES .....                                                                                  | 14  |
| APRESENTAÇÃO .....                                                                                           | 19  |
| CAPÍTULO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA E TRANSGENERIDADE NA ATUALIDADE ..... | 23  |
| Avaliação diagnóstica.....                                                                                   | 26  |
| Intervenções psicológicas .....                                                                              | 30  |
| Saúde sexual e reprodutiva.....                                                                              | 35  |
| Saúde/doença mental .....                                                                                    | 37  |
| Aspectos interseccionais.....                                                                                | 40  |
| Artigos brasileiros.....                                                                                     | 43  |
| Considerações gerais sobre a revisão integrativa .....                                                       | 45  |
| CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO .....                                                                      | 47  |
| O uso da fenomenologia como método.....                                                                      | 48  |
| Procedimentos investigativos .....                                                                           | 51  |
| Abordagem Centrada na Pessoa: atitudes facilitadoras .....                                                   | 55  |
| CAPÍTULO 3: NARRATIVAS COMPREENSIVAS E NARRATIVA SÍNTESE .....                                               | 57  |
| Michael.....                                                                                                 | 58  |
| Janaína .....                                                                                                | 63  |
| Bernardo .....                                                                                               | 69  |
| Aysla .....                                                                                                  | 75  |
| Amanda.....                                                                                                  | 82  |
| Melkor .....                                                                                                 | 88  |
| Cleuza.....                                                                                                  | 94  |
| João-de-Barro .....                                                                                          | 97  |
| Narrativa Síntese .....                                                                                      | 101 |
| CAPÍTULO 4: RESULTADOS INTERPRETATIVOS E DISCUSSÃO .....                                                     | 103 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                                    | 117 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                            | 120 |
| ANEXOS .....                                                                                                 | 133 |
| Anexo A – Parecer consubstanciado do conselho de ética em pesquisa.....                                      | 133 |
| Anexo B – Convite aos participantes.....                                                                     | 138 |
| Anexo C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....                                                    | 139 |
| Anexo D – Termo de consentimento para tratamento de dados pessoais .....                                     | 140 |
| Anexo E – Questionário socioeconômico .....                                                                  | 143 |

## CARTA AOS TRANSEUNTES

*Oi, para quem está chegando. Meu nome é Gustavo Renan e escrevo esta carta na intenção de compartilhar um pouquinho da minha história com vocês. Não farei isso de maneira rigidamente cronológica, mas espero, desse jeito, comunicar sobre o solo de onde desponta esta pesquisa e que doravante iremos percorrer.*

*Formei-me em psicologia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no ano de 2018. Ainda durante a graduação, já me interessava pelas discussões de gênero e sexualidade, o que se acentuou quando conheci o grupo de pesquisa “Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção”, enquanto monitor de pesquisa e aluno de iniciação científica da Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.*

*Logo após graduado, ingressei no mestrado, sob orientação dessa mesma professora. Tive a oportunidade, então, de estudar os sofrimentos sociais<sup>3</sup> vivenciados por pessoas transgênero, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, por meio da abordagem de 13 vídeos do YouTube, nos quais essas pessoas relatavam suas experiências de vida. Naquele trabalho, identificamos, no campo da consciência dos youtubers, dramáticas do viver que perpassavam dificuldades nas relações familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal, na relação com o próprio corpo e ligadas a sensações de falsidade pessoal. Além disso, propusemos interpretativamente dois campos de sentido afetivo-emocional: “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”, que, tomados conjuntamente, indicavam o entrelaço entre tendências reducionistas, que concebem a sexualidade como natural e restrita à reprodução, e concepções outras, que tomam esta como vivência humana passível de ser experienciada de modo autêntico e criativo (Silva, 2021).*

*Depois do mestrado, ingressei no doutorado – de início, com a Profa. Dra. Tânia Aiello-Vaisberg e, posteriormente, com a Profa. Dra. Vera Engler Cury. Aqui, o tempo subjetivo foi importante. Precisei elaborar diversas mudanças. Comecei sem bolsa de fomento (mas consegui uma graças aos esforços da coordenação do programa e da*

---

<sup>3</sup> Embora declaremos na dissertação que o objetivo do trabalho foi investigar a “experiência vivida” de pessoas trans, considero mais preciso descrever o nosso interesse pelos sofrimentos sociais, visto o desenho de pesquisa que aponta para esse caminho, bem como na tentativa de não limitar a experiência dessas pessoas ao sofrimento, o que invisibilizaria seu histórico de resistências e lutas.

*universidade!). Tive de me adaptar à troca de orientação e lidar com variadas repercussões emocionais. Enfrentei uma internação médica devido à rabdomiólise. Mas, no final, sinto que consegui! Todas as pessoas também foram muito atenciosas, pacientes e gentis comigo – serei eternamente grato. Esse apoio foi essencial para que eu conseguisse chegar até aqui. Ainda, pude vivenciar novos projetos, como a docência e a reaproximação da psicologia humanista, o que hoje me deixa bastante feliz.*

*Creio que não possa esquecer (se é que tem como!) que, no meio de tudo isso, tínhamos a pandemia de COVID-19. Esta vigorou como “pandemia” entre março de 2020 e maio de 2023, mas já havia casos de adoecimento e mortes pelo menos desde o final 2019. Embora as estimativas variem, calcula-se que morreram 13 milhões de pessoas no mundo (Organização Pan-Americana da Saúde, 2024), sendo, dessas, 716 mil apenas no Brasil (Brasil, s.d.). Não devemos olvidar, também, que, em um país marcado por profundas desigualdades como o nosso, as possibilidades de proteção e cuidado variaram amplamente entre diferentes grupos sociais, mais uma vez onerando pessoas que historicamente têm sido marginalizadas.*

*Acredito que outro agravante para a maneira como vivenciamos a pandemia em nosso país foi a desastrosa gestão de alguns governantes, em especial no âmbito federal. Tivemos de enfrentar não apenas medos, ansiedades e o luto por entes queridos, mas igualmente fake news e o descaso por parte de autoridades no que tange à gravidade da doença e aos cuidados/medidas protetivas, como máscaras, medicações e vacinas, suscitando sentimentos de dor e desamparo em parte da população (Simões et al., 2023). Não obstante, assistimos, dia após dia, uma série de discursos odiosos, o fomento de políticas armamentistas, o aumento do desmatamento, da violência contra grupos historicamente oprimidos, a desvalorização da ciência, os ataques à democracia...*

*No que tange às pessoas LGBTQIAPN+<sup>4</sup>, recordo experiências pessoais e profissionais em que ouvi relatos de medo e insegurança, mesmo antes da mudança da presidência brasileira, em 2019, quando quem assumiria manifestava-se contrário*

---

<sup>4</sup> Acrônimo utilizado nesta pesquisa para designar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transvestigêneres/transsexuais/travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, gêneros não binários, entre outras possibilidades para além da endocisheteronormatividade – ou seja, vivências que transgridem as normativas sociais que impõem, como único modelo possível de existência, ser endossexo, cisgênero e heterossexual. Contudo, vale destacar que, quando citarmos outros trabalhos, será preservada a forma original empregada por seus(as) respectivos(as) autores(as).

às nossas existências e direitos. Eu mesmo tive muitos medos. O que seria de nós? Aumentariam os casos de violência? Poderíamos nos casar? Continuariam as políticas públicas de cuidado para com a nossa população? Vale dizer que essas emoções não são arbitrárias – adicionalmente ao que já foi citado, estamos no Brasil, país com um dos maiores índices de assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, sobretudo pessoas trans. Segundo dados do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2024), uma pessoa LGBTQ+ é assassinada a cada 30 horas. O que aconteceria, então, após a mudança de governo?

Vivenciar tudo isso não foi (nem é!) fácil, apesar de, enquanto homem, endosso, cisgênero e homossexual – sem citar outros marcadores para além do âmbito de gênero e sexualidade –, possuir privilégios em certos espaços sociais. Com isso, quero dizer, por exemplo, que não sofri com cirurgias meramente estéticas quando nasci para me adequar a padrões sociais binários e sexistas; não tive a identidade de gênero desrespeitada durante minha vida; fui isento, em grande medida, das tarefas de cuidado; cresci em condições adequadas de moradia, alimentação, proteção e amor; sou afortunado por ter apoio de minha família e amigos; graças a políticas públicas, mesmo não tendo origem financeiramente abastada, pude cursar ensino superior e pós-graduação.

Por outro lado, fui cobrado a ser “duro”, “ másculo”, e a “falar direito”. Por ser lido, ainda quando criança, como “efeminado”, sofri violências na educação básica. Odiei minha voz por muito tempo. Descobri e vivenciei minha sexualidade com receio e temor dos olhares de outras pessoas. Tive de lutar com estereótipos que estabeleciam meu modo de ser/amar como doentio ou pecaminoso. Aprendi a ter medo de andar de mãos dadas com o meu namorado, sobretudo quando cruzávamos com outras pessoas e em locais menos protegidos. Já soltamos nossas mãos diversas vezes – e fingimos que estava tudo bem.

Embora algumas dessas situações ainda me atravessem, fui lidando melhor com certos pontos graças ao apoio ambiental, ao próprio amadurecimento emocional, às leituras que realizei e aos espaços em que pude estar pessoal e profissionalmente<sup>5</sup>. Mas sei, também, que foram dessas dores, desconfortos e lutas que nasceu o

---

<sup>5</sup> Entre esses, cito o Centro de Referência LGBT de Campinas, a Subcomissão de Sexualidade e Gênero do Conselho Regional de Psicologia (CRP) de Campinas (onde, atualmente, estou na coordenação) e de São Paulo (Estadual), o Ambulatório de Gênero e Sexualidade do Hospital das Clínicas/Unicamp e o movimento social organizado.

*“desassossego” que motivou esta pesquisa. Diante da violência radical contra o sentir/ser de indivíduos e coletivos, que afeta largos contingentes de pessoas, como não sonhar com mudanças sociais?*

*Buscamos, nesta pesquisa, ampliar o trabalho de mestrado outrora realizado, incluindo encontros com participantes e criando abertura para aspectos que transcendem as dificuldades enfrentadas, em vias de uma compreensão mais abrangente do fenômeno em questão. Isso porque acreditamos que podemos aprender com as pessoas trans não apenas sobre os efeitos subjetivos das rígidas normas de gênero, mas também sobre como superá-los. Nossa libertação!*

*Atualmente, tenho em conceitos como esperança (Freire, 2013) e amor (hooks, 2021) fontes de inspiração. No primeiro, ao nutrir não uma postura de pura espera, mas de crítica, de ação, de engajamento, em busca de sonhos possíveis. No segundo, no amor enquanto possibilidade de romper ciclos que perpetuam violências e sofrimentos sociais, como potência para a construção de uma nova sociedade.*

*Sendo assim, o autor (e pessoa) que vos fala<sup>6</sup> é alguém que, apesar das dificuldades enfrentadas, alcança a academia e encontra espaço para tensionar saberes e fazeres, bem como registrar e narrar as histórias de sua comunidade. Alguém que acredita na capacidade de se ter esperança por uma sociedade mais solidária, fraterna e democrática. Por isso, esta tese, conforme adverte Bagno (1999/2007), não é demagógica, mas inevitavelmente corresponde a uma “opção consciente, política, declaradamente parcial” (p.12).*

*Assim, parto de um nítido posicionamento ético-humanístico: vale dizer, uma aposta na esperança, o que, nas palavras de Boff (2013), “implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história. E ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador” (p. 12). Trata-se, portanto, da defesa intransigente dos direitos humanos, articulada com uma psicologia engajada, viva e pulsante.*

*Por fim, cabe elucidar meu desejo para que estas sejam uma carta e uma tese passageiras. Explico: convido você a ser transeunte, a não parar por aqui. Isso se justifica, pois, se a realidade é construída por nós e pode ser mudada, superando-se*

---

<sup>6</sup> Referência sutil ao título da obra “Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas” (2022), do filósofo e ativista trans Paul B. Preciado.

*contradições e violências, é imprescindível esperarmos. Para quê e para quem tem sido a nossa psicologia?<sup>7</sup> Com o que temos sonhado? Quais realidades temos construído em nossas práticas? Espero contar com você nessa jornada, constante e coletiva, de incômodos, descobertas e transformações. Abraço fraterno!*

*Gustavo Renan de Almeida da Silva  
Maio de 2025*

---

<sup>7</sup> Gostaria de creditar que essas são perguntas que muito me instigam e foram aprendidas, entre outras pessoas, com a Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo.

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgênero. No entanto, considerando que nem todos estão familiarizados com o tema, optamos por fornecer algumas considerações iniciais sobre o assunto.

Lembramos que, nas sociedades ocidentais, desde o nascimento, é comum ser imposto às pessoas se adequarem a uma de duas possibilidades. Caso tenham vulva, que se identifiquem como “mulheres” e tenham desejo afetivo e sexual exclusivamente por homens cisgêneros; caso tenham pênis, que se identifiquem como “homens” e tenham desejo afetivo e sexual exclusivamente por mulheres cisgêneras (Silva et al., 2022).

Mas o que é, afinal, cisgênero (ou simplesmente “cis”)? Buscamos, com esse termo, descrever pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado no nascimento (Jesus, 2012). Por exemplo, alguém que nasceu com pênis, foi designado como homem e se identifica como tal; ou alguém que nasceu com vulva, foi designado como mulher e se identifica com esse gênero.

Por conseguinte, não é difícil compreender que existam pessoas que não se identificam, em tempo integral, parcial ou em momentos e/ou situações específicas de suas vidas, com o gênero designado no nascimento (Lanz, 2015). Visando a retratar essas experiências, utilizamos “transgênero” ou “trans”. Tais termos referem-se, portanto, a múltiplas possibilidades existenciais, como mulheres e homens trans, travestis, gêneros não-binários ou fluídos, entre outros. Não esmiuçaremos essas definições, mas, em suma, são todas experiências que subvertem as normativas de gênero socialmente construídas, e cujas pessoas se autoidentificam como trans<sup>8</sup>.

Nesta pesquisa, optamos por utilizar também o termo “transvestigênera”. Esse neologismo foi cunhado pelas ativistas e travestis Indianara Siqueira e Erika Hilton, sendo utilizado

(...) para abarcar todas essas identidades, homens e mulheres trans, travestis, pessoas trans não binárias, pessoas que fogem do CISTema. É claro que cada um de nós tem suas especificidades, porque é sobre identidades que estamos

---

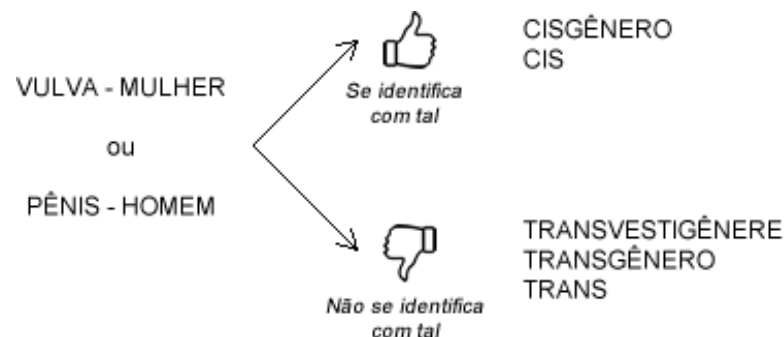
<sup>8</sup> Todas as pessoas podem, em algum grau, transgredir normas de gênero – como mulheres cis que não desejam a maternidade, por exemplo. Contudo, aqui, referimos especificamente as pessoas que se autoidentificam e se descrevem como trans.

falando, mas o esforço transvestigênere é um esforço para nos agruparmos nessa diversidade toda, porque também temos muito em comum, somos contra a imposição de gênero que nos foi designada antes de sabermos quem nós éramos. (Correia, 2022, n.p.).

Portanto, semanticamente, os termos “transvestigênere”, “transgênero” e “trans” não se diferenciam. Todos se referem, para além de possibilidades de identificação individual, a um coletivo que rompe as rígidas normas de gênero e compartilha vivências comuns, as quais almejamos investigar nesta pesquisa<sup>9</sup>. Por outro lado, defendemos também o uso de “transvestigênere”, mesmo que menos usual nas pesquisas científicas, em vias tanto de valorizar modos como, em nosso território, pessoas trans têm se afirmado, como visibilizar as identidades travestis, bastante marginalizadas socialmente (Nascimento, 2021).

**Figura 1**

*Diferenciação entre cisgênero/cis e transvestigênere/transgênero/trans*



Dito isso, gostaríamos de destacar que “cis” e “trans” não devem ser compreendidos apenas como identidades individuais e antagônicas, no sentido de identificar-se (cisgeneridade) ou não (transgeneridade) com o gênero designado ao nascimento. Quando mencionamos a cisgeneridade, por exemplo, nosso intuito é também demarcar que todos os corpos são generificados, ainda que a cisgeneridade figure socialmente como natural, verdadeira e universal – enquanto pessoas trans são tidas como anormais, patológicas, perversas, desviantes, falsas, transgressoras,

<sup>9</sup> Vale dizer que as possibilidades de identificação e expressão de gênero não devem ser confundidas com a orientação afetivo e/ou sexual, isto é, para onde “aponta” o desejo de alguém. Assim, temos pessoas, cis e trans, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais etc. (Lanz, 2015).

destituídas de humanidade etc. (Nascimento, 2021), o que tem efeitos concretos em suas vidas.

Como ilustração disso, vale lembrar que, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), ocorreram, em 2024, 122 assassinatos de pessoas trans no país, o que equivale a aproximadamente 10 mortes por mês. As maiores taxas ocorreram entre travestis e mulheres trans, jovens (entre 15 e 29 anos), negras, empobrecidas, profissionais do sexo, nordestinas e/ou residentes em cidades do interior, assassinadas comumente em espaços públicos, com uso excessivo de força e requintes de crueldade. A média etária das vítimas foi de 32 anos, sendo 66% com idade inferior a 35 anos. Isso faz do país, pelo 16º ano consecutivo, um dos que mais assassinam pessoas trans no mundo (Benevides, 2025)<sup>10</sup>.

Portanto, conjunturas sociais violentas e opressivas continuam a contribuir para repercussões negativas na vivência dessa população, de modo que optamos por realizar esta pesquisa com o objetivo de investigar e melhor compreender as suas experiências vividas. Assim, o texto desta tese está organizado em quatro capítulos, que serão descritos na sequência.

O capítulo 1, intitulado “Revisão integrativa da literatura sobre psicologia clínica e transgeneridade na atualidade”, consiste em uma revisão da literatura científica nacional e internacional a partir de um recorte que relaciona a área de psicologia clínica com estudos e pesquisas sobre o tema da transgeneridade. O material que compõe o capítulo está organizado em torno de categorias oriundas dos resultados da revisão integrativa, a saber: avaliação diagnóstica, intervenções psicológicas, saúde sexual e reprodutiva, saúde/doença mental, aspectos interseccionais e artigos brasileiros, sendo finalizada com considerações gerais sobre a revisão integrativa.

O capítulo 2, intitulado “Percurso metodológico”, visa a esmiuçar o método de pesquisa adotado, organizando-se em três subseções: “O uso da fenomenologia como método”, que discorre sobre o método fenomenológico de inspiração husserliana; “Procedimentos investigativos”, que operacionaliza o método, descrevendo o caminho percorrido ao longo da pesquisa; e “Abordagem Centrada na

---

<sup>10</sup> Esses números são provavelmente subnotificados, sendo produzidos e sistematizados graças aos esforços de coletivos e organizações que lutam pelas pessoas LGBTQIAPN+, havendo leniência do Estado para sistematização de dados. Mesmo com a equiparação da LGBTfobia ao crime de racismo pelo Supremo Tribunal Federal em 2019, vigora uma inércia governamental na promoção de medidas efetivas de combate a esse tipo de preconceito e violência, que continuam extirpando vidas de pessoas LGBTQIAPN+, física e subjetivamente (Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, 2024).

Pessoa: atitudes facilitadoras”, que insere proposições e contribuições de Carl Rogers que subsidiam a postura do pesquisador durante os encontros dialógicos com os(as) participantes.

O capítulo 3, intitulado “Narrativas Compreensivas e Narrativa Síntese”, reúne as narrativas construídas após cada encontro dialógico realizado de forma a registrar compreensivamente o que foi vivido de modo intersubjetivo, bem como as repercussões suscitadas pelos encontros no pesquisador. Cada Narrativa Compreensiva é apresentada a partir do nome fictício escolhido pelo(a) participante, sendo acompanhada de uma breve descrição da pessoa. Também é apresentada uma tabela com a caracterização dos(as) participantes. Por sua vez, a Narrativa Síntese tece os elementos estruturantes da experiência vivida pelo conjunto dos(as) participantes num movimento compreensivo e interpretativo de apreensão de sentidos por parte do pesquisador.

O capítulo 4, intitulado “Resultados interpretativos e discussão”, visa a integrar os elementos estruturantes do fenômeno em foco, que possibilitaram a constituição de dois campos organizadores das vivências dos(as) participantes: “A delícia de ser quem se é” e “O solo onde se habita”. Estes são analisados à luz da literatura científica tanto da área de psicologia quanto de áreas afins.

As “Considerações finais” apontam as possíveis contribuições desta pesquisa para a área da psicologia clínica humanista e fenomenológica e suas limitações. Tal seção apresenta, também, uma breve reflexão do pesquisador sobre as transformações vivenciadas por ele no encontro com os(as) participantes.

## CAPÍTULO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA E TRANSGENERIDADE NA ATUALIDADE

Para a realização desta pesquisa, revelou-se necessário estudar a literatura científica nacional e internacional sobre transgeneridade<sup>11</sup>. Para tanto, realizamos uma revisão integrativa, recurso metodológico que proporciona a síntese do conhecimento existente e incorporação de resultados significativos (Cronin & George, 2020; Elsbach & Knippenberg, 2020; Souza et al., 2010), neste caso, à psicologia como profissão e ciência.

Tendo em vista que a psicologia é um campo bastante amplo, vale dizer que nos inserimos em um grupo de pesquisa que vem desenvolvendo trabalhos científicos sobre práticas psicológicas clínicas em distintos contextos. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) define a psicologia clínica da seguinte maneira: “É a área de atuação profissional da Psicologia referente à integração de conhecimentos teóricos e métodos psicoterápicos empregados para promover a autonomia, a qualidade de vida e a saúde integral” (Conselho Federal de Psicologia, 2022b, n.p.). Já a *American Psychological Association* (APA), importante entidade estadunidense, define psicologia clínica como “o ramo da psicologia que se especializa na pesquisa, avaliação, diagnóstico, prevenção e tratamento de transtornos emocionais e comportamentais” (American Psychological Association, 2015, p. 193).

Pontuamos, aqui, que nos alinhamos mais à definição brasileira, do CFP, do que à da APA, a qual consideramos bastante patologizante. Enquanto grupo de pesquisa, temos buscado romper com paradigmas tradicionais que compactuam com um saber/superioridade profissional, cuja função seria a de diagnóstico-intervenção-cura, e temos privilegiado modalidades diferenciadas de atenção psicológica, que permitam a aproximação e compreensão do acontecer clínico a partir do encontro dialógico e do interjogo singularidade/coletividade no qual se constroem os fenômenos humanos<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Optamos, na revisão integrativa da literatura, pela utilização de termos como “transgênero”, em vez de “transvestigênera”, devido à sua predominância em trabalhos científicos tanto nacionais quanto internacionais.

<sup>12</sup> Um conjunto dessas produções pode ser encontrado no Currículo Lattes da orientadora, Profa. Dra. Vera Engler Cury (<http://lattes.cnpq.br/3414308343809480>), e das Profas. Dras. Tânia Mara Marques Granato (<http://lattes.cnpq.br/0103267726544713>) e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (<http://lattes.cnpq.br/4670585523085617>), que, por muitos anos, compuseram o grupo de pesquisa Atenção Psicológica Clínica em Instituição: Prevenção e Intervenção, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas, junto da primeira pesquisadora.

Ainda assim, não restringimos a compreensão de clínica psicológica aos “métodos psicoterápicos”, como propõe o Conselho Federal de Psicologia (2022b, n.p.). Em vez disso, entendemos esta como um campo de atenção psicológica preventiva e interventiva, socialmente contextualizada, que visa a compreender as experiências intersubjetivamente vividas por indivíduos e coletivos nos contextos clínicos e da saúde (Cury, 2021).

Vale dizer que a revisão integrativa parte de uma pergunta norteadora (Souza et al., 2010)<sup>13</sup> que guiará todo o processo investigativo. Assim, intentamos responder à seguinte questão: “como a psicologia clínica tem abordado a transgeneridade na atualidade?”. Examinaremos, doravante, nossos esforços para responder tal indagação.

Com o intuito de encontrar respostas à nossa pergunta, realizou-se uma busca de artigos científicos, que se deu em duas etapas – sendo a primeira realizada em outubro de 2023 e a segunda, em março de 2025. Para isso, utilizou-se da plataforma Periódicos CAPES, com foco nas principais bases de dados da área de interesse – a saber, PubMed, Web of Science (Social Sciences Citation Index e Science Citation Index Expanded) e SciELO Brazil (Scientific Electronic Library Online – Brazil). Foram filtrados apenas artigos científicos de acesso aberto e publicados em periódicos revisados por pares, entre os anos de 2021 e 2024, disponíveis nos idiomas português, espanhol ou inglês. Na primeira busca, utilizou-se os descritores “psicologia” e “transgênero” (campo assunto), sendo aplicado o filtro de psicologia clínica da própria plataforma. No entanto, em decorrência de alterações nesta última, a partir das quais esse filtro não estava mais disponível, utilizou-se, na segunda busca, os descritores “psicologia clínica” e “transgênero” (qualquer campo). Neste momento, também se realizou essa pesquisa no SciELO.Org (Scientific Electronic Library Online), mas sem a limitação de tempo de publicação.

As buscas realizadas resultaram em um total de 287 trabalhos, denotando interesse da comunidade científica na temática nos últimos anos. Em uma etapa de identificação<sup>14</sup>, excluiu-se 160 trabalhos, sendo 75 duplicações e 85 não disponíveis

---

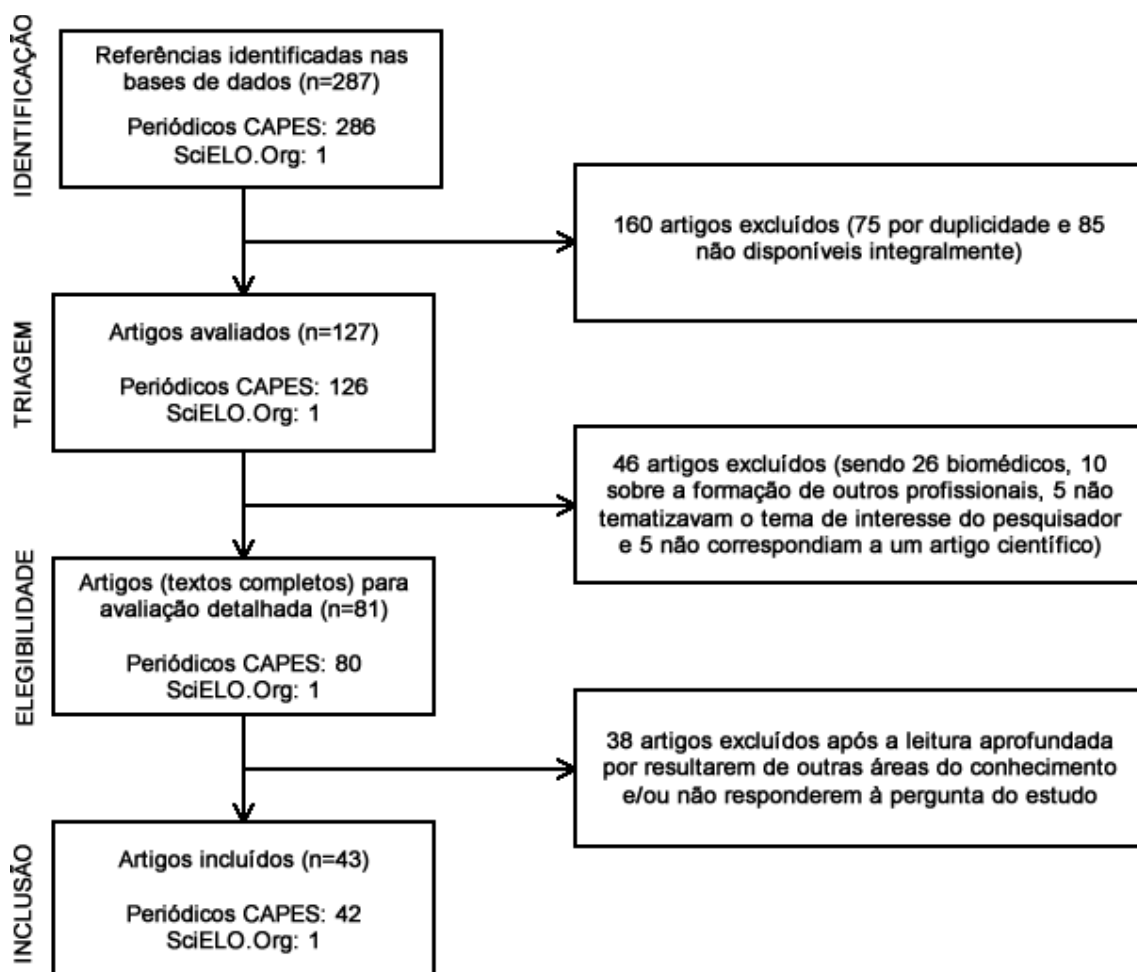
<sup>13</sup> As autoras utilizam “pergunta norteadora”, mas optamos por “suleadora”, do verbo “sulear”, proposto pelo físico brasileiro Marcio D’Olive Campos em 1991 para demarcar e valorizar a perspectiva do sul global, sobretudo latino-americano, em detrimento da imposição ideológica nortista de alguns países (Universidade Federal de Santa Catarina, 2019).

<sup>14</sup> Inspiramo-nos, para a organização desta revisão, nas etapas do PRISMA, a saber: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão (Galvão et al., 2015). Com isso, esperamos melhorar o relato e a comunicação acerca da revisão integrativa realizada.

integralmente. Posteriormente, na etapa de triagem, deu-se a leitura de títulos e resumos, sendo 46 artigos excluídos, 26 por corresponderem a produções biomédicas, 10 por tematizarem a formação de outros profissionais que não psicólogos, 5 por não tematizarem o tema desta revisão de literatura e 5 por não corresponderem a um artigo científico. Assim, foram eleitos 81 trabalhos para leitura aprofundada, sendo excluídas mais 38 pesquisas por não contribuírem para a compreensão sobre como a psicologia clínica tem abordado a transgeneridade na atualidade, visto não derivarem de programas ou departamentos de psicologia, não terem em sua autoria psicólogos ou não se referirem especificamente a esse campo do saber. Portanto, ao final desse processo, foram incluídos 43 artigos na presente revisão, conforme ilustrado na figura abaixo:

**Figura 2**

*Fluxograma da revisão de literatura (PRISMA)*



Buscando organizar as discussões sobre os referidos artigos, propomos seis categorias temáticas, sendo elas: avaliação diagnóstica (9 artigos), intervenções psicológicas (11 artigos), saúde sexual e reprodutiva (6 artigos), saúde/doença mental (7 artigos), aspectos interseccionais (8 artigos) e artigos brasileiros (2 artigos). Na sequência, discutiremos essas categorias e realizaremos, ao final, uma apreciação geral dos trabalhos, na seção “Considerações gerais sobre a revisão integrativa”.

### **Avaliação diagnóstica**

Nove dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 20,93%) versavam sobre avaliação diagnóstica. A Tabela 1 apresenta os autores, o ano e o título dos artigos.

**Tabela 1**

*Artigos incluídos: categoria avaliação diagnóstica*

| Autoria (Ano)                  | Título                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rodríguez-Molina et al. (2015) | Áreas de la entrevista para la evaluación psicológica de personas transexuales                                                                                                     |
| Martin-Storey et al. (2021)    | A French Translation of the Transgender Congruence Scale: Validation and Associations with Distress, Well-Being, and Perceived Transition Status                                   |
| Moore et al. (2021)            | The Perth Gender Picture (PGP): Young people's feedback about acceptability and usefulness of a new pictorial and narrative approach to gender identity assessment and exploration |
| Nagata et al. (2021)           | Community norms of the Muscle Dysmorphic Disorder Inventory (MDDI) among gender minority populations                                                                               |
| Erby e White (2022)            | Broaching partially-shared identities: Critically interrogating power and intragroup dynamics in counseling practice with trans people of Color                                    |
| Ghorbanian et al. (2022)       | Under-Representation of Transgender Identities in Research: The Limitations of Traditional Quantitative Survey Data                                                                |

|                           |                                                                                                                                                  |
|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Robles et al.<br>(2022)   | Validity of Categories Related to Gender Identity in ICD-11 and DSM-5 Among Transgender Individuals who Seek Gender-Affirming Medical Procedures |
| Linsenmeyer et al. (2023) | Validation of the adolescent binge eating disorder measure (ADO-BED) among transgender youth and young adults                                    |
| Sequeira et al. (2023)    | Future Directions in the Mental Health of Transgender Youth: Towards a Social-Affective Developmental Model of Health Disparity                  |

Foram investigados diferentes aspectos diagnósticos, como entrevistas clínicas com pessoas trans (Rodríguez-Molina et al., 2015), uma ferramenta pictórica que visa a facilitar a conversa sobre gênero entre crianças/adolescentes (11-18 anos) e profissionais de saúde (Moore et al., 2021), uma escala para avaliação da congruência e do funcionamento psicossocial de pessoas trans em populações francófonas (Martin-Storey et al., 2021), um inventário para avaliação de transtorno dismórfico muscular já utilizado para pessoas cis, no intuito de fornecer parâmetros também para pessoas trans (Nagata et al., 2021), um modelo multidimensional para aconselhamento em saúde que considera gênero e raça/etnia (Erby & White, 2022), os manuais classificatórios CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – 11ª revisão), da Organização Mundial de Saúde, e DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição), da Associação Americana de Psiquiatria (Robles et al., 2022), um questionário para avaliação de transtorno compulsivo alimentar periódico, também visando a validá-lo para jovens trans de 11 a 22 anos (Linsenmeyer et al., 2023) e um modelo de desenvolvimento socioafetivo para jovens trans (Sequeira et al., 2023).

Quanto ao método, três trabalhos correspondem a estudos teóricos, incluindo o de Rodríguez-Molina et al. (2015), sendo os outros dois ilustrados com vinhetas clínicas fictícias (Erby & White, 2022; Sequeira et al., 2023). Todos os demais utilizaram análises estatísticas e/ou *softwares*, recursos que acreditamos ser comuns na área diagnóstica. Além disso, nesses estudos, os desenhos metodológicos foram diversos, como aplicação de questionários em clientes e entrevistas com profissionais após a utilização da ferramenta pictórica *Perth Gender Picture* (Moore et al., 2021), aplicações de questionários on-line ou presencialmente (Ghorbanian et al., 2022;

Linsenmeyer et al., 2023; Martin-Storey et al., 2021), análise estatística de banco de dados (Nagata et al., 2021) e entrevistas semiestruturadas com pacientes (Robles et al., 2022).

Robles et al. (2022), autores cuja pesquisa foi a única a realizar uma análise comparativa (neste caso, entre CID-11 e DSM-5), encontraram maior especificidade na CID-11, uma vez que o critério de disforia/sofrimento conforme o DSM-5 exclui pessoas que não apresentam esse sintoma, mas desejam e usam os serviços de saúde, por exemplo, para tratamentos hormonais e/ou cirúrgicos – o que não acontece na CID-11, que adota como parâmetro a “incongruência de gênero”. Os autores reafirmam a importância da retirada da transgeneridade do capítulo de transtornos mentais, conforme realizado na 11ª revisão da CID, o que, segundo eles, traz importantes implicações clínicas e políticas, como a oferta de saúde em tempo hábil e em diferentes ambientes, podendo contribuir para a diminuição de procedimentos realizados de maneira desassistida, precária e de alto risco para a saúde e integridade das pessoas trans.

Ainda assim, lembramos que, historicamente, a psicologia tem contribuído para a construção de critérios diagnósticos e nosológicos e protocolos de atenção às pessoas trans. Esse processo nem sempre se dá de maneira crítica, muitas vezes reproduzindo, de modo mais ou menos explícito, concepções tradicionais de gênero e normalidade, relegando a transgeneridade ao campo da patologia. A própria presença desses diagnósticos nos manuais classificatórios é perpassada por contradições, pois, se podem, por um lado, auxiliar no reconhecimento de direitos e cuidados, por outro, podem implicar na negação da dignidade, da autodeterminação e da autonomia dessas pessoas, revelando modelos estigmatizantes, hierárquicos e normalizadores de controle da vida (Martínez-Guzmán & Prado, 2015; Tenório & Prado, 2016).

Sobre os trabalhos de Rodríguez-Molina et al. (2015) e Sequeira et al. (2023), podemos afirmar que as avaliações de pessoas trans podem variar de acordo com a experiência profissional, as limitações institucionais e as características de cada caso clínico. Dada a pluralidade das experiências trans, mas também as violências que, muito comumente, essas pessoas vivenciam ao longo de suas experiências, os autores defendem processos de avaliação singulares, adaptados a cada caso, que possam considerar aspectos como demanda, histórico familiar, social, escolar e profissional, traumas na infância/adolescência, identidade, orientação sexual,

psicopatologias, esquema e satisfação corporal, reações emocionais e impactos dos processos de transição para o indivíduo.

Ainda, embora Rodríguez-Molina et al. (2015) cite tanto estudiosos que defendem que a transexualidade pode resultar de traumas infantis e/ou de famílias desadaptadas quanto autores que não encontraram qualquer relação entre essas variáveis, julgamos relevante mencionar o nosso posicionamento de que essa crença causal é discriminatória e patologizante no que tange às existências trans e, portanto, não deve ser reforçada. Assim, entendemos a transvestigeneridade como uma das múltiplas possibilidades da vivência humana, não constituindo transtorno mental, desvio e/ou inadequação (Conselho Federal de Psicologia, 2018, 2023; Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2019). No entanto, concordamos com a afirmação dos autores de que tais informações se fazem de importante investigação, tendo em vista as diferenças de prevalência em termos de violências e sofrimentos que acompanham a experiência de pessoas trans.

Ghorbanian et al. (2022) buscaram investigar as possibilidades identitárias de pessoas trans (no que tange a gênero, orientação sexual, raça/etnia, status de relacionamento e religiosidade) por meio de um questionário on-line. Acreditamos que o aspecto inovador do trabalho reside na possibilidade de atribuir outras identificações, para além das pré-indicadas, assim como assinalar múltiplas possibilidades em um mesmo item. Esse desenho metodológico, embora pareça simples, permitiu a emergência de respostas complementares em todas as perguntas, como “trigênero”, “mente aberta, mas atraída por mulheres cis muito femininas”, “leste europeu (brancos nos Estados Unidos, minoria étnica em casa)”, “relacionamento semiaberto de longo prazo com uma pessoa” e “bruxa ateia”, em tradução livre – ou seja, possibilidades que não seriam captadas adequadamente por rótulos e listas fechadas, rígidas e preestabelecidas. Os autores argumentam que o reconhecimento e a validação de identidades menos visíveis podem contribuir para incluir e melhor compreender as nuances identitárias, bem como mitigar a opressão social e o estresse minoritário para o participante devido à ausência de representatividade.

De modo geral, os instrumentos investigados demonstraram-se confiáveis, úteis e válidos para a realidade de pessoas trans. Ainda, reconhecemos, tais como nos diferentes trabalhos apresentados, as potencialidades das pesquisas realizadas, no que tange não apenas à criação de novos instrumentos, mas à qualificação daqueles já existentes às singularidades da população trans. Salientamos, tal como

os autores, a necessidade de estudos adicionais, que podem trazer contribuições ao considerar estas e outras faixas etárias, quadros clínicos, situações não clínicas, entre outros.

Contudo, inspirados em Tenório e Prado (2016), consideramos também relevante a reflexão sobre se as práticas psicológicas têm se situado em um campo de apego à normatização ou se, de fato, têm contribuído para a escuta e o cuidado integral das pessoas trans. Assim, endossamos a necessidade de saberes e práticas compreensivas e contextualizadas, em lugar de meramente normativas e protocolares, com o objetivo de promover cuidados mais amplos e respeitosos a essa população.

### **Intervenções psicológicas**

Onze dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 25,58%) versavam sobre intervenções psicológicas. A autoria, o ano e o título dos artigos são listados na Tabela 2.

**Tabela 2**

*Artigos incluídos: categoria intervenções psicológicas*

| Autoria (Ano)               | Título                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Huffman et al. (2021)       | Workplace support and affirming behaviors: Moving toward a transgender, gender diverse, and non-binary friendly workplace                                                |
| King e Gamarel (2021)       | A Scoping Review Examining Social and Legal Gender Affirmation and Health Among Transgender Populations                                                                  |
| Thompson-Blum et al. (2021) | Experiences of Transgender Participants in Emergency Departments: Findings from the OutLook Study                                                                        |
| Correro et al. (2022)       | Neuropsychological Assessment with Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer/Questioning (LGBTQ+) Individuals: Practice, Education, and Training Survey                 |
| Javier et al. (2022)        | Surgical satisfaction and quality of life outcomes reported by transgender men and women at least one year post gender-affirming surgery: A systematic literature review |
| Malpas et al. (2022)        | Family-Based Interventions with Transgender and Gender Expansive Youth: Systematic Review and Best Practice Recommendations                                              |
| Hedrick et al. (2022)       | A New Virtual Reality: Benefits and Barriers to Providing Pediatric Gender-Affirming Health Care Through Telehealth                                                      |

|                              |                                                                                                                                                             |
|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Petronelli e Ferguson (2022) | Into Inclusion: Increasing Trans-Inclusive Practices with Behavior Analysis                                                                                 |
| Bulut e Yorguner (2023)      | Unveiling Gender Dysphoria Experiences in Turkish Young Adults: Challenges, Perspectives, and Implications in Health Care Settings                          |
| Boekeloo et al. (2023)       | LGBTQ+ cultural-competence training effectiveness: Mental health organization and therapist survey outcome results from a pilot randomized controlled trial |
| Jedrzejewski et al. (2023)   | Regret after Gender Affirming Surgery: A Multidisciplinary Approach to a Multifaceted Patient Experience                                                    |

Os artigos abarcaram diferentes contextos, sobretudo de saúde, a fim de investigar a experiência de pessoas trans em serviços de saúde (Bulut & Yorguner, 2023), a experiência de telessaúde de uma clínica pediátrica interdisciplinar para jovens trans (Hedrick et al., 2022) e os fatores associados à evitação dos serviços de emergência por essa população (Thompson-Blum et al., 2021), assim como arrependimentos (Jedrzejewski et al., 2023) ou satisfação a longo prazo (Javier et al., 2022) após cirurgias de afirmação de gênero. Outro contexto com bastante destaque foi a formação profissional, cujos trabalhos buscaram considerar uma intervenção comportamental para uso de nomes e pronomes inclusivos (Petronelli & Ferguson, 2022), a eficácia de programas de educação continuada (Boekeloo et al., 2023) e aspectos da formação e prática de neuropsicólogos para a avaliação de pessoas LGBTQ+ (Correro et al., 2022). Em menor número, há trabalhos sobre o ambiente familiar (Malpas et al., 2022), laboral (Huffman et al., 2021) e social ou jurídico (King & Gamarel, 2021).

Os métodos utilizados foram diversos. Das pesquisas que se debruçaram sobre o contexto de saúde, Bulut e Yorguner (2023) realizaram comparações entre grupo experimental e controle, composto por pessoas trans e cis, respectivamente; Hedrick et al. (2022) conduziram revisões de prontuários, aplicaram questionários em pacientes e familiares e analisaram estatística e tematicamente os resultados; Thompson-Blum et al. (2021), por sua vez, aplicaram questionários on-line em pessoas trans e realizaram análises estatísticas dos dados. Nos trabalhos de cunho cirúrgico, Jedrzejewski et al. (2023) realizaram discussões grupais com trabalhadores de serviço de saúde e Javier et al. (2022) conduziram uma revisão sistemática da literatura.

Acerca do contexto de formação profissional, Petronelli e Ferguson (2022) realizaram uma pesquisa-intervenção comportamental, com estabelecimento de linha de base, gravações, observações, registros escritos e análise qualitativa; Boekeloo et al. (2023) realizaram um ensaio randomizado, com grupos de intervenção e controle, pesquisas de clima pré- e pós-intervenção e pesquisas de autoavaliação e análise estatística; e Corroero et al. (2022) aplicaram questionários em neuropsicólogos e, posteriormente, realizaram a análise estatística dos questionários.

Ambos Malpas et al. (2022), que pesquisaram intervenções familiares com jovens trans e suas famílias, e King e Gamarel (2021), que investigaram o papel da afirmação social e jurídica de gênero na saúde de pessoas trans, realizaram uma revisão sistemática da literatura. Huffman et al. (2021), que investigaram a relação entre pessoas trans e ambiente laboral, valeram-se de questionário on-line e análise estatística e de conteúdo.

Quanto às pesquisas que versam sobre a experiência vivida de pessoas trans em serviços de saúde, conclui-se que condutas como conscientização social, validação das identidades trans e o treinamento/acolhimento dos profissionais de saúde são cruciais para promover o acesso e reduzir adversidades vivenciadas nesses equipamentos (Bulut & Yorguner, 2023; Jedrzejewski et al., 2023). Exemplo emblemático das repercussões negativas de violências e desrespeito institucional pode ser localizado no trabalho de Thompson-Blum et al. (2021), no qual identificou-se que pessoas trans podem evitar os serviços de saúde em função de maus-tratos e experiências negativas vivenciadas nesses ou outros contextos, até mesmo em situações de emergência médica.

Ainda, desponta neste grupo o único entre os artigos incluídos que versa explicitamente sobre a pandemia de COVID-19, mais especificamente sobre a tele saúde; conforme discutido pelas autoras, embora tal modalidade tenha vantagens e desvantagens – quanto a possibilidades de acesso, conforto, construção de vínculo, prescrição de medicações e coleta de exames, por exemplo, o que requer estratégias e adaptações diversas (Hedrick et al., 2022) –, sabemos que, na prática, essa modalidade foi responsável por garantir algum nível de atendimento multiprofissional para diferentes públicos durante a pandemia, e não apenas para pessoas trans.

No quesito cirúrgico, identificou-se que tais procedimentos promovem qualidade de vida e bem-estar psicológico e sexual, havendo baixa incidência de

arrependimentos (Javier et al., 2022; Jedrzejewski et al., 2023). Lembramos, também, que as modificações corporais podem variar conforme o desejo singular de cada pessoa, pois nem todas as pessoas trans desejam cirurgias ou requerem os mesmos procedimentos. Não obstante, o desconforto com o próprio corpo pode resultar de sociedades que não concebem como válidos os corpos que escapam à binariedade hegemônica “macho/masculino” e “fêmea/feminino”, discriminando e violentando expressões dissidentes, isto é, impondo um padrão estético do que se considera socialmente aceitável e reconhecido, o que evidencia sofrimentos de ordem social em vez de uma suposta disforia intrassubjetiva (Tenório & Prado, 2016).

Acerca dos trabalhos que versam sobre formação profissional, consideramos estes bastante positivos, na medida em que apontam para uma preocupação com o preparo dos trabalhadores, sendo as questões LGBTQ+, sobretudo trans, uma lacuna comum na formação universitária (Correro et al., 2022). Assim, ao trabalhar esse tema, facilita-se que o profissional construa relações mais respeitosas e ambientes mais inclusivos, o que, afinal, contribui para o acesso, permanência, dignidade e saúde de pessoas trans. Portanto, os treinamentos realizados tiveram resultados positivos, no sentido de contribuir para maior conhecimento, segurança e práticas afirmativas por parte dos profissionais, como o uso correto de nomes e pronomes (Boekeloo et al., 2023; Petronelli & Ferguson, 2022).

No entanto, acreditamos ser prudente mencionar nossa descrença em intervenções que considerem unicamente aspectos cognitivos dos profissionais em detrimento dos sentidos afetivo-emocionais. Para ilustrar nossa perspectiva, pensemos em uma pessoa que sente que os equipamentos de saúde não são espaços que lhe pertencem. O mero fornecimento de informações sobre direitos ou o uso de pronomes inclusivos não necessariamente transforma os sentimentos de estranhamento e desconexão dessa pessoa e/ou os preconceitos dos profissionais, que podem exercer outras condutas discriminatórias e violentas. Tampouco o uso de nomes e pronomes corretos, por exemplo, implica uma leitura crítica da centralidade do gênero na sociedade ou o compromisso com a luta por transformações sociais mais amplas. Assim, concordamos com a afirmação de Aiello-Vaisberg (2017) de que trabalhar com sentidos afetivo-emocionais não se contrapõe, mas tampouco deve ser confundido com *ensinar*, cognitivamente, sobre direitos.

Acerca do contexto familiar, sabemos que, diferentemente do que acontece com outros marcadores sociais, como raça/etnia ou religiosidade – em que a família

e a vizinhança comumente compartilham da mesma característica ou credo, o que pode favorecer possibilidades de apoio e enfrentamento –, no caso de pessoas LGBTQIAPN+, é frequente que a família seja fonte de discriminação e violência (Drescher, 2014). Assim, frisamos a relevância de trabalhos com familiares e comunidade, como o de Malpas et al. (2022), que entendem tais vínculos como promotores de saúde física e mental para as pessoas trans. Ainda, consideramos relevante mencionar que os autores identificam múltiplas estratégias de intervenção, como psicoeducação, ênfase na importância do acolhimento e apoio familiar, facilitação do acesso a direitos e treinamentos para famílias e comunidades, bem como a conexão de jovens e cuidadores à comunidade trans.

No ambiente laboral, foi identificada a relevância do respeito e apoio dos supervisores e colegas para a satisfação das pessoas trans com o seu trabalho. Um clima organizacional positivo não apenas promove a saúde geral, mas também proporciona um espaço seguro e acolhedor para que possam expressar-se genuinamente. Assim, é fundamental promover ações que priorizem a diversidade e a inclusão nas empresas (Huffman et al., 2021), o que deve envolver diferentes atores, não apenas pessoas LGBTQIAPN+, e ir além de interesses meramente publicitários e/ou iniciativas pontuais, restritas, por exemplo, ao mês da diversidade.

O tema de ser reconhecido e apoiado em sua identidade de gênero também foi discutido por King e Gamarel (2021) a partir de uma perspectiva social (como o uso de nomes e pronomes corretos) e jurídica (incluindo previdência social, documentos e direitos diversos). Temos, aqui, valiosas contribuições, no sentido de destacar que as vivências trans não se restringem às intervenções biomédicas, sendo essas outras esferas igualmente relevantes para acessos e saúde integral dessa população.

Assim, apoio, reconhecimento e, consequentemente, a conscientização e treinamento de equipes profissionais foram considerados fundamentais para a garantia de inclusão e respeito à diversidade. Além disso, a multiplicidade dos contextos pesquisados também sugere que a atenção ao tema, embora se apresente mais frequentemente em interface com a área clínica – o que pode ser resultado do delineamento da revisão integrativa –, não deve se restringir estritamente a esse campo, visando a nutrir uma noção ampliada de saúde.

### Saúde sexual e reprodutiva

Seis dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 13,95%) versavam sobre saúde sexual e reprodutiva. A Tabela 3 apresenta as informações desses seis artigos.

**Tabela 3**

*Artigos incluídos: categoria saúde sexual e reprodutiva*

| Autoria (Ano)                 | Título                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Barrington et al. (2021)      | “I’ve Learned to Value Myself More”: Piloting an Adapted Multilevel Intervention for Transgender Women Sex Workers Living with HIV in the Dominican Republic                                              |
| Rogers et al. (2021)          | A retrospective study of positive and negative determinants of gamete storage in transgender and gender-diverse patients                                                                                  |
| Stuyver et al. (2021)         | Ten years of fertility treatment experience and reproductive options in transgender men                                                                                                                   |
| Gil-Llario et al. (2021)      | Sexual behavior and sexual health of transgender women and men before treatment: Similarities and differences                                                                                             |
| Paulino-Ramírez et al. (2022) | Serological Confirmed Syphilis Among Transgender Women in Dominican Republic                                                                                                                              |
| Reisner et al. (2023)         | Clinical and Behavioral Outcomes for Transgender Women Engaged in HIV Care: Comparisons to Cisgender Men and Women in the Centers for AIDS Research Network of Integrated Clinical Systems (CNICS) Cohort |

Entre os trabalhos desta categoria, a maioria alinha-se mais a aspectos da saúde sexual, como infecções sexualmente transmissíveis – ISTs (Barrington et al., 2021; Paulino-Ramírez et al., 2022; Reisner et al., 2023) e comportamentos sexuais (Gil-Llario et al., 2021), enquanto os demais versam sobre aspectos reprodutivos, como armazenamento de gametas (Rogers et al., 2021) e tratamento de fertilidade por doação de esperma (Stuyver et al., 2021).

Sobre os métodos empregados, um dos trabalhos consistiu em uma pesquisa-intervenção, acompanhada de entrevistas e análises qualitativa e quantitativa dos resultados (Barrington et al., 2021); dois trabalhos analisaram prontuários médicos,

tendo um efetuado análises qualitativas (Rogers et al., 2021) e o outro, quantitativas, com o acréscimo de entrevistas (Stuyver et al., 2021); dois conduziram análises estatísticas de questionários (Gil-Llario et al., 2021; Paulino-Ramírez et al., 2022) – com a peculiaridade de que Paulino-Ramírez et al. (2022), em um estudo multiprofissional, também realizaram testagens sorológicas para sífilis nas participantes; e um último analisou um banco de dados por meio de métodos estatísticos (Reisner et al., 2023).

Ao considerar a saúde sexual, percebe-se que mulheres trans são aquelas com maiores índices de disforia e dificuldades no exercício de sua sexualidade, apresentando menores níveis de desejo sexual, masturbação, excitação sexual sem orgasmo e saúde sexual geral (Gil-Llario et al., 2021). Além disso, quando consideradas as infecções sexualmente transmissíveis, essas mulheres apresentam maior número de incidência, uso de substâncias psicoativas, níveis de ansiedade e menor adesão a tratamentos (Reisner et al., 2023). Surgem como fatores relevantes de correlação a idade, a baixa escolaridade, o trabalho sexual, o histórico de prisão e a exposição à violência (Paulino-Ramírez et al., 2022).

Diante disso, salienta-se a relevância do estudo conduzido por Barrington et al. (2021), cujas autoras desenvolveram uma intervenção junto a mulheres trans profissionais do sexo que vivem com HIV (vírus da imunodeficiência humana). Localizamos nessa proposta uma intervenção multinível, que envolveu aconselhamento individual, navegação entre pares (as participantes foram referenciadas a pessoas da própria comunidade para auxílio em encaminhamentos médicos, apoio emocional, informativo etc.) e mobilização comunitária (oficinas facilitadas por pessoas da própria comunidade com fins de interação, coesão, confiança, desenvolvimento de competências e reflexão crítica sobre as dificuldades vivenciadas). Ou seja, para além da atenção e cuidados clínicos, fortaleceu-se o apoio emocional, instrumental e informativo também a nível grupal/social, o que se mostrou importante para a construção de vínculo e um compromisso coletivo pelo bem-estar da comunidade.

No que se refere aos aspectos reprodutivos, Stuyver et al. (2021) apontam o desconhecimento de participantes sobre suas opções reprodutivas, revelando ausência dessa discussão nos processos de cuidado com pessoas trans. Situação semelhante foi constatada em Rogers et al. (2021), que detectaram a presença de barreiras financeiras, geográficas e subjetivas (baixa autoestima e dificuldade em

imaginar um sistema de saúde receptivo, por exemplo, prejudicando a procura), o que denuncia procedimentos muitas vezes de alto custo, concentrados em grandes centros e, corriqueiramente, com equipes despreparadas para lidar com a transgeneridade.

Em suma, os artigos referem singularidades na população trans no que tange às experiências disfóricas, que afetam a vida sexual com a parceria e a saúde sexual geral (Gil-Llario et al., 2021); às incidências de ISTs, que se associam às complexas experiências de violências e exclusões vivenciadas e demandam campanhas de educação e saúde pública singulares, amplas e multifacetadas (Barrington et al., 2021; Paulino-Ramírez et al., 2022; Reisner et al., 2023); e em relação a questões reprodutivas, como desconhecimento, barreiras e diferentes motivações para armazenar (ou não) gametas – por exemplo, não querer adiar o tratamento hormonal (Rogers et al., 2021; Stuyver et al., 2021). Ou seja, pesquisas e intervenções com essa população devem considerar as suas particularidades.

Além disso, o conjunto de produções deixa explícito que o direito à saúde sexual e reprodutiva permanece um privilégio restrito a apenas alguns grupos, evidenciando a necessidade de transformações estruturais. Fica nítido, nesse conjunto de trabalhos, que a saúde sexual e reprodutiva precisa ser considerada a partir da interposição entre *universal*, visto que todas as pessoas, sem discriminações, têm direito a uma conjuntura de vida suficiente para assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar – conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (United Nations High Commissioner For Human Rights, 1948), apenas para citar um exemplo –, e *singular*, tendo em vista que as pessoas não são iguais e, portanto, têm necessidades distintas, o que deve ser constantemente (re)pensado para a garantia efetiva de acesso às mesmas oportunidades (Barros & Sousa, 2016), visando a assegurar o direito à saúde e a uma vida plena.

### **Saúde/doença mental**

Sete dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 16,28%) versavam sobre saúde/doença mental. São eles:

**Tabela 4***Artigos incluídos: categoria saúde/doença mental*

| Autoria (Ano)               | Título                                                                                                                                              |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tan et al. (2021)           | Enacted stigma experiences and protective factors are strongly associated with mental health outcomes of transgender people in Aotearoa/New Zealand |
| Lindley et al. (2021)       | Using a Comprehensive Proximal Stress Model to Predict Alcohol Use                                                                                  |
| Arvind et al. (2022)        | Social strain, distress, and gender dysphoria among transgender women and Hijra in Vadodara, India                                                  |
| Rasmussen et al. (2023)     | Eating disorder symptomatology among transgender individuals: a systematic review and meta-analysis                                                 |
| Cisek e Rogowska (2023)     | The Relationship between Minority Stress and Depressive Symptoms in the LGBTQA Population from Poland                                               |
| Heiden-Rootes et al. (2023) | A scoping review of the research literature on eating and body image for transgender and nonbinary adults                                           |
| Kramer et al. (2024)        | Eating disorder symptoms among transgender and gender diverse youth                                                                                 |

Os trabalhos desta categoria articularam o tema de saúde/doença mental com estigmas vivenciados (Tan et al., 2021), uso problemático de álcool (Lindley et al., 2021), disforia (Arvind et al., 2022), transtornos alimentares (Heiden-Rootes et al., 2023; Kramer et al., 2024; Rasmussen et al., 2023) e depressão (Cisek & Rogowska, 2023). Sobre os métodos empregados, um dos estudos analisados realizou análise estatística de banco de dados (Tan et al., 2021), três aplicaram questionários/escalas e realizaram análise estatística desses (Cisek & Rogowska, 2023; Kramer et al., 2024; Lindley et al., 2021), um empregou de método misto, combinando análise estatística de escalas e análise temática de entrevistas (Arvind et al., 2022) e dois efetuaram revisões de literatura (Heiden-Rootes et al., 2023; Rasmussen et al., 2023).

O trabalho de Tan et al. (2021) revelou que o estigma sofrido por pessoas trans em contextos interpessoais e estruturais correlaciona-se ao adoecimento mental e a maiores taxas de suicídio. Por outro lado, apoio de amigos/familiares e sentimento de pertença à vizinhança e à comunidade trans despontaram como fatores protetores. Revela-se, assim, imprescindível abordar o estigma enfrentado por essa população, além de fortalecer a conscientização, o apoio social e políticas sociais inclusivas.

O estudo supracitado é endossado por Lindley et al. (2021), que sugerem que pessoas que experimentam níveis elevados de estresse proximal<sup>15</sup>, como é o caso de pessoas trans, são mais propensas a buscarem álcool para lidar com o sofrimento, tornando o componente social de importante consideração. Contudo, pouco se fala de mudanças estruturais, sendo as propostas de intervenção restritas ao desenvolvimento de habilidades positivas de enfrentamento e inserção de pessoas trans em redes de apoio social.

No tema da disforia, Arvind et al. (2022) estudaram as Hijras, uma identidade indiana que faz referência às devotas da deusa Hindu Bahuchara Mata, cuja tradição associa-se a indivíduos intersexo e transgêneros. As autoras concluíram que o sofrimento vivenciado por tais pessoas se relaciona com as tensões sociais e os fatores culturais e não com a sua identidade em si. Tais resultados, conforme argumentam, fortalecem movimentos de despatologização e de retirada da transgeneridade dos manuais classificatórios de transtornos ou patologias.

Acerca do tema de transtornos alimentares, quadro com maior número de investigação nesta categoria (três estudos), as pesquisas divergiram se esses são mais comuns em homens ou mulheres trans, ainda que concordem ser mais comuns nesses grupos em comparação à população cisgênera. O quadro geral revela que os comportamentos alimentares e/ou de exercícios físicos podem ser utilizados para objetivos distintos da população cis, como atender/mascarar ideais de gênero de forma e tamanho corporal e supressão puberal ou menstrual. Ainda, os procedimentos de afirmação de gênero podem aliviar transtornos alimentares e de imagem corporal – embora existam limitações, dado o estigma social e a discriminação sofridos por essa população (Heiden-Rootes et al., 2023; Rasmussen et al., 2023). Somado a isso, Kramer et al. (2024) não encontraram, em pesquisa com jovens trans, correlação entre transtorno alimentar e uso de hormônios.

Sobre o tema da depressão, Cisek e Rogowska (2023) identificaram que fontes de estresse minoritário (oriundo, por exemplo, de assédio e discriminação) podem prever taxas de depressão, sendo estas significativamente elevadas em toda a comunidade LGBTQA, especialmente no caso de dupla identidade – ou seja,

---

<sup>15</sup> Pensamentos e sentimentos que se desenvolvem como resultado de violência, discriminação e preconceitos vivenciados. São exemplos de estresse proximal a transfobia internalizada, a crença antecipada de que se será estigmatizado/hostilizado e a ocultação da própria identidade (Lindley et al., 2021).

pertencer concomitantemente a uma identidade de gênero e a uma orientação sexual minorizadas, como ser trans e lésbica. Ainda, os autores defendem a necessidade de estratégias de prevenção e intervenção em escolas<sup>16</sup>, meios de comunicação social e saúde, visando a lidar com as fontes de estresse minoritário, sobretudo no caso de dupla identidade.

De modo geral, entende-se que situações sociais como estigma, discriminação, assédio e estresse proximal contribuem para o adoecimento mental, que impacta diferencialmente pessoas trans. Assim, tal adoecimento teria origem social, argumento que fortalece movimentos de despatologização da transgeneridade. As intervenções variam quanto à consideração de habilidades individuais para o enfrentamento de adversidades ou a superação de contextos macrossociais violentos e discriminatórios. De todo o modo, o apoio social se destaca como um importante fator de proteção para a saúde mental. Acrescenta-se a necessidade de apoio, conscientização e políticas públicas inclusivas, além de intervenções em diferentes contextos, como escolas, meios sociais mais amplos e serviços de saúde.

### Aspectos interseccionais

Oito dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 18,60%) versavam sobre aspectos interseccionais, isto é, valorizavam que marcadores sociais podem se sobrepor e organizar formas distintas de sofrimentos (Crenshaw, 2002), sendo eles:

**Tabela 5**

*Artigos incluídos: categoria aspectos interseccionais*

| Autoria (Ano)                    | Título                                                                                                                              |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Martínez-Guzmán e Johnson (2021) | Narratives of transphobic violence in the Mexican province of Colima: A psychosocial analysis                                       |
| Leon et al. (2021)               | Prevalence and Risk Factors for Nonsuicidal Self-Injury in Transgender and Gender-Expansive Youth at a Rural Gender Wellness Clinic |
| Galupo et al. (2021)             | “There Is Nothing to Do About It”: Nonbinary Individuals' Experience of Gender Dysphoria                                            |

<sup>16</sup> Recordamos que, no Brasil, a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5668 reconhece a obrigação de escolas públicas e particulares coibirem as discriminações por gênero e sexualidade, bem como o bullying e as violências de cunho machista e LGBTQIAPN+fóbico (Supremo Tribunal Federal, s.d.). Tal discussão remete também às violências enfrentadas por crianças e adolescentes – e não apenas por adultos –, ainda que estes(as) não integrem os participantes da presente pesquisa.

|                        |                                                                                                                                                      |
|------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sanfacon et al. (2021) | Cross-Sectional Analysis of Medical Conditions in the U.S. Deaf Transgender Community                                                                |
| Breslow et al. (2021)  | Toward Nonbinary Nuance in Research and Care: Mapping Differences in Gender Affirmation and Transgender Congruence in an Online National U.S. Survey |
| Gonzalez et al. (2022) | "A center for trans women where they help you": Resource needs of the immigrant Latinx transgender community                                         |
| Minero et al. (2022)   | Latinx trans immigrants' survival of torture in U.S. detention: A qualitative investigation of the psychological impact of abuse and mistreatment    |
| Tan et al. (2022)      | "Being Trans Intersects with My Cultural Identity": Social Determinants of Mental Health Among Asian Transgender People                              |

As referidas pesquisas consideram a intersecção da transgeneridade com vivências interioranas (Martínez-Guzmán & Johnson, 2021) ou em áreas rurais (Leon et al., 2021), não-binariedade (Breslow et al., 2021; Galupo et al., 2021), surdez (Sanfacon et al., 2021) e imigração (Gonzalez et al., 2022; Minero et al., 2022; Tan et al., 2022). Quanto aos métodos utilizados, três pesquisas realizaram entrevistas e análise temática (Gonzalez et al., 2022; Martínez-Guzmán & Johnson, 2021; Minero et al., 2022), três efetuaram análise estatística de banco de dados (Breslow et al., 2021; Leon et al., 2021; Tan et al., 2022) e duas aplicaram questionários, sendo que uma realizou análise de conteúdo e temática (Galupo et al., 2021) e outra analisou estatisticamente os resultados (Sanfacon et al., 2021).

Levando em consideração as experiências de se viver fora dos centros metropolitanos ou em áreas rurais, verifica-se que contextos sociais, como família, educação, comunidade LGBTQIAPN+ e segurança pública, podem ser locais de apoio ou violência transfóbica (Martínez-Guzmán & Johnson, 2021), o que se articula com diversos sofrimentos e comportamentos, como a autolesão (Leon et al., 2021). Em nossa trajetória pessoal e profissional, verificamos que essas experiências também podem ser acompanhadas por desigualdades de acesso, por exemplo, a grupos de apoio ou equipamentos de saúde, assim como o perfil conservador de muitas cidades.

Sobre a não-binariedade, optamos por considerá-la uma intersecção, uma vez que, para além de não se identificarem com o gênero atribuído ao nascimento, pessoas não binárias também rompem o binarismo homem/mulher ou masculino/feminino. Os trabalhos demonstram singularidades em relação às pessoas trans binárias, o que deve ser considerado em avaliações e intervenções institucionais. São exemplos dessas particularidades o desejo de um corpo

andrógino/fluído; flutuações da disforia de acordo com a vivência de gênero imediata; a desesperança quanto à solução da disforia, visto que os procedimentos existentes são insuficientes ou gerariam novas fontes de sofrimento, como no caso de não se desejar nem um pênis nem uma vulva ou poder alterar a forma do corpo para mais andrógina, mas isso também repercutir em mudanças na voz de maneira indesejada (Galupo et al., 2021); taxas mais baixas de congruência de gênero, sobretudo de aparência, do que pessoas trans binárias; realização de menos processos de afirmação de gênero, como transições sociais, legais, corporais etc.; e maior abertura à fluidez e rejeição ao binarismo além da identidade de gênero, como no exemplo do poliamor (Breslow et al., 2021).

Acerca da surdez, revelam-se barreiras no acesso a informações e serviços de saúde. Isto é, o fato de ser trans e surdo pode agravar dificuldades, violências, estigmas e discriminações. Assim, não surpreende que a comunidade trans surda tenha maior risco de desenvolver doenças físicas e mentais quando comparada a essas populações isoladamente ou à população geral (Sanfacon et al., 2021).

Em interface com a imigração, identificamos dificuldades comuns à população trans, como altas taxas de sofrimento psicológico, uso de substâncias, discriminações, falta de apoio social e barreiras nos cuidados com saúde, educação, aspectos financeiros e habitacionais. Todavia, existem particularidades na intersecção com o referido marcador, como necessidades de documentações e assistência jurídica, dificuldades linguísticas, possibilidade de discriminação em distintos grupos – tanto trans, pela raça/etnia, como étnico-racial, em decorrência da identidade de gênero (Gonzalez et al., 2022; Tan et al., 2022), bem como detenções –, experiência que, no trabalho de Minero et al. (2022), foi acompanhada por condições debilitantes, abusivas e torturantes, negligência ao acesso às necessidades humanas básicas e cuidados médicos, além de práticas de isolamento e confinamento como punição, o que contribuiu para repercussões psicológicas como traumas, ansiedade e depressão, ideação suicida e preferência pela autodeportação.

Assim, para um cuidado singular e integral, é fundamental a compreensão desses marcadores sociais. Acreditamos que somente desta maneira é possível o delineamento de pesquisas, intervenções e políticas públicas que, de fato, contribuam para a proteção, dignidade e saúde de pessoas trans em toda a sua pluralidade e em todos os contextos.

### Artigos brasileiros

Até o presente momento, pudemos investigar trabalhos oriundos de diferentes países, como Canadá, Espanha, Estados Unidos, México, Nova Zelândia, Polônia, Reino Unido, República Dominicana e Turquia. Contudo, sabemos que cada local tem suas particularidades e, embora esse conhecimento traga contribuições valiosas e úteis, pensamos ser relevante nos debruçarmos especificamente sobre os artigos brasileiros. Assim, propusemos esta categoria temática, a qual reúne apenas dois dos 43 artigos científicos incluídos (ou seja, 4,65%) e retratam o contexto brasileiro, independentemente de seus delineamentos poderem ser alocados em outras categorias aqui sugeridas. Os artigos são listados na Tabela 6.

**Tabela 6**

*Artigos incluídos: categoria artigos brasileiros*

| Autoria<br>(Ano)     | Título                                                                                                                                                         |
|----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Luz et al.<br>(2022) | Association of Discrimination, Violence, and Resilience with Depressive Symptoms Among Transgender Women in Rio de Janeiro, Brazil: A Cross-Sectional Analysis |
| Cortes et al. (2022) | Therapeutic Itinerary of Trans Men from Northeastern Brazil                                                                                                    |

No que se refere aos objetivos e ao método, Luz et al. (2022) investigam o papel da resiliência nas experiências de violências e discriminações com sintomas depressivos em mulheres trans, por meio de análise estatística de banco de dados, ao passo que Cortes et al. (2022) abordam a vivência de homens trans no acesso à saúde, utilizando-se, para tanto, de entrevistas e análise temática. Faremos, a seguir, uma apreciação de ambos os trabalhos.

Luz et al. (2022) identificaram violências/discriminações na experiência de quase todas as mulheres trans cujas informações compõem o banco de dados pesquisado. Esse cenário apresenta forte associação com sintomas depressivos, representando um grande risco para a saúde mental. A resiliência constituiu-se como uma variável independente, desempenhando o papel de fator protetor contra os sintomas investigados. Assim, as autoras defendem a prioridade de intervenções para eliminar a discriminação/violência contra mulheres trans, mas também abordagens

individuais e coletivas, com o intuito de aumentar a resiliência e a capacidade de enfrentamento dessas situações.

Valorizamos as contribuições das pesquisadoras sobre as repercussões psicológicas das experiências de discriminação/violência na vida de mulheres trans, assim como a proposta de estratégias de promoção de saúde mental e bem-estar para essa população. Contudo, dois pontos nos geram incômodo no referido trabalho. Primeiramente, embora apresentem dados sociodemográficos, como idade, raça/cor, escolaridade, renda e HIV/Aids, pouco se discute sobre essas intersecções, sendo utilizadas apenas para caracterização da amostra, tornando as mulheres trans uma classe homogênea e amorfa e perdendo, assim, a oportunidade de reflexão sobre como essas experiências perpassam a vida dessas mulheres. Em segundo lugar, retrata-se o apoio social (abordagens coletivas) como mero promotor de resiliência e enfrentamento, isto é, prioriza-se, ao nosso ver, uma perspectiva endógena e metapsicológica, descolada das condições concretas nas quais transcorre a vida humana.

Cortes et al. (2022), por sua vez, identificaram três categorias temáticas na investigação do acesso à saúde por homens trans. A primeira, o “(auto)reconhecimento do mundo trans através da internet e das redes sociais”, sendo estas últimas espaços de reconhecimento, informação, troca de experiências e socialização. A segunda categoria, “a expressão da transidentidade masculina e a rede de (não)apoio”, retrata múltiplas possibilidades de apoio (ou não) por familiares, cônjuges, amigos, comunidade e sociedade; de modo geral, o apoio social relacionou-se com sentimento de pertença e satisfação com a vida e constituiu um fator protetor contra discriminações. Por fim, a terceira categoria, o “acesso ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde”, estabelece, como principais barreiras enfrentadas, o longo tempo de espera, as burocratizações exigidas, as violências/discriminações por parte de profissionais e a ausência de serviços locais, gerando ansiedade, falta de perspectiva, automedicação e intervenções em clínicas clandestinas.

Acreditamos que o referido estudo traz importante contribuição sobre os itinerários percorridos por homens trans no acesso à saúde. Permite-nos ter uma percepção sobre quem são e quais são suas experiências, desejos e realidades. Auxilia-nos, também, a localizar possíveis pontos de intervenção, como o

fortalecimento de informações de qualidade científica e profissional, apoio social, políticas públicas em saúde e formação profissional, por exemplo.

### **Considerações gerais sobre a revisão integrativa**

O quadro geral, diante dos 43 trabalhos incluídos nesta revisão integrativa da literatura científica, que versa sobre psicologia clínica e transgeneridade na atualidade, revela um interesse considerável na temática, tendo em vista a existência de diversas pesquisas sobre o assunto, com diferentes objetivos e perspectivas epistêmico-metodológicas, tendo prevalecido as de metodologia quantitativa. Há grande prevalência de artigos em inglês, praticamente inexistindo trabalhos nos idiomas latino-americanos, o que traz limitações, a nosso ver, na discussão do assunto nesses territórios, visto dificultar o acesso de estudantes e população geral a essa produção. Ainda, aponta-se para outro problema que possa vir a existir: o uso do sul-global na produção de conhecimento científico, sem um retorno real dos benefícios desses trabalhos.

Há o predomínio de posicionamentos de defesa e inclusão de pessoas trans, da singularidade de cada caso, da consideração de contextos macrossociais e de intervenções multidisciplinares e multiníveis. Em menor número, existem trabalhos que individualizam e atribuem exclusivamente às pessoas trans a superação de suas dificuldades. Tratando especificamente dos artigos que retratam o contexto brasileiro, um deles alinha-se a um paradigma metapsicológico e o outro, a um paradigma crítico (Guba & Lincoln, 1994). De modo geral, reconhece-se, nos trabalhos, as barreiras e conjunturas sociais violentas e opressivas, que corroboram para repercussões negativas na saúde de pessoas transvestigêneres. Contudo, as apreensões e intervenções variam no que tange ao respeito à autonomia, à consideração dos sentidos afetivo-emocionais de indivíduos e coletivos e à compreensão das vivências trans.

É importante destacar o compromisso de parte da categoria profissional da psicologia brasileira, como ciência e profissão, com a temática de gênero e sexualidade, o que se revela em uma série de produções do Sistema Conselhos sobre o assunto<sup>17</sup>. No entanto, apesar da maior abertura desses profissionais para a

---

<sup>17</sup> Citamos, como exemplos, a Resolução CFP 01/1999, sobre a atuação em relação à questão da orientação sexual; a Resolução CFP 01/2018, sobre a atuação em relação às pessoas transexuais e travestis; a Resolução CFP 08/2020, sobre o exercício profissional em relação às violências de gênero;

despatologização e a defesa dos direitos humanos, ainda hoje encontramos ambiguidades na psicologia clínica, ora criticando as normativas de gênero, ora contribuindo para a sua perpetuação e negligenciando, por vezes, uma análise crítica da realidade social<sup>18</sup> – o que também se mostrou verdadeiro nesta revisão.

Por fim, acreditamos ser de suma importância mencionar que, além das publicações já mencionadas, nove entre os trabalhos excluídos versavam sobre formação profissional, sendo sete de medicina e dois de enfermagem (Burgart et al., 2022; Goetz et al., 2021; Guerin, 2021; Howson et al., 2021; Kelly-Schuetz et al., 2021; Mont et al., 2021; Qin et al., 2021; Shires et al., 2022; Silverberg et al., 2021). Nestes, há um consenso sobre a importância da formação acadêmica nos cuidados com pessoas trans, o que acreditamos ser fundamental na psicologia, sobretudo quando não restrito a um viés meramente conteudista, integrando-se também a dimensão afetivo-emocional de estudantes e profissionais acerca desse tema.

---

a Resolução CFP 08/2022, sobre a atuação em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais; as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues em Políticas Públicas para População LGBTQIA+, de 2023, que visa a orientar a categoria profissional sobre a temática; e a Resolução CFP 16/2024, sobre a atuação em relação às pessoas intersexo (Conselho Federal de Psicologia, 1999, 2018, 2020, 2022a, 2023, 2024).

<sup>18</sup> Resultados semelhantes foram encontrados por Silva (2021), em revisão de literatura sobre psicologia, transgeneridade e perversão; Gasparini e Falcke (2018), em investigação acerca das crenças e preconceito de psicólogos/as brasileiros/as sobre diversidade sexual e de gênero; e Pacheco (2017), em revisão de literatura na interface entre Psicologia e Transexualidades.

## CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e empírica, vale-se do método fenomenológico proposto pelo filósofo alemão Edmund Husserl (2002/2006). Ademais, situa-se na trajetória do grupo de pesquisa Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em particular do subgrupo orientado pela Profa. Dra. Vera Engler Cury, que há mais de duas décadas vem desenvolvendo pesquisas que

intentam investigar modalidades de intervenções psicológicas socialmente contextualizadas, praticadas na atualidade por psicólogos brasileiros em instituições e nas comunidades, assim como compreender como se estruturam as experiências intersubjetivas vividas por profissionais e usuários/clientes nas áreas clínica e da saúde, sob uma perspectiva que integra a Psicologia Humanista, mais especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa, e a Fenomenologia clássica de Edmund Husserl (Cury, 2021, p. 93).

Em outras palavras, almejamos produzir conhecimento clínico e compreensivo – neste caso, acerca da experiência vivida de pessoas transgênero – que seja relevante tanto para intervenções psicológicas, em perspectivas preventivas e interventivas, quanto para os movimentos sociais, em prol de uma sociedade radicalmente humanista e inclusiva. Para tanto, acreditamos ser fundamental, na psicologia, nutrirmos posicionamentos teórico-metodológicos que sejam éticos, críticos e contextualizados e que valorizem a intersubjetividade e potencialidade de indivíduos e coletivos (Cury, 2021) em detrimento de concepções que tomam os fenômenos humanos como naturais e descolados dos contextos sociais, históricos e políticos (Bleger, 1963/2007).

Destacamos que a pesquisa aqui realizada foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 76286923.1.0000.5481. Disponibilizamos tal documento nos anexos, ao final deste trabalho (Anexo A).

No intuito de melhor comunicar nossa perspectiva teórico-metodológica, organizamos este capítulo em três partes. A primeira, intitulada “O uso da fenomenologia como método”, discorre sobre o método fenomenológico proposto por Husserl, que fundamenta esta pesquisa. A segunda, intitulada “Procedimentos investigativos”, operacionaliza o caminho percorrido ao longo do processo de investigação. A terceira e última, intitulada “Abordagem Centrada na Pessoa: atitudes facilitadoras”, aborda as valiosas contribuições de Carl Rogers acerca da facilitação da relação terapêutica, condições que foram adotadas pelo pesquisador durante os encontros dialógicos.

### **O uso da fenomenologia como método**

Edmund Husserl (1859-1938) nasceu em Prosnitz, na Morávia (atualmente, parte da República Tcheca). Estudou Matemática, Física e Astronomia em cidades como Viena (Áustria), Olmutz (República Tcheca), Leipzig (Alemanha) e Berlim (Alemanha). Doutorou-se na Universidade de Viena, com a tese intitulada “Sobre o cálculo das variações”. Foi aluno do filósofo Franz Brentano, tendo sido recomendado por este para realizar livre-docência na Universidade de Halle, Alemanha, onde desenvolveu a fenomenologia, que será amadurecida posteriormente em sua vida e trará importantes contribuições para diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia. Morreu em 27 de abril de 1938, aos 79 anos, em função de problemas de saúde (Zilles, 1996/2002).

O leitor curioso pode se perguntar: mas como alguém com formação em matemática, física e astronomia adentrou a filosofia e trouxe contribuições para a psicologia? Sobre isso, Vargas e Bastos (2013) enfatizam que Husserl buscou, inicialmente, “uma fundamentação racional das matemáticas a partir da compreensão da cognição na consciência” (pp. 56-57). Em outros termos, Husserl, por meio dos atos de percepção e compreensão da consciência, buscou entender como se dá a constituição do conhecimento matemático. No entanto, ao buscar respostas para as suas inquietações, deparou-se com uma ciência positivista, calcada nas ciências naturais e na determinação exterior das condutas do ser humano (Goto et al., 2018). Nas palavras do autor:

A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivistas, e cegar pela “*prosperity*” a elas

devida, significou um virar as costas indiferente às questões que são as decisivas para uma humanidade genuína. Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos. (...) Na urgência de nossas vidas – ouvimos – esta ciência nada nos tem a dizer. Ela exclui de um modo inicial justamente (...) as questões [que são] prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda esta existência humana (Husserl, 1954/2012, p. 3).

Constatamos, assim, uma crítica contundente de Husserl ao fazer científico abstrato e positivista da época, que, na visão dele, abandonou a subjetividade e falhou em se debruçar genuinamente sobre a vida psíquica. Esse posicionamento pode ser observado em sua obra, na qual, em um primeiro momento, critica-se o psicologismo e a psicologia científica; em uma segunda etapa, é organizada uma “psicologia fenomenológica”; e, por fim, desenvolve-se a maturação radical desta, a ponto de Husserl afirmar não existir uma psicologia pura como ciência positiva, uma vez que a vida psíquica humana não pode ser reduzida a um mero organismo fisiológico, devendo-se, portanto, transcender a relação psicofísica (Goto et al., 2018; Husserl, 1954/2012).

Em suma, talvez o aforismo que melhor descreva os esforços de Husserl seja “voltar-se para” (Husserl, 2002/2006, p. 91) ou “voltar às coisas mesmas” – movimento que consiste na “retomada ao mundo prévio às teorizações, a um mundo que é vivo” (Goto et al., 2018, p. 45). De acordo com Husserl (1986/2020), são característicos da atitude natural, que costumamos nutrir na percepção cotidiana do mundo, os julgamentos e juízos de valor. Estes têm sua utilidade na vida prática; porém, para a produção de conhecimento genuíno sobre os fenômenos, é necessária uma modificação radical, em busca de alcançar uma atitude fenomenológica. Husserl descreve, para essa atitude, duas etapas: a redução eidética e a redução transcendental. Buscaremos explicitar cada uma delas a seguir.

Segundo Husserl, para entender o sentido dos fenômenos, isto é, alcançar uma atitude fenomenológica, é necessário, em um primeiro momento, a realização da redução eidética, ou seja, colocar “entre parênteses” (*epoché*) os apriorismos característicos da atitude natural (Bello, 2006; Husserl, 1954/2012). Vale acrescentar que:

Quando Husserl propunha isto, muitos diziam que não se pode colocar entre parênteses a existência no sentido de que não se pode negar a existência. Mas Husserl não estava negando a existência, mas se referia à existência como fato positivista. (Bello, 2006, p. 93).

O que Husserl buscava, então, na redução eidética era afastar-se da existência como fatualidade. Isso se faz necessário em função do seu interesse não por teorias e crenças *a priori*, mas pela sua compreensão do sentido daquilo que se manifestava. Somente assim é viável um movimento de abertura ao que possa vir a ser uma forma mais original e profunda de conhecimento, em contraposição à ciência positivista (Cury, 2021; Husserl, 1954/2012).

Após esse processo, pode-se avançar, então, para a redução transcendental. Depois do contato íntimo e profundo com o fenômeno, o fenomenólogo pode, enfim, proceder com a sua tarefa específica, isto é, a “análise dessa esfera e daquilo que nela efetivamente se dá” (Zilles, 1996/2002, p. 18) – ou seja, a busca por produzir conhecimento compreensivo acerca do mundo e do próprio ser humano partindo do mundo vivido, da experiência vivida, não de teorias e ideias preestabelecidas, que são tecidas apenas posteriormente.

Devemos reconhecer que o campo da fenomenologia enquanto filosofia e psicologia fenomenológica é amplo e complexo, tendo sido desenvolvido sob diferentes perspectivas por autores como Heidegger – discípulo de Husserl –, Sartre, Merleau-Ponty, Arendt, Beauvoir, entre outros. No entanto, Cabral e Casanova (2022) referem que o mais importante na fenomenologia é o “espírito fenomenológico”, a saber, justamente “deixar e fazer ver aquilo que se mostra a partir de si próprio” (p. 12). Entendemos a potência radical desse compromisso, sobretudo quando aliado ao desafio ético-político de deixar emergir fenômenos que historicamente têm sido invisibilizados, subjugados e patologizados, como a vivência de pessoas transvestigêneres. Nessa seara, Trzan-Ávila (2022) nos recorda sobre a

necessidade de a reflexão crítica sobre preconceitos historicamente construídos e naturalizados se tornar o objeto de estudo privilegiado da(o) fenomenóloga(o), algo que acreditamos estar de acordo com uma das máximas da fenomenologia, a crítica a atitude natural e a busca de uma

atitude antinatural. Portanto, não cabe a nós esta atenção? Como ter uma atitude antinatural em meio a estruturas de opressão invisibilizadas e naturalizadas que obscurecem os fenômenos? (p. 110).

Consideramos valiosas as contribuições desse autor em seu texto “Pele colonial, máscaras fenomenológicas: quando a colonialidade nos impede de ver os fenômenos” (Trzan-Ávila, 2022). Estamos, enquanto pessoalidades individuais e coletivas, inseridos em contextos sociais e estruturais que se mostram importantes para o modo como apreendemos o mundo. Não é impossível, portanto, que compactuemos, em algum grau, ainda que de forma não consciente, com violências e opressões.

Por esse motivo, parece-nos ingênua a figura de um pesquisador que, com um salto de boa vontade apenas, despe-se de todos os seus pré-julgamentos. No entanto, em nossa concepção, esse fato de modo algum invalida o método fenomenológico. Apenas nos recorda que, enquanto movimento intencional de uma consciência para o mundo, numa relação intersubjetiva – conforme propunha Husserl (2002/2006) –, o que apreendemos será sempre uma interpretação de certa personalidade, circunscrita por experiências individuais e sociais. Portanto, é fundamental não apenas o exame dos sentidos afetivo-emocionais em que nos inserimos, mas também a contação de outras histórias, a fim de corrigir assimetrias e complementar o conhecimento sobre os fenômenos pesquisados (Adichie, 2009; Trzan-Ávila, 2022). Esperamos, nesta pesquisa, honrar esse compromisso, sendo mais uma das vozes a ecoar em razão das possibilidades existenciais de ser/estar no mundo, próprias da ontologia humana (Lukács, 1978/2013).

### **Procedimentos investigativos**

Nesta seção, descrevemos o percurso trilhado ao longo desta pesquisa. Este compreende a seleção de participantes, os encontros dialógicos, a escrita das narrativas (Compreensivas e Síntese), a interpretação do material de pesquisa e a discussão dos resultados.

A fim de cumprir o procedimento de seleção de participantes, convidamos, por meio de publicação nas redes sociais particulares do próprio pesquisador (Anexo B), a saber, *status* do WhatsApp e Instagram, pessoas adultas (maiores de 18 anos) que

se autoidentificavam como transgênero/transvestigêneres/trans e que estavam dispostas a participar voluntariamente da pesquisa. Os critérios de exclusão foram os seguintes: (a) não estar em condições psicológicas para relatar a sua experiência; e/ou (b) retirada do consentimento ao longo do trabalho. No entanto, nenhuma dessas situações ocorreu, de modo que nenhum participante foi excluído da pesquisa.

Os encontros foram individuais, com duração média aproximada de duas horas, em local físico conforme escolha do(a) participante ou, quando não foi possível, de modo virtual (via ferramentas do Pacote Office da Microsoft), utilizando equipamento e recursos pessoais e sempre prezando pelo sigilo profissional. O pesquisador priorizou o bem-estar do(a) participante, oferecendo um espaço para que este(a) pudesse expressar dúvidas e/ou inseguranças a respeito da pesquisa, podendo desistir da participação a qualquer momento, sem nenhum dano ou prejuízo.

Nos referidos encontros, os(as) participantes foram indagados se prefeririam iniciar pelo preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) e do Termo de Consentimento para Tratamento de Dados Pessoais (Anexo D) ou pela conversa sobre o tema de pesquisa. Em todo o caso, quando elegiam a segunda opção, as informações dos termos eram repassadas verbalmente e as dúvidas eram sanadas, a fim de resguardar os princípios éticos do trabalho. Ademais, visando a facilitar o diálogo sobre o tema, utilizou-se da seguinte expressão facilitadora: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?”<sup>19</sup>. Ao término, deu-se o preenchimento do questionário socioeconômico (Anexo E).

Denominamos esse momento de encontro dialógico pois ele se distingue de uma simples entrevista para coleta de informações. Corresponde, antes, a um esforço do pesquisador para estar verdadeiramente com o(a) participante, abrindo-se de forma autêntica a si mesmo e à relação, escutando profundamente, compartilhando afetos e ideias, buscando compreender a experiência a partir da perspectiva da própria pessoa (Brisola et al., 2017). Trzan-Ávila (2022) descreve tal processo como

a possibilidade de buscarmos nos aproximar de experiências muito distintas das nossas, em toda a sua potência e diversidade, buscar estar junto às dores [e amores] que algumas pessoas carregam por conta de sua raça, identidade de gênero ou orientação sexual, por exemplo (...) é ir além do que já

---

<sup>19</sup> Expressão facilitadora inspirada no verso “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, de Caetano Veloso.

conhecemos, é nos abriremos de verdade a estas experiências (pp. 102-103).

Por esse motivo, os encontros não foram gravados ou transcritos de forma literal. Brisola et al. (2017) nos recordam que o gravador pode dar uma certa sensação de segurança, de termos coletado todas as informações, mas isso pode nos distrair de estarmos, de fato, presentes, conscientes e abertos para aquela relação. Portanto, diferimos de outros tipos de pesquisa, inclusive fenomenológicas, que utilizam métodos oriundos das ciências positivistas, concentrando-se no “dado” (gravado ou transcrito, por exemplo). Almejamos, com a escrita de narrativas, preservar a riqueza e a profundidade do encontro intersubjetivo entre pesquisador e participante, de modo que a vitalidade processual desse acontecer seja mantida (Fadda & Cury, 2021).

Assim, imediatamente após cada encontro, ainda sob o impacto deste, o pesquisador escreveu, então, uma Narrativa Compreensiva, com o intuito de compartilhar o que foi vivenciado e empaticamente assimilado, inclusive os afetos suscitados. Trata-se de um texto em primeira pessoa, cujo foco não são os fatos em si, mas a experiência vivida por ambas as partes – recordações, impressões, ideias, sentimentos e emoções provenientes do encontro (Brisola et al., 2017; Cury, 2021).

Posteriormente, essas narrativas foram material para elaboração de um novo texto, denominado de Narrativa Síntese, que corresponde a um recurso facilitador de organização do que foi vivido, por meio da apreensão e registro, pelo pesquisador, dos elementos estruturantes do fenômeno. A bem da nitidez, se no momento anterior estávamos interessados em nos aproximar empaticamente para compreender a experiência vivida de cada participante, agora damos um “passo para trás” para compreender o que estes(as), enquanto pessoaalidade coletiva, compartilham, em um panorama mais amplo, acerca do fenômeno estudado. Assim, partimos das experiências dos(as) participantes e, movidos pela seguinte questão: “O que tudo isto me diz sobre a experiência deste fenômeno?” (Brisola et al., 2017, p. 471, tradução nossa), chegamos aos elementos estruturantes. Tais elementos, por sua vez, sustentam os campos estruturantes, que correspondem aos resultados interpretativos desta pesquisa e indicam de que maneira o fenômeno investigado se apresenta e se organiza na vivência dos(as) participantes.

Destaca-se o caráter processual e fluido deste tipo de trabalho. Exemplo disso é que foi realizada a leitura das narrativas, pelo pesquisador, aos membros do grupo

de pesquisa, podendo alterá-las ou escrever uma nova versão delas, de forma a incluir impressões e significados que foi tomando consciência, gradativamente, acerca da experiência que viveu com os(as) participantes. Esse movimento, que equivale à redução fenomenológica, se repete até que o pesquisador conclua que não surgiram novos significados. Assim, espera-se aproximar-se sucessivamente do vivido, a fim de apreender os significados do fenômeno investigado (Brisola et al., 2017; Cury, 2021).

Os resultados interpretativos (campos estruturantes) foram, então, discutidos com a literatura existente sobre o tema, na área da psicologia e afins. Na pesquisa fenomenológica, a formulação de novas hipóteses

(...) ocorre na fase de discussão dos resultados num movimento inverso ao das pesquisas de cunho positivista nas quais o objetivo consiste em colocar à prova hipóteses já formuladas. O método fenomenológico, inspirado nos enunciados filosóficos de Husserl, instaurou o lugar da Psicologia como a ciência dos fundamentos que tem como ponto de partida não a realidade factual, mas a experiência humana (Cury, 2021, p. 94).

Acreditamos que “o próprio pesquisar é intersubjetivo e transformador, também uma forma de intervenção na realidade” (Cury, 2021, p. 94). Neste processo, partimos da própria experiência vivida e nos debruçamos sobre o mundo, interrogando seus sentidos, narrando contradições e tecendo descobertas importantes, mas provisórias, visto também serem construções humanas coletivas inseridas no aqui-agora.

Esperamos, com isso, contribuir para a superação de uma concepção, a nosso ver, equivocada da psicologia, presente também na área de saúde/clínica, que transpõe acriticamente os modelos biofísicos e tradicionais para os diversos contextos institucionais (Cury, 2021). Ainda, almejamos produzir conhecimento compreensivo sobre a experiência vivida de pessoas transvestigêneres que possa ser proveitosamente utilizado em vertentes psicoprofiláticas e psicoterapêuticas, assim como para transformações sociais, coerentes com um humanismo radicalmente inclusivo.

### **Abordagem Centrada na Pessoa: atitudes facilitadoras**

A atitude fenomenológica pode se beneficiar dos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa proposta pelo psicólogo estadunidense Carl Ransom Rogers, desenvolvida originalmente no contexto da psicologia humanista do século XX. Para o autor, o estabelecimento de uma relação interpessoal é primordial para todo e qualquer processo psicoterapêutico e para uma relação terapêutica potencialmente transformadora, que contribua para o crescimento psicológico de indivíduos e coletivos (Cury, 2021; Rogers, 1961/2017).

Rogers (1961/2017) descreve como importantes condições atitudinais de um processo de atenção psicológica a congruência, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática. A seguir, discorreremos sobre cada uma delas.

Acerca da congruência, é necessário que o psicólogo/pesquisador seja, na relação, uma pessoa integrada, unificada e congruente. Em outros termos, que ele seja “exatamente aquilo que é – não uma fachada, um papel ou uma ficção” (Rogers, 1961/2017, p. 280). Assim, o psicólogo/pesquisador buscou ser profundamente ele próprio e estar em sintonia com o que será vivenciado, seus sentimentos imediatos, reações, conteúdos conscientes, palavras e comunicações.

A consideração positiva incondicional é descrita por Rogers (1961/2017) como uma “calorosa preocupação pelo seu cliente” (p. 281), ou seja, um interesse genuíno pelo outro. Ademais, é importante que essa não seja condicionada, isto é, “eu me preocupo com você se comportar desta ou daquela maneira” (Rogers, 1961/2017, p. 281). Portanto, deve-se respeitar a independência e autonomia do outro para que este possa experimentar os seus próprios sentimentos, descobrir os significados da sua experiência e ser pessoa à sua maneira. É a partir desse clima de respeito e segurança que o psicólogo/pesquisador buscou sustentar os encontros dialógicos.

Já a compreensão empática é definida por Rogers (1961/2017) da seguinte maneira: “[experimentar] uma compreensão aguda e empática do mundo do cliente, como se fosse visto do interior. Captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter ‘como se’” (p. 281). Em outras palavras, o psicólogo/pesquisador jamais será o outro; por mais que possa vivenciar experiências coletivas que se aproximam, nunca poderá encarnar o outro, ter deste uma percepção interna de modo originário (Fadda & Cury, 2021). Contudo, ele pode buscar, empaticamente, compreender os sentimentos e vivências dos(as)

participantes como se se tratasse dos seus, movimentando-se à vontade por esse outro mundo a ponto de poder comungar e comunicar junto desse.

Nutrindo e vivenciando, em certo grau, tais atitudes ao estar com os(as) participantes desta pesquisa durante os encontros dialógicos, o pesquisador buscou criar um ambiente não ameaçador, facilitador para uma interação humana genuína, potencializando uma escuta atenta e interessada que possibilitasse à pessoa atualizar os sentidos e significados atribuídos às experiências vividas. Para além disso, acreditamos, também, que tais encontros, ainda que breves, podem ser uma possibilidade para que os(as) participantes possam ouvir-se, reconhecer e identificar os seus próprios sentimentos, assumindo posições ativas diante de suas experiências e podendo integrar os diversos elementos que constituem sua personalidade num movimento de crescimento pessoal. Trata-se de um modo de pesquisar que almeja valorizar e confirmar eticamente, via atitudes de compreensão empática e consideração positiva incondicional, a singularidade e autonomia pessoal de cada participante.

### CAPÍTULO 3: NARRATIVAS COMPREENSIVAS E NARRATIVA SÍNTESE

Este capítulo apresenta as oito Narrativas Compreensivas tecidas pelo pesquisador após os encontros dialógicos, além da Narrativa Síntese. Cada Narrativa Compreensiva é intitulada com um nome fictício escolhido pelo(a) próprio(a) participante. São eles: Michael, Janaína, Bernardo, Aysla, Amanda, Melkor, Cleuza e João-de-Barro. Cabe, ainda, destacar que as Narrativas Compreensivas se iniciam com uma breve descrição do(a) participante, oriunda do questionário sociodemográfico aplicado, cuja caracterização geral também está disposta na tabela abaixo.

**Tabela 7**

*Caracterização dos(as) participantes*

| Nome fictício | Idade | Identidade de gênero  | Orientação sexual    | Raça/etnia  | Estado Civil | Escolaridade           | Profissão             | Reside com                       | Renda familiar |
|---------------|-------|-----------------------|----------------------|-------------|--------------|------------------------|-----------------------|----------------------------------|----------------|
| Michael       | 35    | Homem                 | Hétero               | Branco      | Casado       | Superior completo      | Encarregado logístico | Esposa e cachorrinha             | R\$ 10.000,00  |
| Janaína       | 62    | Feminina              | Bissexual            | Parda       | Divorciada   | Pós-graduação completa | Professora            | Mora sozinha                     | R\$ 12.000,00  |
| Bernardo      | 31    | Homem trans           | Pansexual            | Preto pardo | Solteiro     | Pós-graduação completa | "Bolsista professor"  | Quatro amigos/as/ues (república) | R\$ 2.100,00   |
| Aysla         | 51    | Mulher trans          | Não informada        | Negra       | Casada       | Ensino médio completo  | Freelancer            | Esposa e três filhos             | R\$ 1.800,00   |
| Amanda        | 21    | Intersexo, feminina   | Heterossexual        | Negra       | Solteira     | Superior incompleto    | Estagiária            | Pai e mãe                        | R\$ 2.800,00   |
| Melkor        | 24    | Masculino             | Panromântico asexual | Branco      | Solteiro     | Superior incompleto    | Estudante             | Pai e tio                        | R\$ 2.000,00   |
| Cleuza        | 47    | Mulher trans/travesti | Heterossexual        | Branca      | Casada       | Pós-graduação completa | Professora            | Marido                           | R\$ 9.000,00   |
| João-de-barro | 28    | Transmasculino        | Bissexual            | Branco      | Solteiro     | Pós-graduação completa | Psicólogo             | Três amigos/as/ues               | R\$ 8.000,00   |

## **Michael**

*35 anos. Homem, hétero, branco, casado. Reside com a esposa e uma cachorrinha, em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 10 mil reais. Tem ensino superior completo, tendo estudado majoritariamente em instituições privadas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como encarregado logístico, com vínculo empregatício. Declara não possuir problemas crônicos de saúde, utilizar serviços de saúde privados e não receber benefícios sociais.*

Michael me contatou em março de 2024, por indicação de uma amiga em comum. Demonstrou-se bastante solícito em participar da pesquisa, inclusive agradecendo-me por escolhê-lo para o trabalho. Achei o fato curioso, pois eu que me sentia grato por ele desejar compartilhar a sua história comigo. Por algum motivo que não sei precisar ao certo, senti-o, neste primeiro momento, um pouco ansioso – talvez porque tenha perguntado como eu gostaria de proceder, quando já havia comunicado que os encontros dialógicos seriam realizados ao longo do primeiro semestre; ou quando propôs o sábado da mesma semana em que estávamos conversando para alinhar possíveis horários e locais para realizarmos a entrevista. Mas, quiçá, também não tenha sido esse um reflexo da minha própria ansiedade; afinal, seria o primeiro participante que eu encontraria. O fato é que ele sugeriu nos encontrarmos na casa dele, no sábado pela manhã, e assim fizemos.

Devido à minha impressão inicial de Michael, fiz questão de comunicar-lhe meus passos. Mandeí mensagem no dia anterior, confirmando o nosso encontro. Do mesmo modo, na data acordada, antes de sair de casa, enviei uma notificação de que estava a caminho. Ele residia em uma cidade próxima, de maneira que o trajeto era curto e rápido. Tem sido uma aventura recente ir para lugares não usuais, adentrando caminhos que também não são familiares. Neste caso, precisei empregar um certo grau de atenção, em função de lombadas mal sinalizadas, que compunham um cenário junto a um caminho de árvores, provavelmente de eucalipto, e um céu límpido azul claro.

Cheguei com alguns minutos de antecedência. Foi o suficiente para estacionar, grampear os papéis do que carinhosamente alcunhei de “kit entrevista” (folhas e termos para o encontro dialógico) e localizar o condomínio onde Michael residia. Identifiquei-me na portaria e procurei o bloco que ele havia me informado, pois a

responsável estava há pouco tempo no trabalho e disse que não sabia onde ficava. Por sorte, rapidamente percebi que estavam organizados por ordem alfabética, o que tornou a tarefa bastante simples e fácil. Senti-me desenvolto com a situação, mas isso foi rapidamente interrompido – uma porta trancada, que dava acesso ao bloco, me bloqueava o caminho e eu não fazia ideia de como abri-la. Pensei que talvez Michael não estivesse tão ansioso quanto eu imaginava, afinal, nem estava ali para me receber. Será que o ansioso era eu? Enviei uma nova mensagem, na busca de alguma orientação sobre como solucionar o problema da porta.

Neste momento, pude ouvir passos apressados descendo as escadas. Não me recordo dos calçados de Michael, mas, pelo som, eu diria que eram chinelos, que, devido à velocidade, chocavam-se contra os pés e os degraus, em um “chilepe-chilepe” cujo som ecoava pelas paredes, reverberando e fazendo-se ouvir! Ele abriu a porta (que, neste momento, descobri que precisava ser destravada por dentro) e cumprimentou-me com um aperto de mão. Fomos subindo os lances de escada, Michael à frente, conduzindo-me. Achei curioso que ele tomou a iniciativa do nosso “quebra-gelo” – então, eu apenas embarquei no diálogo, a partir do que ele me perguntava. Questionou-me se foi fácil encontrar o condomínio e de onde eu conhecia a nossa amiga em comum.

Quando cheguei ao apartamento, fui prontamente cumprimentado por sua cachorrinha. Ela estava latindo (o que não costuma ser uma experiência fácil, pois tenho certo medo de cachorros!). Para minha felicidade e sorte, rapidamente ela passou a me receber com cheiros e lambidas. Sua esposa também estava presente, cumprimentou-me e logo pareceu se envolver com alguma atividade em outro cômodo. Michael questionou onde eu gostaria de conversar; disse-lhe que poderia ser onde ele se sentisse mais confortável. Propôs, então, a mesa da sala, cômodo de entrada do apartamento. Ficamos nesse recinto, onde havia a referida mesa, de seis lugares, e alguns móveis (sofá, televisão e prateleiras). Era um apartamento bonito e aconchegante.

Comentei com Michael que havia alguns documentos para preenchermos, mas que gostaria muito de ouvi-lo, então disse-lhe que caberia a ele decidir por onde começar. Ele preferiu começar pelos documentos. Lemos juntos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sobre o qual não manifestou dúvidas. Aliás, parecia confiar em meu trabalho, de modo que assinou tudo prontamente, sem fazer muitas perguntas, mesmo eu incentivando a oportunidade para tal.

Segui com a expressão facilitadora: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?”. Ele parou por um breve intervalo, com o olhar longínquo como se estivesse examinando muitas coisas que pairavam à sua frente. Então, como alguém que escolhe algum fio por onde costurar a sua narrativa, contou-me das dificuldades do seu processo de transição.

Segundo Michael, ao final de sua adolescência, não existiam tantas informações como atualmente. Nas palavras dele, havia “gays, lésbicas e travestis”. Assim, ele se identificava como lésbica, pois já tinha desejo por outras mulheres, mas diz que não se encaixava bem nessa categoria, sentia que “algo estava faltando”.

Foi em diálogo com uma amiga que chegaram à questão: será que você não é trans? Na procura por respostas, Michael buscou compreender mais a temática, com pesquisas na internet, diálogo com outros homens trans (facilitados pelas redes sociais, tendo se identificado com a experiência deles), além da psicoterapia. Fui me dando conta, enquanto ele falava, da importância desses contatos para a constituição do modo como se percebia.

Michael disse que, no início de sua transição, tentou o sistema público de saúde, mas não gostou, porque as intervenções costumavam ser grupais – sendo que ele se descrevia como alguém tímido. Assim, procurou algo mais “individualizado”. Referiu que esse processo se passou há cerca de 10 anos, em torno dos seus 20-25 anos de idade, e apenas depois buscou hormonioterapia em serviços privados. Recordou que sua primeira dose foi após chegar de uma viagem; já munido das receitas, foi à farmácia para a aplicação. Ele se lembra com precisão da data desse evento e a descreve como uma certidão de nascimento – “nasci nesse dia”.

Além da hormonioterapia, relatou que outro evento importante foi a retirada das mamas. Neste momento, contou algo que eu já havia percebido – ele estava com uma camiseta entreaberta, adequada para o calor desses dias, mas colocava repetidamente a mão no peito. Disse que costumava fazer isso com frequência, manifestando bastante felicidade, pois sempre quis um “peito lisinho”, o que entendi ser sem o volume das mamas. A satisfação pareceu ser tamanha que afirmou nem se importar com as cicatrizes da cirurgia, embora pretenda fazer uma tatuagem futuramente para cobri-las.

Falou que sentiu muitas “fobias” (o que costumamos denominar de disforia), durante a adolescência, com os peitos e a menstruação. Para Michael, eles representavam não apenas desconfortos físicos, mas o afastamento de um caminho

que gostaria para si: ser menino. Disse que, durante a infância, sempre foi moleque, andava sem camiseta e brincava com os garotos. Contudo, com as transformações do seu corpo, advindas da puberdade, sentia que se afastava de seu verdadeiro eu.

A questão da disforia se apresentava de tal maneira que ele revelou que tinha dificuldades, antes da transição, em se olhar no espelho e em ter relações sexuais sem esconder os seios (por meio do uso de “cropped”). Além disso, fez uso de bloqueadores hormonais, sem prescrição médica, a fim de cessar as transformações corporais. Ele não mencionou como os conseguia, embora eu tivesse minhas hipóteses. Como compreendi que era um capítulo superado, não questionei.

Michael contou, também, que retirou o útero. Quando o fez, a médica perguntou-lhe se gostaria de congelar os óvulos. Michael recusou, pensando na possibilidade de adoção ou inseminação artificial da parceira caso quisessem um filho. Contudo, percebi certo desconforto, por parte dele, na ideia de criopreservação. Ao indagar-lhe, entendi que manter os óvulos de um útero que, conforme descreveu, “não fazia sentido” significaria continuar ressoando, em algum lugar, um lembrete, um aspecto de sua vida que rejeitava.

Apesar de todas as transformações vivenciadas, estando Michael aparentemente feliz com os resultados, isso não o eximiu de diversos medos e receios. Mencionou o afastamento de antigas amizades, sobretudo das meninas. Teve apoio dos familiares, mas referiu problemas de aceitação de algumas pessoas, principalmente as de mais idade. Pareceu-me que as relações interpessoais, apesar de não serem a única fonte de dificuldades, foram aquelas de maior centralidade e relevância para ele.

Neste momento, Michael chamou a esposa, com quem está desde antes da transição, para complementar sobre a relação de ambos. Juntos, mencionaram que Michael, também por ser tímido, afastou-se enquanto se compreendia trans, pouco falando sobre as motivações dessa mudança, o que contribuiu para inseguranças e conflitos entre eles. Contudo, a partir do momento em que conseguiu comunicar a ela seus sentimentos, a esposa fez movimentos para apoiá-lo e, hoje, aparentam estar bem.

Um aspecto que achei bastante interessante foi que Michael estabeleceu estratégias criativas, junto a algumas pessoas, para darem conta da situação, como o uso de apelidos e manutenção da barba, o que parece lembrar os demais de identificá-lo e tratá-lo como homem. De modo geral, Michael parece ter boas relações

interpessoais, além de compreender e ser respeitoso com o tempo de elaboração de outrem, afastando-se quando percebe que será um contato nocivo para si.

Ainda sobre familiares, Michael comentou que a família da esposa é de um estado vizinho e que prefere estar com eles em vez da sua cidade natal. Isso porque, naquele lugar, ele é o Michael, desconhecem sua história anterior, ao passo que, onde reside, por já estar nos mesmos ambientes desde a infância e no trabalho desde a adolescência, ocorre de, às vezes, suscitarem dúvidas, confusões e necessidades de explicação para as pessoas. Apesar disso, nesse movimento contraditório de ser ele mesmo e ser outro, Michael diz que, embora externamente tenha mudado, é essencialmente a mesma pessoa.

As dificuldades, como disse, não se restringiram às relações interpessoais. Sobre isso, Michael mencionou um episódio com o banco com o qual trabalha, no qual, por muito tempo, os comprovantes de Pix ainda saíam com o seu nome antigo. Segundo ele, foi preciso ameaçar um processo contra a empresa para que, então, prontamente fizessem a alteração no sistema. Referiu, também, que conseguiu sua certidão de reservista há pouco tempo, o que era necessário para obtenção do passaporte, revelando a extensão das alterações documentais, sendo que muitas foram realizadas em um período em que isso era mais difícil e burocrático.

Pude perceber, com Michael, como a experiência de ser trans se intrinca a tantos aspectos da vida, que às vezes nem imaginamos. Por exemplo, a mudança de nome em diversos documentos e em cadastros gerais, a aparência física e identitária, o medo do afastamento de algumas pessoas, entre tantos outros aspectos que talvez Michael nem tenha se lembrado de comentar.

Senti que caminhamos organicamente para o final do encontro. Michael mencionou nunca ter feito uma “retrospectiva” de sua vida, parecendo satisfeito em poder retomar a sua história. Eu repeti a expressão inicial, “cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é”, e perguntei se gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Ele concluiu, então, que a maior delícia é poder ser o Michael que sempre quis. Sente-se pleno, sendo ele mesmo na totalidade. Compreendi que, embora possa parecer que Michael tenha falado mais das dores do que das delícias, isso não é estanque, de forma que esses obstáculos e conquistas vão se entremeando e mesclando no decorrer de sua história, estando presentes ao longo de todo o nosso encontro.

Sobre o restante dos documentos a serem preenchidos, o que fizemos naquele instante, um evento me chamou especialmente a atenção. Michael preferiu que eu

escrevesse no questionário socioeconômico e, então, fui lhe perguntando as informações que precisava. Ao questioná-lo sobre sua identidade de gênero, ele respondeu, sem titubear: “homem”. “Homem trans?”, redargui. Senti-me desconcertado pelos olhos que me fitavam, como quem comunicasse uma obviedade para alguém que ainda não entendeu. Lembro que pensei: “Que besteira estou falando?”. Então, percebi. Concordamos com um sorriso. Registrei: homem. Simples assim.

Antes de sair, a esposa perguntou-me sobre o doutorado – quando finalizaria, como cheguei a esse tema... Ela questionou-me quanto à hipótese de que a experiência de mulheres trans parecia ser mais difícil do que a de homens trans e se eu pretendia também conversar com elas. Michael concordou com a afirmação, atribuindo tal fato ao machismo que elas têm de enfrentar. Infelizmente, acredito que exploramos pouco o assunto. Porém, ao mesmo tempo, entendo esse fluxo de possibilidades como ecos do nosso encontro, que, enquanto encontro dialógico, não se esgota em si, mas põe em movimento – a vida, o sentir e o pensar.

### **Janaína**

*62 anos. Identidade de gênero feminina, bissexual, parda, divorciada. Reside sozinha, em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 12 mil reais. Tem pós-graduação completa, tendo estudado majoritariamente em instituições públicas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como professora, com vínculo empregatício. Declara possuir cardiopatia, utilizar serviços de saúde públicos e privados e não receber benefícios sociais.*

Contatei Janaína no início de março de 2024, por indicação de uma pessoa próxima, após esta consultá-la sobre o assunto e ela manifestar interesse na pesquisa. No entanto, por motivos comunicacionais e de compatibilidade de agendas, só conseguimos combinar um encontro para abril, mesmo com três semanas de antecedência. Combinamos de nos encontrar em uma padaria na cidade onde a participante reside, em um sábado à tarde.

Na semana da entrevista, enviei uma mensagem de confirmação para Janaína, que assentiu. Ainda no dia do encontro, ela me mandou, espontaneamente, uma foto

para que eu pudesse reconhecê-la, pois seu WhatsApp, por onde até então nos comunicávamos, não tinha imagem de perfil. Achei seu gesto atencioso e cuidadoso.

O trajeto até lá foi nostálgico. Acredito que há uns 10 anos não passava por aquele caminho e pude recordar boas lembranças da época em que o percorria para chegar a um hospital de oncologia e hematologia pediátrica, onde fui voluntário. Não conhecia a padaria propriamente dita, mas pude perceber que, além das vendas de pães e doces, também serviam refeições *self-service*, e algumas pessoas almoçavam naquele horário. Escolhi uma mesa mais reservada entre as disponíveis. Era uma mesa de seis lugares, suficiente para nos acomodarmos. O recinto possuía brinquedos infantis e música ambiente, tocava MPB<sup>20</sup>. Não era demasiadamente ruidoso, mas preferiria que fosse mais silencioso. Tentei abstrair. Sentei-me e aguardei.

Janaína chegou no horário acordado. Quando a vi, acenei. Ela se dirigiu até a mesa e cumprimentou-me com um aperto de mão. Ainda mergulhado nas minhas emoções sobre a chegada até ali, compartilhei com ela sobre a época que frequentei o referido hospital e como foi bom retomar aquele caminho. Ela se mostrou interessada, perguntando-me o que fazia no voluntariado, e contou que sua irmã também trabalhou naquele lugar, não sei se na mesma época, elaborando quitutes e lanchinhos.

Um pouco depois, Janaína fez um comentário genérico; entendi que sinalizava que já podíamos iniciar o tema da pesquisa. Ao questionar-lhe por qual parte preferiria começar, ela optou por deixar os documentos para depois, argumentando confiar no meu trabalho – embora eu suspeitasse que, na verdade, ela confiava em quem lhe havia indicado para o encontro. Em todo o caso, expliquei brevemente sobre a pesquisa, para somente então dizer a expressão facilitadora: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é...”. Neste momento, percebi que Janaína balançava a cabeça, concordando. Então, complementei: “... como é isso para você?”.

Partimos de um ponto que, sinceramente, eu jamais cogitaria. Janaína iniciou o seu relato fazendo uma distinção entre “ordinário” e “extraordinário”. Segundo ela, existem as coisas ordinárias da vida, as responsabilidades do dia a dia que todos temos, como pagar as contas. Mas ser trans (e, posteriormente, compreendi, a relação

---

<sup>20</sup> Sigla para “Música Popular Brasileira”.

com o próprio corpo) representava “algo a mais”, figurativamente, “um piano que carrego nas costas e que ninguém vê”.

É interessante que, em sua explicação, esse “extraordinário” possa colaborar com maior desenvoltura na vida, inclusive para enfrentar o “mediocre” – aproveitando a analogia que fez, para quem já está com as pernas firmes de carregar um piano, o que é uma caixinha, não é mesmo?! Todavia, segundo Janaína, algumas pessoas acreditam que realizar mudanças corporais corresponde a “passar por um portal”, como se todo o restante fosse automaticamente resolvido, o que não se mostra verdadeiro, pois o “ordinário” permanece lá, provocando frustrações em quem acreditava que a transição corporal seria a panaceia da vida. Ainda, para Janaína, há aquelas que vivenciam a transvestigeneridade como algo homérico e, então, após sanada as transformações que almejavam, angustiam-se frente à trivialidade que pode ser a vida. Ela citou, como exemplo, uma amiga trans, casada, que vivia dias comuns, depois do trabalho tomava cerveja com o marido que amava e assistia TV, porém sentia-se descontente diante dessa rotina.

Janaína não referiu onde se encontrava nesse contexto de possibilidades. Identificava sua transição na virada do século XX e XXI, isto é, em um período em que havia pouquíssimas discussões sobre o tema, para, em seguida, vir uma fase de maior visibilidade e reflexão acerca da transvestigeneridade. Mencionou que não fez procedimentos cirúrgicos devido a problemas de saúde, incluindo um infarto. Por outro lado, realizou a retificação de seu nome no início dos anos 2000, depois de uma situação na qual o caixa do banco ficou desconcertado ao deparar-se com o nome masculino em seus documentos e sua expressão de gênero feminina. Segundo ela, essa experiência foi tranquila, mas percebeu que a mudança de nome poderia mitigar a possibilidade de desconforto para outras pessoas. Então, disse que, inicialmente, fez a mudança para evitar o impacto nos outros, mas depois, com o tempo, também percebeu que se sentia mais confortável ao apresentar-se dessa maneira.

Ao retomar a sua história e experiência durante a infância, Janaína afirmou que se identificava com a mãe, colocando os brincos e passando os esmaltes dela, o que a mãe compreendia como “brincadeira”. Certa vez, na casa de uma tia, encenou o parto de uma boneca, o que gerou estranhamento naquela. Acredita que a tia foi conversar com a mãe, sendo questionada mais tarde. Janaína expressou, na época, que quando crescesse seria uma mulher, como a mãe e a tia. Ambas lhe disseram que não; então, o episódio pareceu ter se encerrado por ali.

Durante a sua adolescência, nas décadas de 1970-1980, o universo feminino ficava no lugar da “fantasia”, pois, segundo ela, ainda não se concebia a possibilidade de ser trans, tampouco o termo “gay” existia. Foi apenas no início dos anos 2000 que se abriu para a transvestigeneridade como uma identidade, o que lhe motivou a buscar psicoterapia. No entanto, Janaína descreveu que existiam poucas informações sobre o assunto, de maneira que sua psicóloga estudava junto dela, em uma sessão dupla que faziam, sendo metade psicoterapia e metade estudos.

Apesar disso, referiu que essa foi uma fase de negação. Pensava que, com seus 40 anos, já estava no final da vida e que seria algo muito trabalhoso fazer tantas modificações naquele momento, semelhante a “abrir uma nova pasta no final do expediente de trabalho”. Esse processo de negação, conforme relatou, foi corrosivo para sua saúde mental, motivando-a a pensar em suicídio.

O suicídio deixou de ser uma hipótese por alguns motivos. Primeiramente, porque Janaína entendeu-se como curiosa acerca da vida e queria testemunhar o desenrolar dessa história. Em segundo lugar, porque viu no suicídio uma política de “autolimpeza” – no sentido de que a sociedade deseja matar aquele grupo/indivíduo e, em vez de ter o esforço de “pegar a vassoura e a pá”, a própria pessoa executa esse infortúnio. Janaína complementou: “se quiserem me matar, eles mesmos terão que ter esse trabalho!”. Em terceiro lugar, porque entendeu o suicídio como expressão de ansiedade – “todos vamos morrer, para quê, então, adiantar o capítulo final do suspense?”. Para ela, perde-se, dessa maneira, toda a graça da história.

No entanto, reconheceu que algumas pessoas vivenciam um ambiente extremamente violento e dificilmente poderiam se relacionar consigo e com outrem de maneira diferente da “porrada” – isto é, o que lhes é familiar. Apesar de dizer que não vivencia explicitamente tais violências, acredita que também podem acontecer com ela. Cita, como exemplo, uma mulher trans que estava trabalhando no comércio da família. Um homem, que já manifestava o desejo de matar alguém naqueles dias, assassinou essa mulher. Janaína mencionou que, para além de ninguém presente ter feito algo, o caso exemplifica o fato de que corpos trans são aqueles que podem ser mortos, pois pessoa alguma reclamará. Concomitantemente, reconhece a violência geral em nossa sociedade, descrevendo que até pessoas cisgêneras têm sido vitimadas, como ocorreu no ataque à escola em caso midiático recente.

Sobre as situações de violência, complementou aludindo à própria transgressão enquanto motivador de revolta nas pessoas, que se sentem

massacradas por um sistema e não aceitam que outro indivíduo viva de tal maneira a sua própria liberdade. Para além desse motivo, descreveu ser comum, em situações de prostituição, o homem “colocar uma mulher ali na frente, mas na verdade querer transar com outro homem; quando se dá conta, não suporta e mata a testemunha ocular da situação”. Por fim, identifica como problema o fato da prostituição e do tráfico de drogas terem se mesclado de tal maneira que o segundo também motiva mortes de pessoas trans envolvidas nessa atividade.

Apesar de tudo isso, descreveu não vivenciar violências em seu ambiente social. Acredita que parte disso se deve à sua cara de “bulldog”, o que crê manter as pessoas distantes. Mencionou que, durante a infância, apanhou na escola apenas uma vez, pois era “bom de briga”. Mas não relaciona isso à sua identidade de gênero, pois diz que nunca foi uma criança efeminada, atribuindo o fato a ser “na sua” e “quietinho”, o que incomodava os demais. Chamou-me a atenção o uso do pronome no masculino, mas percebi que Janaína lida com muita tranquilidade com essa questão.

Citou várias relações interpessoais próximas e satisfatórias, como família, amigos, estudantes e comunidade. Descrevê-las-ei a seguir.

Referiu boa convivência com seus familiares. Mencionou uma foto que o seu irmão revelou, quando achou alguns negativos antigos, na qual ela estava com as irmãs, lado a lado, cada qual segurando uma boneca. Todos riram – porque até então acreditavam não haver sinais de que Janaína pudesse ser uma mulher quando ela era criança –, mas a foto lhes fez notar que os sinais sempre estiveram lá.

Quanto aos amigos, aparentemente existe boa aceitabilidade por parte deles e, quando se confundem com o nome de Janaína, ela age com descontração. Segundo ela, costuma dizer: “se você chegou nessa idade e lembra de algum nome, me chama desse mesmo...” – comemorando a lucidez dos coetâneos. Todos riem.

Descreveu também boa convivência com seus alunos adolescentes. Mencionou diversas situações positivas com eles, como conselhos dados por ela (“façam merda, mas nada tão grande, porque existem coisas que não há como corrigir”) ou conversas com estudantes trans, com a finalidade de compreendê-los e apoiá-los.

Contou, ainda, sobre um mercado perto de sua residência, onde parece nutrir relações satisfatórias com clientes e trabalhadores. Mencionou histórias engraçadas – por exemplo, como todos lá torciam para que ela conhecesse outras clientes trans.

Disse que, quando isso aconteceu, o mercado todo parou, até o segurança saiu para buscar a outra cliente e apresentá-las, sendo que hoje se tornaram amigas.

Mencionou, também, uma pessoa em situação de rua, “bem aparentada” (“daquelas que podia ser modelo”), que, em um dia trivial, pediu-lhe em casamento, quando ela retornava de suas atividades físicas. Disse que achou a história toda engraçada, tendo até torcidas favoráveis e contras, inclusive no referido mercado, onde todos já sabiam, pois “vida de pessoa trans é pública”, segundo ela. Cogitou, talvez por ser travesti, que o rapaz pode ter pensado que ela teria maior possibilidade de aceitar. Não aceitou. Ele falou que continuaria morando na rua e ela respondeu, de maneira descontraída, que não servia para aquela vida, pois está acostumada à cama e ao chuveiro quente.

Durante nosso encontro, pude vivenciar uma situação que demonstra como são suas relações interpessoais. A atendente, em determinado momento, veio conversar com Janaína, que me explicou que elas se conheciam de outro local em que aquela trabalhava. Elas conversaram brevemente sobre a mudança do ambiente de trabalho da atendente e o que ela estava achando dali. Foi a atendente, aliás, que nos recomendou o suco de pitaya, que, tenho certeza, tinha um toque de hortelã e estava muito gostoso.

Quando o assunto parecia que se encerrava, Janaína me perguntou sobre o doutorado e a universidade. Preenchemos, então, o restante da documentação. Embora tenha se descrito algumas vezes como travesti durante o nosso encontro, ao completar o questionário sociodemográfico, escreveu sua identidade de gênero como feminina. Acredito que esse fato ganha sentido na história de Janaína. Primeiramente, porque ela mesma menciona a guerra de termos como tola, característica do pós-estruturalismo, do relevo que se deu para a linguagem e para o debate como mera guerra de narrativas. Em segundo lugar, porque pareceu lidar com bastante tranquilidade com os modos como ela própria e os outros a descrevem.

De modo geral, fiquei encantado com Janaína, com seu humor, inteligência e jeito leve de transitar pela vida. Por outro lado, pareceu-me um encontro bastante intelectualizado, de modo que às vezes parecíamos distantes de sua experiência vivida. Por exemplo, em alguns momentos, notei que falávamos sobre terceiros ou acerca de hipóteses e teorias. Sobre isso, pensei que pudesse ser por sua formação acadêmica, por uma dificuldade de olhar para si, por estarmos em uma situação nova

e breve, por ser essa a maneira possível de apresentar-se na ocasião, por outra coisa ou por um conjunto de tudo isso.

Por fim, Janaína me perguntou se eu estava de carro, querendo saber se eu tinha como voltar para casa. Eu estava, mas achei gentil a sua consideração para comigo. Despedimo-nos com um abraço e, no meu caso, a certeza de que, seja como for, aprendi muito com Janaína.

## **Bernardo**

*31 anos. Homem trans, pansexual, preto pardo, solteiro. Reside de aluguel com outros quatro amigos/as/ues, em uma república localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 2.100 reais. Tem pós-graduação completa e, atualmente, cursa mestrado. Estudou majoritariamente em instituições públicas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como “bolsista professor”, sem vínculo empregatício. Declara ter “ansiedade” e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), utilizar serviços de saúde públicos e não receber benefícios sociais.*

Comecei o meu diálogo com Bernardo em março de 2024, por indicação de outra pesquisadora. Ele se mostrou entusiasmado e colaborativo, embora tenhamos concretizado o nosso encontro apenas no mês de julho, quando ambos já estávamos em férias. O encontro ocorreu em uma quarta-feira ensolarada, no período da tarde. Eu estava curioso para, além de conversar com Bernardo, conhecer o local que ele escolhera – um jardim em homenagem aos saberes ancestrais. Bernardo mencionou que não havia ido àquele local ainda, mas que parecia calmo e agradável. Respondi, então, que conheceríamos juntos.

No referido dia, no período da manhã, enviei uma mensagem para Bernardo, confirmando. Estava preocupado de ele não se lembrar, pois tinha visto no recado do seu perfil no WhatsApp sobre o TDAH, em que constava um alerta sobre esquecimentos de sua parte. O horário ia se aproximando e nada de uma resposta à minha mensagem. Eu precisava sair de casa e optei por confiar em Bernardo, que, como mencionei, pareceu bastante disponível desde o início. Recebi a afirmativa dele quando eu já estava a caminho.

Cheguei ao jardim com antecedência. Aproveitei para explorá-lo e saciar parte da minha curiosidade, que se justificava pelo encanto que tenho pelos saberes

indígenas, tendo lido ou ouvido pessoas como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Davi Kopenawa Yanomami e Edson e Aline Kayapó. Examinei com calma as pinturas, presentes em grandes ou pequenos troncos de madeira, sendo que nos primeiros havia ganchos para redes e os segundos funcionavam como banquetas. O chão era composto por bolinhas de argila e cascalhos, além do que pareciam ser sementes caídas das árvores próximas. Era um local integrado com a natureza, que trazia uma sensação muito agradável. Fiquei muito feliz e grato pela escolha de Bernardo.

Quando Bernardo chegou, rapidamente nos reconhecemos, creio que por causa das fotos de perfil no WhatsApp, por onde conversávamos. Perguntei onde ele gostaria de sentar-se, considerando que havia também uma pessoa ali no jardim, repousando em uma rede e lendo um livro. Ele optou por um banco, suficientemente longe da pessoa na rede, o que justificou como uma tentativa de não atrapalhar a leitura do rapaz, além da possibilidade de fumar com tranquilidade.

Bernardo me questionou sobre a pesquisa. Expliquei acerca do meu interesse de trabalho, a experiência vivida de pessoas trans, e como tenho abordado isso desde a graduação. Descobri que Bernardo também é pesquisador, na temática das masculinidades, o que fui entendendo, ao longo do nosso encontro, que tem sido para ele uma forma de contribuir para a comunidade, para as pessoas trans, além de fonte de descobertas e ressignificações pessoais.

Bernardo estava usando uma camiseta de *Harry Potter*, franquia da qual também gosto. Ambos nascemos em meados da década de 1990, tendo a obra acompanhado nossa infância e adolescência. Descreveu a autora da obra como transfóbica, o que me fez assentir e lembrar dos tantos casos midiáticos, com os quais já me deparei, com essa mesma argumentação. No entanto, Bernardo reconhece a importância da autora para a literatura infantojuvenil. Assim, mencionou que busca não excluí-la, mas fazer ressalvas e aproveitar o que cada um pode lhe propiciar de construtivo.

Segundo ele, essa é uma opção política, semelhante àquilo que afirma fazer nas discussões que realiza em sua pesquisa. Para Bernardo, tudo é político – até arrumar uma gaveta de meias, embora tenha me dito que não tem uma, mas sonha que um dia terá. Pareceu ter aversão ao “em cima do muro” para determinadas temáticas. Segundo ele, há aspectos que são inegociáveis, podendo ser até irresponsabilidade não se posicionar diante de temas como aborto e racismo, por exemplo. Contudo, vê como possível se abster em outros assuntos, como predileção

por uma comida ou cor. Tive a sensação de que ele é alguém politizado e engajado, o que se confirmou em diversos momentos de sua fala.

Enquanto conversávamos, notei que Bernardo estava sentado com as pernas cruzadas sobre o banco, o que me pareceu muito confortável. Permiti-me ficar na mesma posição, o que foi um estranho deleite, pois senti-me saindo do lugar de um suposto *script* de pesquisador, duro e engessado. Passamos o encontro todo nos remexendo no banco, para melhorar a circulação de sangue quando nossas pernas formigavam e, mais para o final da tarde, tentando afastar os pequenos insetos que surgiam – a cena pode soar, à primeira vista, desconfortável, mas garanto que, retrospectivamente, lembro de ter me sentido vivo e real.

Bernardo nasceu no centro-oeste brasileiro, onde cursou graduação em História. Atualmente, é mestrando em uma instituição de ensino superior pública no interior de São Paulo. Descreveu as nuances de tais mudanças em sua trajetória, como sair de um lugar mais conservador para outro aparentemente mais livre. Um exemplo foi quando lembrou que há estados brasileiros em que ainda estão sendo inaugurados os primeiros *ballrooms*, enquanto em outros já existem há décadas. De fato, pareceu-me ilustrativo da imensidão deste país, que comporta muitos e diferentes Brasis.

Descreveu, por algumas vezes, a analogia de “bolhas” para referir-se à realidade. Sobre essas, mencionou as diferenças entre a universidade onde estuda, em que as pessoas são mais abertas às possibilidades de não-binariedade e bissexualidade/pansexualidade, e a capital de São Paulo, onde sente que os homens trans performam mais a cisheteronormatividade. Assim, salientou que embora todos sejamos atravessados por masculinidades e feminilidades, os horizontes de possibilidades se alteram, mesmo dentro da comunidade trans.

Vale dizer que, para Bernardo, todos são não binários e bissexuais, o que fui entendendo que era um jeito de ele descrever a potencialidade do ser humano. Fiquei com a impressão de que Bernardo transita com bastante tranquilidade pela vida, sem tomar os rótulos com uma rigidez sufocante. Lembrei de uma psicóloga, da qual já fui estagiário, que dizia que existem tantas sexualidades quantos seres humanos no mundo. Bernardo parece ter entendido e assumido essa liberdade.

Em sua experiência, referiu não desejar performar a cisheteronormatividade, pois não vê vantagens nessa postura. Disse que a sociedade não o lerá como alguém cis, o que senti como um lembrete de que sempre será um “estrangeiro”. Assim,

embora compreenda que algumas pessoas não queiram se afirmar como trans na tentativa de mitigar violências, também me pareceu coerente a sua defesa por se afirmar como tal.

Bernardo relatou que, quando criança, era uma “menina moleque” e, por consequência, era excluído tanto do grupo das meninas quanto dos meninos. Complementou que, apesar disso, sentia que as questões de gênero e sexualidade eram mais toleradas na infância, justificadas como apenas uma fase, algo que passará – o que não ocorre agora, que já é um adulto.

Entende que, em sua trajetória, devido ao fato de ter nascido com vulva, foi atravessado por algumas experiências, mas não por outras – como não ser levado pelo pai ao puteiro, o que identifica como frequente na experiência de pessoas com pênis. Por vezes, salientou que o fato de ser um homem trans não apagou o que viveu em relação à socialização que teve enquanto pessoa que nasceu com vulva, como cólicas e o medo de ser vítima de violência social. Contudo, queixou-se de que é comum a tentativa de invisibilização e apagamento de tais experiências, inclusive no próprio movimento trans, como se ele não soubesse dessas coisas, deslocando-o do lugar de “vítima” para o de “agressor” apenas por reconhecer-se como homem.

Sobre isso, disse buscar não entrar em conflito com outros grupos marginalizados, o que considera contraproducente, pois fragmenta e enfraquece os movimentos de pessoas que sofrem violências sociais comuns, que deveriam concentrar-se e ajudar-se mutuamente. Achei estratégico de sua parte! Não me surpreende que ele participe de uma série de grupos e movimentos sociais na área de gênero e sexualidade, assim como na de relações étnico-raciais.

Bernardo disse que se compreendeu como homem trans apenas durante a pandemia, devido a uma sugestão de sua ex-companheira. Referiu acreditar que essa é a trajetória de muitas pessoas trans, isto é, outra pessoa a interrogar-lhes sobre essa possibilidade. Por muito tempo, acreditou que só existiam mulheres trans e travestis. Mesmo quando soube de uma figura pública que se afirmou como homem trans, acreditou que este só o fez porque era rico. Percebi, em sua fala, a importância da visibilidade e o quanto, por uma série de materialidades, como raça e classe, esta não era tida como uma possibilidade na vida dele.

Ao longo de suas experiências, mencionou que foi descobrindo sobre a masculinidade, como as “regras do mictório” – primeiro, aprendeu que é educado manter um mictório de distância no banheiro; mas, depois, descobriu que alguns

homens gays fazem “banheirão”<sup>21</sup>, prática na qual essa regra não se aplica. Rimos da complexidade das (inter-)relações nos banheiros. Ainda sobre esse assunto, reclamou da insalubridade dos banheiros masculinos em boates, nos quais, muitas vezes, só há uma cabine “onde parece que as pessoas fazem tudo”. Percebi minha feição de nojo imaginando a cena, com conhecimento de causa. Também se questionou sobre a prevalência de mictórios, parecendo preferir os novos banheiros em que só existem cabines individuais. Refletiu, ainda, sobre as imposições sociais sobre o cuidado. Perguntou, retoricamente: “Se é algo natural, por que precisa ser ensinado?”. Falou da possibilidade de homens cis também cuidarem.

Atualmente, Bernardo referiu apoio familiar e do atual namorado, também um homem trans – embora tenha discorrido pouco sobre isso. Além disso, faz terapia hormonal cruzada e realizou a remoção do útero (histerectomia). Está aguardando ser chamado para a cirurgia de mamoplastia masculinizadora pelo serviço público de saúde.

Sobre a universidade, mencionou acreditar que não era um espaço para ele. Nasceu na periferia e já se percebia, enquanto não branco, ocupar um espaço marginal; contudo, foi somente depois, na graduação, que se entendeu como “preto pardo” (isto é, não retinto) ao se defrontar com um cenário composto por pessoas, em suas palavras, “realmente brancas”.

Sua experiência me remeteu a duas associações. Primeiramente, como as identidades se criam e emergem a partir de tensões sociais: Bernardo só passa a ser “preto parto” quando se vê diante de pessoas “realmente brancas” durante o ensino superior. Em segundo lugar, a possibilidade de determinados grupos sociais terem seus sonhos roubados. Ainda que não totalmente elaborado, Bernardo já sentia certas trajetórias prescritas – e a universidade não era uma delas. Não sei exatamente como, nem a partir de onde, mas ele conseguiu escapar pelas frestas e cursar o ensino superior, o que me lembrou, por sua vez, que a vida não é simples e determinista, embora esse panorama social não deva ser negligenciado.

Ainda sobre a universidade, Bernardo mencionou algumas dificuldades que vivenciou. Citou, por exemplo, a necessidade de construir um projeto de doutorado “competitivo” – palavra que repetiu algumas vezes; devido ao seu lugar social, há a sensação de que são necessárias “mais braçadas” em comparação à experiência de

---

<sup>21</sup> Interações sexuais em banheiros públicos.

peessoas em posição de maior privilégio. Outra ilustração foi o seu medo de sofrer violência e morrer – questionando-se sobre quem terminaria sua pesquisa caso isso acontecesse; achei compreensível, considerando os tristes índices de violência contra pessoas trans, mas também curioso, sobretudo a preocupação sobre a pesquisa. Ainda, relatou que tentou uma bolsa de fomento em determinada agência científica, mas que teve seu pedido indeferido; conforme contou, um dos avaliadores emitiu parecer favorável, alegando a relevância e pertinência do trabalho, enquanto o outro reprovou o projeto, pois, em sua visão, Bernardo desconhecia a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Ele aparentou incômodo com a situação, por saber conceitual e experiencialmente essa diferença, mas também pela transfobia – não com ele, pois o avaliador não o conhecia, mas com o tema de pesquisa, que era sobre pessoas trans.

Ao descrever seu trabalho como professor, pude perceber seu compromisso em incentivar o pensamento crítico e a contextualização histórica por parte de seus estudantes. Pareceu-me alguém bastante “esperançoso” com a Educação, sendo este um termo que ele próprio utilizou para se descrever. Lembrei-me, inclusive, de Paulo Freire, sobre o qual comentei, tendo Bernardo frisado a importância de uma educação libertadora.

Ao finalizar, quando retomamos a expressão facilitadora, Bernardo disse que às vezes há mais dor do que delícia, mas que esta faz parte da vida. Trata-se de uma afirmação que não pareceu se reduzir a um fatalismo, mas do reconhecimento de que a vida tem suas dificuldades, o que pareceu muito consciente e real, considerando as adversidades com as quais comumente se deparam as pessoas trans em nosso país. Mencionou que ser quem é envolve dores, mas que não ser também envolveria, o que inevitavelmente lembrou-me, além de minhas vivências, de um dos resultados da dissertação de mestrado que defendi – a saber, o campo de sentido afetivo-emocional “Ser ou não ser verdadeiro”, que se organiza ao redor da crença/fantasia de que é importante ser fiel ao próprio sentir.

Então, levantamo-nos e examinamos juntos o jardim. Bernardo, apesar de não conhecer o local até aquele momento, parecia conhecer um pouco sobre aquele espaço, pois foi me indicando alguns povos cujas pinturas encontravam-se ali. Depois, dirigimo-nos em direção à rua, onde tínhamos estacionado. Agradei a ele pelo encontro. Conversamos sobre a proximidade de sua defesa de mestrado e manifestei minha torcida para que tudo fluísse da melhor maneira possível. Ele pediu para eu

enviar posteriormente a tese de doutorado, com o que concordei. Ele me abraçou. Estava de moto, tendo partido enquanto eu inseria as informações do GPS no celular para voltar para casa, feliz por tê-lo conhecido.

### **Aysla**

*51 anos. Mulher trans, orientação sexual não informada, negra, casada. Reside com a esposa e três filhos, em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 1.800 reais. Tem ensino médio completo, tendo estudado majoritariamente em instituições públicas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como freelancer em lanchonete, sem vínculo empregatício. Declara possuir Transtorno de Personalidade Borderline, utilizar serviços de saúde públicos e receber benefício social (Bolsa Família).*

Aysla entrou em contato comigo em março de 2024, indicada por uma profissional de um Centro de Convivência que se deparou com a minha divulgação acerca da pesquisa de doutorado. Em conversa com a participante, esta demonstrou preferência em realizar o encontro dialógico no próprio Centro, onde disse ser atendida. Conseguimos viabilizar a utilização daquele espaço, com anuência da equipe responsável, que foi bastante gentil e solícita. O encontro se efetivou em julho de 2024, em uma segunda-feira de manhã.

Minha viagem até o Centro foi bastante tranquila. Eu sabia onde ficava o prédio, mas nunca soube o uso ou função daquele espaço. Próximo ao local, rapidamente encontrei a portaria, onde parei e me identifiquei. Enquanto falava com o guarda, Aysla chegou, alguns minutos adiantada. Conversamos brevemente sobre o clima – nublado e frio, bem diferente dos dias anteriores. Naquela manhã, em minha cidade, não estava tão gelado, de modo que fui pego desprevenido pela queda de temperatura.

Adentrei o Centro e dirigi para o estacionamento enquanto Aysla ia até a recepção. Após estacionar, andei até onde ela estava, juntamente com uma psicóloga do Serviço. Cumprimentamo-nos. Então, a psicóloga me mostrou o espaço e me explicou sobre o funcionamento do Centro. Ela estava no trabalho há um ano, enquanto Aysla era usuária do Serviço há alguns anos. Notei que, naquele ambiente, todas as pessoas pareciam conhecer Aysla, chamando-lhe pelo nome e dirigindo-lhe cumprimentos afáveis.

Após conhecer o Centro e ser apresentado aos funcionários presentes, a psicóloga nos deixou em uma das diversas salas que ali havia. Antes de sair, ela abriu as janelas e cortinas, além de nos orientar onde poderíamos encontrá-la caso necessário. O espaço era amplo e conservado. Imagino que fosse utilizado como sala de aula, pois havia umas 30-40 carteiras escolares com apoio de braço distribuídas em cerca de seis fileiras, uma mesa e cadeira à frente, um relógio de parede e, talvez, um quadro branco – sentamo-nos à mesa, eu de costas para a parede do suposto quadro, então não tenho certeza sobre ele.

Aysla foi logo dizendo que eu parecia familiar. Ela estava certa – e eu sabia exatamente de onde nos conhecíamos. Não percebi de imediato, mas enquanto estávamos conversando no WhatsApp, reparei em sua foto de perfil e lembrei-me dela. Eu já tinha encontrado Aysla em duas outras ocasiões, o que me deixou bastante curioso e feliz com a coincidência de sua mensagem nesta nova etapa da minha vida – o doutorado. Assim, expliquei que tínhamos nos encontrado há oito anos, quando eu era estagiário, em um local que Aysla me disse frequentar até hoje. Ainda, estivemos ambos presentes, como ouvintes, em um evento há alguns poucos anos. Expressei minha felicidade com o nosso novo encontro.

Aysla pareceu satisfeita com a situação. Ela aproveitou para me atualizar sobre o Serviço onde estagiei, dizendo que, nesse intervalo de tempo, este ficou cada vez mais precarizado. Fiquei triste com a situação, pois trata-se de um importante equipamento público, que há quase uma década já enfrentava a contradição que Aysla descreveu: poucos funcionários para muitos usuários. Pareceu-me que, de lá para cá, isso só piorou...

Ao sentir que esse momento inicial se esgotava, comentei sobre a pesquisa, dizendo que tínhamos alguns documentos para preencher, mas que podíamos começar pela entrevista. Aysla preferiu iniciar pela conversa. Ainda assim, expliquei brevemente sobre a pesquisa e, então, perguntei: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?”

Aysla me pareceu bastante organizada em seu relato. Senti que ela me apresentou um quadro geral de início, composto de dores e delícias, que fomos aprofundando e detalhando ao longo do encontro.

Uma das dores que Aysla me relatou foi a empregabilidade. Pareceu-me, inclusive, que corresponde, na atualidade, à maior dificuldade que ela vivencia. Aysla trabalhou outrora como auxiliar de limpeza, mas conta que, desde que fez a transição,

tem dificuldade em encontrar um emprego com carteira assinada. Atualmente, faz *freelance* em uma lanchonete às sextas-feiras, sábados e domingos. Não se queixou do atual trabalho, mas sim de ser algo ocasional e, pelo que fui entendendo, que pouco lhe respalda quanto a direitos trabalhistas e uma vida plena.

Contudo, Aysla não pareceu resignada. Ela me contou, por exemplo, de uma feira de emprego recente, onde havia um setor para pessoas LGBTQIAPN+. Descreveu a oportunidade como uma “esperança”. Por outro lado, não foi chamada e referiu, com pesar, que muitas empresas utilizam a pauta da diversidade como fachada, com objetivos escusos, os quais ela ainda não entende. Mencionou, também, que é comum, nesses processos, vagas para pessoas LGBTQIAPN+, mas que essas não são efetivadas – no fim, chamam gente cis hétero!

Nesse momento, lembrei que, mesmo entre pessoas LGBTQIAPN+, é comum as empresas selecionarem apenas gente “passável” – isto é, que “até parecem que não são” gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binários... Portanto, é frequente que pessoas trans, em função de sua expressão de gênero, encontrem dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho formal.

Ainda sobre esse contexto laboral, Aysla recordou que tentaram implementar um projeto de lei em sua cidade que tem enfoque no cuidado de pessoas LGBTQIAPN+ em diferentes âmbitos – saúde, assistência, trabalho etc. Este não foi aprovado, o que ela justificou aludindo ao perfil conservador dos deputados. Tal fato parece ser representativo do que, em minha experiência pessoal e profissional, tenho me deparado como característica de muitas cidades brasileiras.

De modo geral, para mim, foi particularmente triste ouvir que Aysla enfrentava essas dificuldades em relação ao trabalho. Como mencionei, eu a conheci há quase dez anos – e, naquela época, recordei-me, a empregabilidade também se impunha como uma dificuldade dela. Aliás, foi especificamente esse o enfoque do meu estágio. Ocorreu-me um desânimo súbito, que, embora saiba que não se confirme na prática, invadiu impertinentemente os meus pensamentos: “será que não avançamos ou progredimos quase nada?”.

Outra dificuldade que Aysla referiu foi em relação aos serviços de saúde. Sobre isso, mencionou uma situação em que seus pedidos de exame saíram com o “nome morto” (nome que foi registrada, mas com o qual não se identificava), mesmo após retificá-lo. Ainda, citou mais uma situação, na qual recusaram o agendamento de uma

mamografia (a qual disse ser necessária devido à hormonização), pois ela não tinha como apresentar o exame de Papanicolau. Ela descrevia a situação com certa incredulidade, como se fosse óbvio que essa regra não poderia se aplicar para a mulher trans – como a médica não sabia?! Em ambas as situações, disse que teve de recorrer a outros equipamentos da rede, em busca de apoio na luta para a garantia de seus direitos.

Ainda no contexto de saúde, Aysla me contou sobre as dificuldades que enfrentou para conseguir seus hormônios pelo sistema público. Segundo ela, tais medicamentos eram encaminhados primeiro para a capital e apenas “o que sobra” é doado para outras cidades, como a sua. No entanto, quando chegam na rede e ela é contatada para buscá-los, é necessário que tome dois ônibus até a unidade de saúde. Segundo ela, muitas vezes, devido ao tempo do deslocamento, é comum chegar e as medicações já terem acabado, pois pessoas trans que moram mais próximas conseguem retirar antes dela. Ela descreveu a cena como uma disputa; eu fiquei com a impressão de uma corrida, em que poucas alcançam a linha de chegada. Nas situações em que não consegue obter a medicação, torna-se necessário agendar uma consulta médica para solicitar uma substância diferente, nesse caso, via intravenosa, ou juntar dinheiro para comprar em serviços privados. Neste último caso, depara-se com as barreiras financeiras, mencionando que, quando precisa comprar hormônios, não consegue fazer outras coisas que considera importantes, como cuidados pessoais.

Relatou, também, dificuldades em relação ao uso de banheiros. Ela disse que, comumente, utiliza o banheiro adaptado para pessoas com deficiência – o entende como uma possibilidade dentro do que é estabelecido pela lei. Contudo, quando não há banheiro adaptado para pessoas com deficiência, algumas vezes utiliza o banheiro feminino. Já deixou de usar o banheiro, mesmo quando sentia que precisava. Não usa o banheiro masculino, pois não se vê lá, “de vestido”. Por outro lado, sente que, no banheiro feminino, é comum sua presença gerar constrangimento, tanto para ela quanto para as pessoas ali presentes. Relatou que as mulheres lhe dirigem olhares e comentam entre si, em volume alto suficiente para ela escutar, invalidando sua identidade de gênero e seu direito ao uso do recinto. Descreveu, ainda, um episódio em que entrou no banheiro e, quando saiu da cabine, tinham duas mulheres da faxina, o que lhe deu impressão de que estavam procurando-a, além de, do lado de fora, um

homem de braços cruzados e um segurança. Menciona que se sentiu coagida com a situação.

Como possível solução dos problemas em torno das dificuldades em equipamentos de saúde, do uso de banheiro e dos times de esporte, assunto que mencionou muito brevemente, considera a criação de espaços próprios para pessoas LGBTQIAPN+, como serviços especializados, um terceiro banheiro e times esportivos exclusivos. Reconhece que há divergências sobre esse assunto e, de fato, discute-se se tal prática não viria a contribuir para a acentuação de segregações. Contudo, entendi que, para Aysla, tal medida poderia significar não se ver defrontada com incômodos e violências.

Não obstante, Aysla relatou, ainda, dificuldades que sofrera para retificação de seu nome. Algo importante de mencionar é que ela fez o procedimento quando este ainda estava se estruturando no país. Em um primeiro momento, esforçou-se para juntar toda a documentação necessária, o que lhe custou 800 reais. Então, deu entrada no pedido com auxílio de um defensor público, embora com poucas expectativas, pois tratava-se de um homem já idoso, perfil que ela identificava como mais conservador. Ela diz que o profissional não trabalhou em sua causa, além de desincentivá-la. Após dois anos, ela tentou via cartório, mas foi informada de que seria necessário primeiro encerrar o processo jurídico, com o defensor público. Ao retomar com o primeiro profissional, ele queria cobrar dela o tempo de serviço. Ela disse que teve de brigar e ameaçar denunciá-lo ao respectivo conselho profissional para, somente então, conseguir sua documentação de volta e o encerramento do caso por parte dele. Enfim, no cartório, conseguiu a retificação de sua certidão de nascimento – e, gradativamente, dos outros documentos.

Sobre suas relações interpessoais, mencionou que a mãe é evangélica, não aceitando sua identidade de gênero, e que sofreu dois abusos sexuais por parte do pai, já falecido, quando era criança. Disse que a mãe não acreditou quando compartilhou com ela, tendo apanhado em vez de receber apoio. Embora tenha mencionado cinco irmãos, explanou mais minuciosamente sobre um deles, que foi confrontá-la em sua casa quando ela passou a se identificar como trans. Descreveu o encontro como verbal e fisicamente violento, tendo quebrado o braço do irmão, que não prestou queixa na polícia, pois tinha problemas com a justiça em função do não-pagamento de pensão alimentar. Eles não se falam desde então.

Descreveu a experiência de pessoas trans como “matar um leão por dia”. Ao acordar, referiu dois pensamentos: “qual será o leão de hoje?” e “será que voltarei viva?” – o que me fez ter associações com selva e, afinal, questionar-me quem são os bárbaros nessa história. Mencionou que sobreviveu à “expectativa de vida de 35 anos das pessoas trans”, mas destacou a violência social. Referiu um episódio em que, durante uma caminhada, foi abordada por um homem que tentou forçá-la para dentro de um carro, além de ameaçá-la e furá-la com uma faca na barriga. Ela me descreveu que ele agarrou o seu braço e não soltava, embora ela resistisse. Ela pensou que seria estuprada ou morta. Descreveu que sua sorte foi um caminhoneiro que passou e viu a situação, buzinando. O homem soltou-a e foi embora.

Senti que esse episódio foi bastante desorganizador para Aysla. Ela referiu que hoje está melhor, mas que, depois daquela situação, ficou dois meses dentro de casa, além de sentir que todos eram suspeitos. Ela disse que passou a se autolesionar, descrevendo os cortes que fazia nos braços e costas – o que me gerou grande desconforto, pois tenho certa aversão à sangue e imaginar objetos perfurocortantes rasgando a pele. Minhas mãos fecharam, agoniadas, embaixo da mesa.

Neste ponto da conversa, creio que entendi por que Aysla optou por fazer nosso encontro no Centro. Ela me disse que, ainda hoje, não se sente confortável para sentar-se de costas para a porta e sempre presta atenção no ambiente, analisando-o. Embora eu vivenciasse nosso encontro como leve e fluido, pensei que aquele era um espaço em que ela pudesse ficar mais confortável, onde aparentava ter boas relações e, a meu ver, representava uma proteção.

De modo geral, tive a impressão de que a família nuclear de Aysla é física e emocionalmente distante. Em contrapartida, pude perceber que sua esposa, filhos e netos são a sua família de fato, mencionando-os com felicidade e orgulho. Descreveu a esposa como sua base, alguém que sempre lhe apoiou. Estão juntas há quase duas décadas e, quando Aysla começou a identificar-se como trans, a esposa continuou ao seu lado. Contudo, Aysla diz que, apesar de estarem casadas, hoje elas vivem como amigas. Acredita que a esposa, uma mulher cis, busca nela uma performance masculina, algo que sente que não pode ofertar. Ela pareceu confortável com a possibilidade de que a esposa decida pela separação, embora demonstre gratidão pelo companheirismo dela. Ela também mencionou amigos que fez ao longo da vida, pessoas com quem ainda convive nos ambientes que frequenta.

Aysla repetiu, algumas vezes, que a maior delícia era ser ela mesma. Referiu, com satisfação, sua participação em paradas, marchas, *ballrooms*, entre outros eventos da comunidade. Contou-me também de uma exposição artística de uma mulher trans, em que a própria Aysla tinha duas imagens de si entre as obras representadas. Pareceu alguém engajada com eventos LGBTQIAPN+. Relatou acreditar que pessoas trans e LGBTQIAPN+ em geral têm conseguido mais espaço social – usando, com certo carinho, o termo “nossos espaços”. Depois, disse que estava chamando de “nossos”, mas não sabia se eu também me identificava como parte da comunidade. Disse que me entendia como um homem cis gay, e ela pareceu incluir-me, então.

Descreveu um evento que teve no Centro, em alusão ao mês da diversidade, que ela própria sugeriu – pois, em sua percepção, estavam organizando uma festa junina, mas deixando essa pauta de lado; então, ela viu necessidade de alguma ação na temática. No referido evento, ela mesma palestrou. Aparentou certa apreensão, principalmente na primeira das três palestras, que aconteceu com adolescentes. Contudo, senti que foi uma oportunidade de ela compartilhar sua experiência, o que pareceu altamente importante e significativo para ela – descrevendo o caso com nítida satisfação. Sobre o próprio Centro, disse que, no começo, teve dificuldades com alguns membros da equipe, que não a aceitavam, mas que ela permaneceu lá. Mencionou que, atualmente, eles não estão mais no Serviço. Achei interessante o contraste entre os dois momentos: da resistência e do preconceito para o acolhimento e a abertura, de modo que a própria palestra foi possível. Fiquei pensando o quanto as pessoas (trans)formam, como suas lutas abrem lugar para mudanças acontecerem. Por outro lado, pareceu-me injusta tamanha responsabilidade, pois Aysla me relatou tantas dificuldades no nosso encontro... Por que precisava ser assim? Como dividir esse fardo, de forma que se torne menos pesado?

Além disso, Aysla mencionou já ter passado por muitas coisas até aquele momento para ser ela, sendo impensável retornar ao que era antes. De fato, sinto que Aysla percorreu um longo caminho até chegar ao ponto em que eu a encontrava, naquele instante. Parecia fazer jus à sua história, de modo que não aceitaria retroceder por nada. Ilustração disso foi quando mencionou que nem para conseguir um emprego se adaptaria e fingiria ser alguém que não era.

Sentindo que nossa conversa chegava ao fim, perguntei se ela queria complementar o que até então tinha me contado. Ela estava satisfeita com o que

compartilhou, então passamos para a documentação. Neste momento, suscitou uma única dúvida, a respeito da diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Expliquei e illustrei os termos, espero que de forma que tenha feito sentido.

Aysla me acompanhou, então, pelo espaço do Centro, contando-me sobre as salas, por exemplo, onde faziam as refeições. Ao chegar à Secretaria, uma das funcionárias me consultou para saber se poderia fazer algumas fotos como parte do registro das atividades do dia. Eu precisaria preencher um termo de consentimento, o que Aysla já tinha no equipamento, talvez de algum outro evento do qual participou. Ela estava confortável com a situação, referindo gostar de fotos. Como o Serviço foi bastante acolhedor e solícito comigo, senti-me em uma “saia justa” e assenti. As fotos foram tiradas em uma sala diferente da que estávamos, onde havia uma mesa com algumas cadeiras, aparentemente para reuniões. Desta vez, a situação não pareceu fluida, mas artificial, comigo e Aysla nos olhando enquanto uma profissional do Serviço tirava as fotos. Depois, ela nos mostrou os registros. Saímos do espaço, indo em direção ao portão.

No caminho, encontramos a psicóloga que me apresentou o Centro quando cheguei – ela estava trabalhando nos preparativos da festa julina. Novamente, agradei a ela pela recepção, e a Aysla, pela disponibilidade e por compartilhar a sua história comigo. Nos despedimos com um abraço. Quiçá, para um próximo encontro, algum dia.

Esta narrativa terminaria agora, mas o encontro – principalmente as fotos – seguiu reverberando em minha volta para casa. A situação toda me incomodou e, no caminho, meus pensamentos voltavam-se para princípios éticos e para o sigilo. Após consultar a minha orientadora, escrevi para a equipe agradecendo, mas solicitando que as fotos, meu nome e título da pesquisa não fossem divulgados, para preservar a identidade da participante. A responsável compreendeu e concordou com a solicitação.

## **Amanda**

*21 anos. Intersexo, identidade de gênero feminina, heterossexual, negra, solteira. Reside com o pai e a mãe, em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 2.800 reais. Cursa o ensino superior em instituição privada, porém estudou, majoritariamente, em instituições públicas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como*

*estagiária (não remunerada). Declara possuir Transtorno Afetivo Bipolar, utilizar serviços de saúde públicos e privados e não receber benefícios sociais.*

Amanda entrou em contato comigo em março de 2024, após deparar-se com o convite de participação da pesquisa, compartilhado por um terceiro em um grupo de WhatsApp do qual ela fazia parte. Mostrou-se bastante disponível, interessada, comunicativa e brincalhona. No entanto, algumas de suas falas, como a sugestão de realizar a entrevista em um local inadequado, despertaram em mim dúvidas sobre a viabilidade do trabalho com ela.

Após conversar com a minha orientadora e refletir sobre o assunto, optei por marcar um encontro com Amanda, que se concretizou em julho de 2024. A pedido dela, que estava estudando para um concurso público, este foi online, em uma sexta-feira à tarde. Cuidei do ambiente para não termos interrupções e preparei os arquivos do “kit entrevista” (termos e documentos necessários), para estarem facilmente disponíveis.

Amanda entrou na sala com poucos minutos de atraso. Não saberia precisar quantos, mas foram tão poucos que me causou estranhamento quando ela pediu desculpas pela demora. Justificou que estava envolvida em outras atividades, de modo que foi surpreendida pelo avanço rápido do horário. Conferi se não a atrapalharia conversarmos naquele momento, pois, caso considerasse melhor, poderíamos remarcar o encontro. Ela respondeu que podíamos continuar sem problemas.

Após explicações sobre a pesquisa, questionei Amanda com a expressão facilitadora: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?”. Ela relatou que sua experiência consistiu em um caminho de dor antes de tornar-se delícia. Segundo ela, para algumas pessoas, esse caminho é mais longo, para outras, mais curto, enquanto há ainda aquelas que nem chegam a vivenciá-lo como delícia.

Retomando a sua história, Amanda mencionou que, quando criança, gostava de brincar com meninas e meninos. Contudo, devido a ser efeminada, sofria bullying na escola. Além disso, durante o Ensino Fundamental II, utilizava os cabelos compridos e, por esse motivo, costumava ser confundida com uma menina.

Interessante notar a ambiguidade desses episódios. Por um lado, o bullying parecia ser fonte de sofrimento para a Amanda. Por outro, ela referiu com satisfação os episódios de confusão, como se atestassem uma feminilidade que almejava. Aliás,

mencionou que foi justamente em um desses episódios que “ser menina” emergiu como uma possibilidade – um colega perguntou-lhe seu gênero e ela ficou pensativa sobre o assunto.

Disse que, conforme crescia, muitas coisas mudavam. Passou a ter vergonha de coisas que antes não tinha, como tomar banho com os amigos. Atribuiu isso ao fato de ser introvertida, juntamente com maiores conhecimentos sobre sexualidade, adquiridos no Ensino Fundamental II. Assim, sentia-se “embaraçada” com a nudez diante dos outros. Além disso, em buscas na internet, foi descobrindo mais sobre o universo trans.

Sem dúvidas, uma fonte de confrontos e reflexões na trajetória de Amanda foi a religião. Sua família era católica e frequentava a igreja semanalmente, o que ela também fazia, embora a contragosto, pois não se sentia confortável naquele espaço, já que pessoas LGBTQIAPN+ eram descritas como pecaminosas. Relatou uma situação em que confessou para o padre que não gostava de ser menino e que ele, apesar de ter acolhido Amanda, disse-lhe que Deus a fez assim e que ela deveria aceitar o seu sexo/gênero. Com o passar dos anos e com maior autonomia, deixou de frequentar esse espaço, não cogitando retornar para ele.

Ainda na infância, Amanda criou um personagem feminino em um jogo que gostava. Dessa maneira, ela pôde se relacionar com outras pessoas a partir dessa vivência/identidade. Inclusive, apaixonou-se por um garoto, com quem teve uma relação virtual de um mês. No entanto, disse que não aguentava mais a sensação de que o estava enganando e, então, decidiu contar que “não era uma menina”. Ela comentou, revirando os olhos, que o garoto a bloqueou depois desse episódio.

Em determinado momento, Amanda sentiu que precisava “furar a bolha” e ser ela mesma em outros espaços além da internet. Foi quando decidiu contar para seus pais sobre sua identidade de gênero. Descreveu que, em um primeiro momento, eles precisaram elaborar o luto de “perder um filho”, mas que logo compreenderam que “ganharam uma filha”, passando a apoiá-la.

Esse apoio parece ter sido fundamental para Amanda. A família buscou serviços de saúde para ela desde muito cedo, o que possibilitou que realizasse bloqueio hormonal aos 16 anos de idade. Está acompanhada desde então, faz terapia hormonal cruzada e, atualmente, buscou respaldo jurídico para a realização de cirurgia de neovulvovaginoplastia junto ao convênio médico.

Notadamente, Amanda possui importantes figuras de apoio. Pareceu nutrir sentimentos positivos pela família nuclear, embora tenha descrito o apoio recebido por eles como “um privilégio”, visto não ser a realidade de muitas pessoas trans. Outra figura de nítida importância para ela é seu namorado, com quem está há nove meses, tempo suficiente para ela brincar que “nasceu o bebê” (relação amorosa de ambos).

Curiosamente, seu namorado é evangélico. Ela descobriu esse fato quando estavam se conhecendo, em um passeio no shopping. Quando soube, pensou que estava “fodida”, pois tratava-se de uma religião bastante reacionária quanto a pessoas LGBTQIAPN+. No entanto, ao questioná-lo se ele pensava que ela iria para o inferno, ele disse que não. Pareceu sentir-se acolhida e satisfeita com a resposta dele.

Achei curioso o fato de Amanda fazer essa pergunta para o namorado mesmo já tendo rompido com o catolicismo e manifestado que não pretende retomar aquela religião. Pensei que seu interesse sobre ir ou não para o inferno pudesse ser uma repercussão dessa crença tão arraigada em nossa sociedade sobre pessoas LGBTQIAPN+ e pecado ou, talvez, o que acho até mais provável, que fosse um jeito de questionar o namorado sobre o que pensava sobre ela. Em todo o caso, Amanda tem cogitado ir ao culto com ele, não porque gosta, mas porque o deixaria feliz. Pareceu estar disposta a fazer pequenos sacrifícios para agradar outrem.

Ainda sobre o namorado, ela descreveu a diferença de altura entre ambos, de 15-20 centímetros. Amanda é bem alta, o que parece incomodá-la um pouco. Segundo ela, pelo imaginário social, mulheres são mais baixas, o que lhes conferiria um aspecto de alguém a ser protegida, o que parece desejar. No entanto, apesar da diferença de estatura em relação ao namorado, sente-se acolhida e segura com ele, descrevendo com visível afeição quando ele a abraça ou lhe empresta a blusa de frio.

De modo geral, Amanda diz ter uma boa passabilidade, o que imagino que também tenha sido desdobramento das terapêuticas com bloqueadores e hormônios desde cedo. Apesar de eu conseguir vê-la pouco em função das características de um encontro online, ela relatou traços socialmente tidos como femininos, como o volume dos seios. Ela disse que não costuma ser confundida quanto à sua expressão/identidade de gênero, embora acredite que sua passabilidade fosse maior quando tinha cabelos longos – hoje, eles estão nos ombros.

Descreveu o processo de cortar o cabelo como altamente significativo. Segundo ela, seu cabelo “carregava lembranças” – como vivências da infância, imposições sociais do que significava ser mulher, os desejos do ex-namorado, que

“só gostava de cabelos compridos” e com quem teve uma relação insatisfatória, tintas que havia utilizado para colorir as madeixas. Assim, sentiu necessidade de raspá-los há um ano e deixar que crescessem novamente.

Pareceu-me, pelo seu relato, que os fios de cabelo a conectavam a dores e imposições sociais. É como se fosse necessário retirar tudo de cena para, então, conjecturar e constituir a Amanda, à sua maneira. Segundo ela, isso só foi possível após perceber que o que importava era como ela se apresentava socialmente – “sou uma mulher – e ponto!”, – em vez de ter características físicas X ou Y.

Mas isso não significa que seu passado tenha sido excluído. Afinal, como ela mesma descreveu, seu antigo eu seria um “irmão siamês absorvido”. Isto é, ela afirma ainda gostar de jogos e ser brincalhona (ou “um moleque”, em suas palavras), o que identifica por ter sido criada nesse universo masculino, tendo integrado isso como seu eu. Particularmente, não gosto muito dessa ideia de algo essencialmente masculino ou feminino, mas sinto que entendi o que ela quis dizer – que toda a sua trajetória a compõe, sem recortes ou exceções.

Outro momento que deixou nítido esse aspecto de constituição processual de si foi quando Amanda citou que tinha “um quarto de depressão” – diagnóstico que, pelo que entendi, teve durante a infância ou adolescência. Para ilustrar para mim o referido quarto, ela virou a câmera para o ambiente, de modo que eu pudesse vê-lo. Era um misto de organização e bagunça. Pude perceber bonitas prateleiras, com pequenas decorações enfileiradas, assim como pilhas de roupas sobre a cama. Pareceu bastante elucidativo de um processo de revisão e reorganização – ou, em sentido mais amplo, da própria vida.

Especificamente sobre a comunidade trans, Amanda disse que procura ajudar pessoas próximas e colaborar com a pauta, mas sem se expor. Teme que, caso o faça, possa perder oportunidades, como estágio e contatos, aspectos que ela identifica como importantes para a sua carreira. Refere que há muitos contextos nos quais não se revela como uma pessoa trans, como entre amigos, com os sogros e no trabalho. Não vê necessidade para tal, pois, afinal, não está se relacionando sexualmente com nenhum deles.

Ainda, disse que o que menos gosta na experiência de ser mulher são os assédios. Ilustrou diversas situações em que isso acontecia em seu cotidiano, como pessoas a chamando na rua, entregando seus números de telefone e/ou chamando-a para sair. Ainda, descreveu o ambiente de jogos eletrônicos, do qual participa, como

machista – por exemplo, quando a mandam ir lavar a louça. Ela respondeu que não se importa, dando a entender que ignora tais comentários, pois é boa em fazer seus “*pentas kill*” (eliminação de todos os personagens inimigos por uma só pessoa). Além disso, entende sua inclusão nos jogos como uma possibilidade de maior abertura para as mulheres neste contexto.

Um assunto que senti que conversamos com certo cuidado, pois ainda parece trazer repercussões emocionais para Amanda, foi sobre um abuso sexual que sofreu quando era criança por parte de um familiar próximo, com quem afirmou ter pouco convívio desde então. No entanto, em situação recente, em que ele estava internado, ela o acompanhou durante uma noite no hospital. Disse que não sentiu ódio, mas dó de vê-lo naquela situação. Referiu que essa foi uma oportunidade de ressignificar o que foi vivido e compreender que ela própria era uma boa pessoa, mitigando a culpa que sentia por fantasiar que provocou a situação de abuso.

De modo geral, pareceu-me que Amanda tem uma visão bem holística da vida. Por exemplo, ela comentou que estamos todos conectados. Citou, como ilustração, o ar que respiramos e expiramos, dizendo que todos nós estamos em contato com o mesmo ar, contribuindo para essa “dança”, o que nos entrelaça. Além disso, parece preocupar-se em ser uma boa pessoa, agradável e que contribua com o próximo e diante diversas experiências, tal como a do hospital, pergunta-se: “o que eu aprendi com isso sobre mim?”. Ainda, parece tomar todos como pessoas, de modo que, às vezes, “confessou” que “até se esquece que é trans”.

Achei curiosa esta última frase, de modo que um curta-metragem passou pela minha cabeça. Por um lado, por que seria um problema “esquecer-se”, a ponto de ela precisar “confessar”? Por outro, o quão privilegiado alguém precisa ser para “esquecer-se”? E, ainda, será que não seria exatamente esse julgamento, de tomá-la como privilegiada, o motriz dela precisar se “confessar”?

Em suma, Amanda pareceu grata e contente pelo encontro. Ao final, lemos e preenchemos devidamente os termos e documentos, o que foi viabilizado por projeção de tela e troca de arquivos para assinatura. Mais uma vez, demonstrou-se bastante colaborativa, indicando outro participante para o estudo e, rapidamente, entrando em contato com ele para verificar o seu interesse.

## **Melkor**

*24 anos. Masculino, panromântico assexual, branco, solteiro. Reside com o pai e o tio, em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 2 mil reais. Cursa ensino superior, tendo estudado majoritariamente em instituições públicas de ensino. Interrompeu seu percurso educacional devido à depressão e à pandemia de COVID-19. Não está trabalhando. Declara ter fibromialgia e depressão, utilizar serviços de saúde públicos e não receber benefícios sociais.*

Melkor entrou em contato comigo por e-mail, em março de 2024, após tomar ciência desta pesquisa de doutorado, compartilhada por um amigo meu. Ao todo, trocamos 14 e-mails até a concretização do nosso encontro em julho de 2024. Chamou-me a atenção, nesse momento, sua preferência por esse canal de comunicação em vez do WhatsApp, bem como o seu estilo de escrita formal e rebuscado.

Na data acordada, dirigi-me para o shopping que Melkor havia sugerido. Estava preocupado, pois, embora eu tenha sugerido pensarmos em uma estratégia para nos identificarmos, ele não respondeu a essa mensagem – ainda que tenha confirmado presença e combinado um ponto de encontro. Em todo o caso, conforme disse que faria, mandei-lhe uma breve descrição de minhas vestimentas e aparência no dia. Aceitei ficar ali, à disposição, mesmo sem saber nada sobre Melkor, por acreditar que poderia sentir-se mais seguro assim, inclusive para desistir da pesquisa e sequer apresentar-se para mim, caso assim desejasse.

Por outro lado, também havia um estranhamento quanto a ir ao encontro de alguém que não sabia quem era. O fato de ser um shopping era uma proteção para mim, mas sentia-me um pouco aflito. Talvez em parte por ser um homem cis gay e já ter sofrido violência na rua e, em parte, por trabalhar com pessoas trans – será que alguém poderia se incomodar com isso a ponto de me fazer algum mal? E, se para mim, que não sou nem trans, os medos já existiam, como será para uma pessoa trans circular na cidade?

No shopping, sentei-me em um dos bancos que havia na entrada combinada. Demorei alguns minutos para perceber que estava no lugar errado, o que aconteceu porque avistei, de longe, uma placa que identificava a área “ponto de encontro” – quando Melkor comentou esse nome, pensei que era uma referência àqueles bancos

onde eu estava, mas descobri que há um lugar mais confortável e delimitado para essa finalidade. Dirigi-me para lá, onde ele aguardava-me sentado em uma das poltronas.

Como já tínhamos combinado, por e-mail, de irmos até uma cafeteria do shopping, perguntei se existia alguma que ele conhecia ou preferiria. Ele assentiu e o segui até o local. Era relativamente perto, de modo que não tivemos que andar muito. No trajeto, conversamos sobre a tranquilidade do shopping naquele dia e horário, além de suas ressalvas sobre a cidade onde residia, pois acreditava que ela tinha um perfil “de direita”.

Na cafeteria, Melkor parou no balcão para pedirmos algo. Após ele e eu analisarmos os cardápios, ele solicitou um cappuccino – e, como gosto, pedi um também, além de um pastelzinho de nata (que, apesar de gostoso, demonstrou-se, *a posteriori*, uma péssima ideia, pois passei parte do encontro complexado com a possibilidade de meus dentes estarem sujos com a massa, que era um pouco grudenta).

Realizados os pedidos, sentamo-nos à mesa. Melkor me fitou, como que aguardando pelo início da “entrevista”. Mais uma vez, agradei o interesse dele no trabalho e disse que poderíamos começar pelos termos ou pela conversa. Confesso que tinha uma expectativa de que ele fosse optar pelos documentos, dada a formalidade de nosso diálogo por e-mail. Estava certo e assim o fizemos.

Desse modo, preenchamos os termos e o questionário socioeconômico e, enquanto isso, íamos conversando informalmente sobre burocracias e ensino superior. A situação me deu tempo para olhar melhor Melkor. Ele trajava uma camiseta do *Deadpool*, personagem que descobri que ele gostava e cujo filme assistiria mais tarde naquele dia com a mãe. Estava de boné, de modo que eu não soube o comprimento do seu cabelo. Usava uma manga de compressão em um dos braços, acredito que por causa da fibromialgia. Trajava um Binder (embora só fui descobrir posteriormente, quando ele comentou). Tinha uma formalidade curiosa, que contrastava com seus vinte e quatro anos de idade.

O começo da nossa conversa foi um pouco maçante. Suas respostas eram curtas e objetivas, de modo que eu sentia a necessidade de novas formulações, para que nos demorássemos em alguns assuntos. No entanto, em determinado momento, quando estávamos falando sobre as expectativas de outras pessoas sobre ele, perguntei-lhe como era isso – foi quando ele verbalizou que as mandava “tomar no

cu”, que eram projeções delas, não planos dele. Fiquei espantado com o palavrão, que desmontava aquele ar de formalidade construído até então. No entanto, penso que esse instante foi absolutamente importante para o nosso encontro, pois sinto que foi a partir dele que as coisas fluíram.

A primeira coisa que ficou nítida para mim, na conversa com Melkor, é que ele vivenciou muitas dores em sua história. Como alguém designado enquanto do gênero feminino ao nascimento, ele disse que experienciou abuso sexual e relacionamentos tóxicos. Disse também que, desde criança, não gostava de bonecas, mas sim de brinquedos tipicamente tidos como masculinos, e que sofreu bullying por esse motivo.

Atreiou tais sofrimentos à experiência de ser mulher, justificando um desejo de afastar-se da identidade feminina – isto é, descreveu como parcela importante para identificar-se como homem trans. Creio que essa ideia pode suscitar debates acalorados sobre a transvestigeneridade. No entanto, não creio que Melkor esteja propondo uma “teoria do trauma” como um determinismo – penso que isso seria, aliás, uma traição à preocupação que ele demonstrou em nosso encontro com a aplicação de modelos genéricos, desconsiderando as individualidades/especificidades. A meu ver, seu discurso ilustra como nossas identidades atrelam-se ao que experienciamos/vivenciamos, enquanto pessoalidades individuais e coletivas, sendo que, na história de Melkor, isso se deu dessa maneira.

Uma figura que me pareceu significativa em sua história foi a sua avó paterna. Melkor disse que ela perdeu a filha e, depois disso, tentou encaixá-lo nesse papel. A seu ver, a avó tentava manipulá-lo para ter desavenças com a mãe, de modo que pudesse tomar esse papel para si, além de não aceitar a sua identidade de gênero masculina, não respeitando o nome com que ele se identificava, por exemplo.

Sobre a avó materna, Melkor falou pouco dela, pois não gosta de rememorar o assunto. Disse que, em uma ocasião, ela tentou violentá-lo após um surto psiquiátrico. Relatou entender o quadro de saúde grave dela, assim como os sofrimentos que ela viveu em uma época em que os tratamentos envolviam hospitais psiquiátricos e eletroconvulsoterapia. No entanto, complementou que tolera a situação, mas não a aceita ou compreende, parecendo nutrir distância da avó.

Pelo que percebi, os avôs de Melkor já faleceram. Ademais, também afirmou não ter boa relação com o tio, com quem reside, devido ao perfil mais conservador deste último. De modo geral, Melkor é distante de grande parte de sua família, quer

seja porque não houve convívio, consideração e vínculo, quer seja porque, em função de preconceitos, prefere manter-se afastado.

Por outro lado, parece nutrir uma relação satisfatória com a mãe e o pai, além de contar com alguns amigos, sejam aqueles que residem próximos dele ou aqueles que tem “on-line” (isto é, com quem o contato se dá por meio de aplicativos de mensagens e/ou jogos eletrônicos). Sobre estes últimos, Melkor parece conversar com pessoas de diferentes países, tendo afirmado falar mais inglês do que português atualmente, inclusive utilizando, ao longo do nosso encontro, expressões em inglês e tendo se esquecido de termos em português, ocasiões em que eu lhe ajudava.

A internet pareceu também ter relevância na trajetória de Melkor quanto à sua identificação. Em um primeiro momento, ele me contou que se identificou como alguém não binária, mas que, na comunidade internacional, tal termo representava uma figura andrógina que tendia mais para o feminino, o que o incomodava. Foi após a afirmação de outra pessoa da família enquanto trans que essa possibilidade emergiu para ele, ainda na sua adolescência. Referiu que submeter-se, isto é, não ser ele mesmo, corresponderia a “deixar de viver”, quer seja simbolicamente, quer seja concretamente, fazendo alusão à possibilidade de suicídio caso isso sucedesse.

Depois disso, pôde investigar mais sobre o assunto via pesquisas na internet, que permitiu a ele contatar outras pessoas trans e vivenciar a sua identidade por meio de personagens em jogos eletrônicos antes de afirmá-la fora das redes, quando sentiu que somente isso já não era o suficiente. Ficaram nítidas para mim as repercussões da internet neste momento histórico, no acesso a informações, organização de comunidades e possibilidades de identificação.

No entanto, para Melkor, a comunidade tem suas contradições. Citou, por exemplo, que há pessoas não binárias que não se consideram trans e, por esse motivo, não se engajam nesta pauta; relatou conflitos entre pessoas trans e travestis quanto a descrições identitárias medicalizantes e/ou sociais; citou a transfobia dentro da própria comunidade, cis ou trans; rememorou uma citação de Martin Niemöller – “em seguida, vieram buscar os judeus, e eu fiquei calado, porque não era judeu” – e disse que, quando as pessoas não lutam umas pelas outras, deixam de perceber que “estão cavando a própria cova”. Pude perceber, assim, que o fato de ser LGBTQIAPN+, por si só, não representa uma leitura crítica acerca da realidade social nem um engajamento quanto às pautas de diversidade sexual e de gênero, tampouco experiências homogêneas.

Melkor referiu, ainda, que os ambientes que frequenta são “civilizados”, de modo que não teme por sua integridade física. Por outro lado, sofre outros preconceitos e violências mais velados, como olhares, desrespeito com os seus pronomes, entre outros. Já deixou de sair por esse motivo e disse preferir ficar em casa. Quando sai, sente-se mais seguro na presença de alguém de confiança, como o pai, a mãe ou os amigos.

Especificamente na faculdade, menciona que há pessoas com quem pode contar, mas há também aquelas preconceituosas ou que ignoram completamente a sua existência. Ainda, segundo ele, a faculdade está pouco preparada para acolher pessoas trans, de modo que, em sua trajetória lá, teve de implorar aos docentes para usarem o nome com o qual se identificava.

Sobre os equipamentos de saúde, mencionou que já teve tratamento recusado devido à incompatibilidade do nome utilizado com o de registro. Descreveu, também, dois serviços de sua cidade. Em referência ao primeiro, afirmou que há uma prática “impessoal e protocolar”, com trocas frequentes de residentes e repetida recorrência a anamneses, as quais considera pouco “calibradas” ou “sensíveis” a uma série de particularidades de sua vivência – por exemplo, pesadelos crônicos que tem há 10 anos, o que atribuiu aos sofrimentos que já viveu. Essa situação é experienciada por ele como algo maçante e como falta de atenção por parte dos profissionais.

Além disso, referiu que não conhece o docente supervisor ou outros usuários do serviço. Justifica que a prática grupal parece ser mais comum entre adolescentes e pais/responsáveis, mas não para a sua faixa etária. Percebeu diferença de quando era atendido por psiquiatra particular, com quem discutia o seu caso, e agora, nesse serviço, onde isso não ocorre, de modo que disse não saber nada sobre o seu plano de tratamento. Não obstante, tem a impressão de que se importam menos com o paciente caso não haja um transtorno psicopatológico “comórbido”<sup>22</sup>.

Referindo-se ao segundo serviço, descreveu que, em consulta recente, acompanhado da mãe, vieram para a sala diversos profissionais juntos para realização de um exame físico. Tocaram-lhe a barriga e falaram, de forma

---

<sup>22</sup> Neste caso, utilizamos as aspas para indicar discordância com o uso do termo, uma vez que a transvestigeneridade não corresponde a uma psicopatologia; portanto, não caberia o uso do vocábulo “comorbidade” enquanto coexistência de condições psicopatológicas. Por outro lado, optamos por incluir esse termo, pois ele expressa o que foi descrito pelo participante, ou seja, não apenas a patologização da transvestigeneridade por aquele serviço de saúde, mas também a maior valorização de pessoas trans com “mais outras psicopatologias”.

“desumana”, sobre a necessidade de perda de peso para realização de hormonioterapia. Ele disse que não esperava essa prática e se sentiu exposto e humilhado. Senti-me mobilizado quando ele afirmou que os profissionais se aproveitam do “choque” do paciente para fazer o que quiserem com ele.

Foi com grande pesar que ouvi os relatos de Melkor sobre esses serviços. Apesar de ter alguém da família que trabalha naquele hospital, de estar acompanhado de sua mãe, de serem equipamentos em uma renomada instituição de ensino superior, de serem serviços altamente especializados na saúde de populações que historicamente sofrem violências sociais... Isso me indicou que, superficialmente, determinado serviço pode aparentar preocupação com a diversidade e com o atendimento de pessoas trans, mas, apesar de todos os apesares, quando investigados a fundo, é possível também que tais serviços continuem replicando uma lógica patologizante, autoritária, desumana e violenta contra a pluralidade e a vida.

Neste ponto do encontro, Melkor também questionou a necessidade de emagrecimento para realização de tratamento hormonal. A seu ver, é comum que pessoas trans tenham depressão em função de todas as violências que vivenciam, o que faz com que seus metabolismos sejam mais lentos e a perda de peso, mais difícil. Apesar de compreender os riscos para a saúde de tais terapêuticas, questiona se não seria mais interessante fazer um uso seguro delas, até para melhorar a autoimagem e autoestima dessas pessoas, o que poderia impactar também o engajamento para a perda de peso.

Ao final do encontro, Melkor aparentou ficar feliz com a possibilidade de escolher um nome fictício para si, considerando a proposta bastante “fofa”. Agradeceu pelo café e demonstrou interesse pela tese e por outros trabalhos que eu tenha publicado. Foi neste momento que descobri que sua mãe estava lhe aguardando (embora não soubesse bem em que lugar do shopping), durante aquelas horas. Desejei em meus pensamentos que não tenha sido maçante para ela. Por fim, ele me explicou sobre como sair do shopping, pois lhe perguntei, devido às minhas dificuldades com orientação. Reforcei, novamente, meus agradecimentos e disponibilidade. Despedimo-nos, então, com sorrisos e desejos de um bom dia – e, no caso dele, de um bom filme.

## **Cleuza**

*47 anos. Mulher trans/travesti, heterossexual, branca, casada. Reside com o marido em casa própria e quitada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 9 mil reais. Tem pós-graduação completa, tendo estudado majoritariamente em instituições públicas de ensino. Interrompeu seu percurso educacional devido ao bullying e à violência. Trabalha como professora do ensino fundamental, com vínculo empregatício. Declara realizar reposição hormonal, utilizar serviços de saúde públicos e privados e não receber benefícios sociais.*

Quando Cleuza ingressou na chamada, ocorreu-me aquele meme: “não tenho nem roupa pra isso”. Entenda, não que eu estivesse desleixado, mas me senti aquém. Ela estava maquiada, com os cabelos loiros muito bem arrumados e uma bonita blusa decotada. Se Cleuza desejasse, poderia dar uma entrevista para a televisão com aquele *look*. Além disso, tinha consigo uma xícara de café – o que me deixou com vontade (resolvida logo após a entrevista) – e fumou durante o encontro, depois de perguntar se eu me incomodaria, tendo eu respondido que ficasse à vontade.

Após eu ter explicado a pesquisa e falado a expressão facilitadora, Cleuza se apresentou, logo de início, como alguém que sobreviveu. Acrescentou que não saberia dizer se seria uma “sobrevivente”, pois sua história ainda está em curso, mas alguém que está viva e batalhando.

Referiu que não era uma “criança travesti”, mas um menino efeminado, motivo de vergonha para o pai e de discussões familiares. Diante da impossibilidade de romper com as pessoas que amava, foi aprendendo, o que acredita ser comum às crianças LGBTQIAPN+, que ela era a errada na situação. Odiava, por esse motivo, tudo o que pertencia ao universo feminino, procurando afastar-se dele. Em determinado momento, foi expulsa de casa e precisou interromper seus estudos, retomados posteriormente, quando já adulta (embora não tenha detalhado muito esse período).

Contou que tinha mamas avantajadas quando criança devido a uma questão hormonal, mas que precisou retirá-las. Sente que, se a família e a sociedade fossem mais abertas para a questão trans, talvez sua trajetória fosse outra e demoraria menos tempo para ser ela mesma.

Assim, menciona que gostaria de ter transicionado antes, mas entende que não era possível em sua história. Identificou a transição como uma possibilidade apenas

na fase adulta, processo facilitado pelo seu psiquiatra. Contudo, recorda que uma de suas preocupações na época foi onde trabalharia, pois já era professora e não pretendia ingressar na prostituição. Mencionou que o psiquiatra respondeu que ela poderia continuar trabalhando onde quisesse, inclusive como professora. Descreve esse momento como bastante significativo, além de que o laudo possibilitou que as pessoas compreendessem por que ela estava transicionando.

Em sua perspectiva, ela foi “a primeira” em muitos aspectos, sendo um “exemplo crível”. Explica que, apesar de existirem artistas como Rogéria e Roberta Close, estas eram distantes de sua realidade, pois não eram, por exemplo, professoras. Vê isso como uma possibilidade de ser referência, o que ela mesma diz não ter tido. Por outro lado, também refere uma grande responsabilidade: “não tenho margem para erro”, pois, se errar, irão justificar dizendo: “olha lá, foi porque é travesti”.

Contudo, não parece carregar isso como um fardo, e sim com felicidade. Sente que, ao ser ela mesma, é um exemplo não apenas para a comunidade trans, mas também para todas as mulheres, demonstrando que elas podem ser o que quiserem – do lar, esposa, professora, rainha de bateria, pesquisadora, política... tudo o que ela mesma faz e consegue. Demonstra orgulho por não ter “vencido” apenas na comunidade, mas também “lá fora”, onde travestis ainda são vistas como “monstros”, ou seja, de maneira pejorativa.

Assim, por vezes, salientou ser alguém passável, branca, concursada, uma figura pública, casada, com casa própria etc., e como essas características constituíam uma proteção contra a violência. Descreveu o que figurativamente pareceu uma ascensão social, do menino efeminado que sofria violências para a mulherão que é hoje, uma “conquista”. Achei uma palavra curiosa, pois simboliza as adversidades que viveu ao longo da vida e as possibilidades de superação em sua trajetória pessoal.

Também mencionou sentir-se grata e feliz porque a avó, que faleceu recentemente, pôde conhecê-la enquanto Cleuza; pela família chamá-la pelo nome; pelo respeito nos lugares em que trabalha e frequenta... Parece que isso tocou em algo importante, e seus olhos ficaram marejados neste momento. Sinto que entendi o recado: ela falava sobre o acolhimento e a possibilidade de ser.

Sobre a transfobia, mencionou que até pode vivenciá-la socialmente, mas que experencia mais os efeitos da misoginia. Exemplificou falando que, em seu trabalho, quando homem-professor, era escutada ao falar apenas uma vez, mas agora, depois

da transição, enquanto mulher-professora, precisa repetir incontáveis vezes para ter a mesma atenção. Ainda, expôs uma reflexão interessantíssima de que o racismo não tem relação com como você se autoidentifica, mas sim com a forma como é lido socialmente. Assim, a passabilidade parece exercer um fator protetor – tanto que descreveu ter amigos gays que sofrem mais “homotransfobia” do que ela própria.

Enquanto professora, referiu diversas situações vivenciadas na escola. Contou sobre uma atividade que passou para estudantes do 6º ano, para que desenhassem “pessoas LGBTQIAPN+ afirmativas”. Disse que muitas a desenharam (o que a deixou feliz), outras desenharam o Bob Esponja... Em todo o caso, uma figura política tentou fazer com que ela retirasse essa atividade por entendê-la como não apropriada para o contexto escolar. Como tem contatos, ela afirmou que conseguiu resistir, mas, se fosse outra pessoa, é possível que não conseguisse.

Mencionou, ainda, uma sala de crianças em que os meninos tinham cabelos curtos e as meninas cabelos longos. Pareceu-me bastante plausível. Contudo, a partir dessa imagem, ela ficou refletindo: Qual o motivo de ser assim? Será que todos e todas tinham o mesmo gosto quanto ao corte de cabelo? Ou eram imposições sociais?

Uma terceira ilustração é que, enquanto professora, costuma acolher responsáveis e, em algumas ocasiões, diz que estes se mostram resistentes quanto a comportamentos dos seus filhos que fogem ao esperado para meninos/meninas. No entanto, ao conhecê-la, ao “humanizá-la”, descreve que eles podem vencer tais “barreiras”. Citou um pai que desejou que o filho fosse um pouco como ela, afirmando que, se isso acontecesse, ele já estaria feliz.

Ainda sobre esses responsáveis, contou também sobre aqueles que se entristecem ao se darem conta do que estão fazendo aos filhos. Fez uma analogia curiosa de um domador de cavalos que adestrava os animais utilizando açoites e chicotes; no entanto, ao deparar-se com outro modo de domá-los, que se utilizava de um instrumento com sinos (não de violência), este defronta-se com o que estava fazendo, machucando animais que amava, tendo se entristecido. Logo, a partir dessas conversas, apresenta-se a possibilidade de os responsáveis mudarem o modo de relação com os filhos. Ela recordou que algumas pessoas não mudarão, devem saber que estão cometendo crimes. Mas que há possibilidade de transformação.

Ouvindo-a, também pude perceber a complexidade da comunidade LGBTQIAPN+. Ao falar da não-binariedade, ela mencionou preocupação quanto a movimentos que buscam dismantelar o binarismo – pois se reconhece enquanto uma

mulher, alguém que transicionou, o que faz parte de sua identidade. Por outro lado, acredita na possibilidade de uma política afirmativa, segundo a qual todos possam existir à sua maneira. Assim, diz que “dá maior força” à fluidez de gênero, que é o futuro, mas também entende essas lutas como recentes, de modo que levará tempo para tal fluidez se consolidar.

Apesar de ter demonstrado, algumas vezes, preocupar-se se eu já tinha conseguido o que gostaria – ao que expliquei que queria conhecer a experiência dela, não necessariamente “chegar a algum lugar específico” –, em determinado momento, nossa conversa foi organicamente chegando ao final. Durante o preenchimento do questionário socioeconômico e da questão acerca da interrupção que teve na formação acadêmica, fez alusão aos obstáculos que as pessoas trans vivenciam, de modo que sente que é mais difícil para elas. Refletiu que, se fosse uma pessoa não dissidente, talvez hoje já fosse doutora; porém, está ingressando no mestrado e contribuindo para outras narrativas e possibilidades.

De modo geral, ouvir Cleuza me fez sentir esperança. Desejamos mutuamente uma boa trajetória, até porque compartilhamos o fato de estarmos na pós-graduação. Assim, estarei na torcida para que ela continue engajando e transformando por onde passe.

### **João-de-Barro**

*28 anos. Transmasculino, bissexual, branco, solteiro. Reside com três amigos/as/ues, em casa alugada, localizada em zona urbana do interior de São Paulo. Possui renda familiar de 8 mil reais. Tem pós-graduação completa, tendo estudado majoritariamente em instituições privadas de ensino. Não houve interrupções em seu percurso educacional. Trabalha como psicólogo, com vínculo empregatício. Declara ter depressão, utilizar serviços de saúde privados e não receber benefícios sociais.*

Conheci João-de-Barro em uma palestra de que participei no ano de 2023. Assim, fiquei bastante contente quando ele entrou em contato, em março de 2024, manifestando interesse em participar da pesquisa. Nosso encontro se concretizou de forma online no mês de julho, após alguns ajustes de dia e horário a pedido dele. Na ocasião, como já fazia algum tempo desde que tínhamos nos conhecido, realizamos um “quebra-gelo” inicial, falando sobre como estávamos e sobre o doutorado. Expliquei sobre a pesquisa e ele optou por começar pela leitura dos Termos de

Consentimento Livre e Esclarecido e de Consentimento para Tratamento de Dados Pessoais.

Posteriormente, após ouvir a expressão facilitadora, João-de-Barro pensou por um breve momento. Disse que, de imediato, era mais fácil lembrar das dores – citou, por exemplo, imposições de gênero desde a infância, mas sem especificá-las. Ao longo do encontro, pude entender que essas imposições compreendiam desde modos de ser/agir (como brinquedos, o incentivo de comportamentos socialmente tidos como “femininos” etc.) à invalidação de seu sentir pessoal – “não podia”: é como ele descreve a significação dada por familiares e profissionais aos seus anseios pessoais.

Vale dizer, João-de-Barro chegou a realizar psicoterapia quando criança. Tal profissional orientou sua mãe a realizar uma criação mais “feminina”, além de explicar o fenômeno em função de uma “identificação com o pai”. João-de-Barro me disse, então, que seu pai sempre foi ausente e hoje considera a fala da profissional contraditória – como se identificar com alguém que nunca esteve lá? Ambos rimos da situação.

Ainda sobre as dores, relatou que uma pessoa trans acorda já pensando: “como será o meu dia?”. Para ilustrar, queixou-se de que, mesmo já tendo realizado a retificação de seus documentos, não há um cadastro unificado. Devido a isso, em uma ocasião, deparou-se com seu antigo nome no site da Receita Federal. Isso me fez refletir sobre quantos cadastros eu mesmo não tenho sem nem saber quantificá-los: estamos sendo constantemente cadastrados, em farmácias, lojas, supermercados... Assim, ser trans é poder ser interpelado o tempo todo por “íngratas surpresas”, para dizer o mínimo.

Ele citou, também, perguntas curiosas das pessoas quando descobrem que ele é um homem trans, como sobre a realização de cirurgia, algo que soa como curiosidade impertinente e invasiva. Para além disso, descreveu olhares atravessados, banheiros com poucas cabines, entre outras dificuldades cotidianas. Em suma, diferentes “agressões”, para usar um termo dele.

Referiu que a comunidade trans e LGBTQIAPN+ não é homogênea e há tensões internas. Por exemplo, citou que outros grupos, como travestis, comumente não dão espaço para homens trans falarem, justificando a maior mortalidade delas, ao passo que estes são “apenas” invisibilizados. Mencionou, ainda, outros homens trans, assim como pessoas em geral, que exigem dele determinado rol de comportamentos enrijecidos tidos como “masculinos”. Não obstante, há conflitos na

comunidade sobre “quem foi o primeiro”, “quem abre porta para quem”, em que o individualismo parece prevalecer. Assim, mesmo pertencendo a um grupo, é possível sentir-se deslocado, procurando pelos seus...

Concluiu que não se trata de uma comparação de quem sofre mais, necessitando-se fortalecer o senso de comunidade, compreender que cada um tem a sua luta e a possibilidade de cada pessoa ser à sua maneira. Devido a todas as violências e contradições mencionadas, relatou ser mais “fechado” do que outrora, além de mais seletivo no que diz respeito aos seus amigos. Pondera, ainda, quais batalhas valem ou não a pena lutar. Apesar de tudo, descreveu “redes de apoio” – a saber, amigos, família, namorada, psicoterapia, psiquiatra e terapias complementares (como acupuntura e tantra), que o ajudam a atravessar as adversidades cotidianas.

Pareceu-me preocupado em não ser um homem machista. Sobre esse tema, disse que trabalhou como motorista de transporte e percebia que, por sua expressão de gênero masculina, mulheres se sentiam desconfortáveis quando entravam no carro. Desde então, tem cuidado com seus comportamentos, pois não quer reproduzir a masculinidade hegemônica, algo que julga ocorrer mesmo entre homens trans.

Quanto às delícias, utilizou termos como “ruptura” e “conexão” para descrevê-las. Ao ouvi-lo, tornou-se nítido, para mim, o afastar-se de normas enclausuradoras e poder se conectar com quem se é. João-de-Barro me contou que, a princípio, conheceu sobre o “espectro transmasculino” pela internet, em vídeos e conversas com outras pessoas. Fez um adendo sobre o termo: embora utilizasse “homem trans” outrora, atualmente se descreve também como no referido espectro por entendê-lo mais fluido, não como uma “caixa” que limita o seu sentir/ser.

Recordou-se da primeira vez que conheceu um homem trans, em meados de 2018, o que inicialmente foi um susto, tendo o afastado da ideia de ser trans durante algum tempo. Considerava que o único modo de ser outro era morrendo, tendo cogitado suicídio. Disse, também, que sentiu raiva na ocasião, pois aquele homem representava o que ele desejava para si, mas não sabia como alcançar. Achei compreensível e honesto o seu relato. Acredito que são poucas as pessoas que têm coragem de admitir que essa situação pode suscitar raiva ou inveja, por exemplo. Também me sensibilizei pelo seu sofrimento naquele momento.

Foi muito bonito descobrir que, hoje, João-de-Barro e esse outro homem são amigos. Inclusive, foi este que lhe orientou sobre os “como” – isto é, caminhos que poderia tomar para realizar a sua própria transição. Aparentemente, a figura do amigo

foi bastante significativa para sua conciliação consigo mesmo, inclusive de seus sonhos e possibilidades.

Descreveu a transição como uma “reforma”. Comentei que reformas podem se dar de muitas maneiras; temos aquelas em que pintamos apenas as paredes, aquelas que quebramos alguns cômodos ou aquelas em que demolimos tudo para construir algo novo. Então, como tinha sido a dele? João-de-Barro respondeu que manteve o terreno, mas demoliu a casa toda. Que, no começo, tinha uma urgência para ser quem é, queria as coisas para “ontem”, algo que referiu ser característico de sua personalidade. Apenas recentemente percebeu ter “desacelerado”, embora ainda estivesse compreendendo esse processo.

Senti que caminhávamos para o final do encontro. Ao perguntar se ele acreditava que tinha mais alguma coisa importante para eu saber sobre a sua experiência, ele citou o tema da passagem do tempo. Conforme descreveu, desde que iniciou a hormonização em 2019, sente que se relaciona com o tempo de maneira diferente de outrora, com a percepção de que muitas coisas podem acontecer em curtos intervalos. Acrescentou que tal compreensão poderia ser também decorrente da pandemia de COVID-19. Refletimos se não teria relação com uma mudança pessoal profunda; afinal, com todas essas transformações em seu ser/sentir, é possível que a relação com o tempo também mudasse. Outra hipótese sobre a qual conversamos diz respeito à perda de marcos – após “demolir tudo” e construir algo novo, poderia ser que os referenciais se alterassem, de modo que a demarcação temporal já não fosse mais a mesma. Não concluímos nada, mas também creio que não era essa a nossa pretensão.

Em função de um compromisso seu, tivemos de finalizar o encontro. De toda forma, ele pareceu satisfeito com tudo o que conversamos. Combinei de enviar, além dos termos lidos inicialmente, o questionário socioeconômico para que ele pudesse preenchê-lo. Por fim, questionei-lhe sobre qual nome fictício gostaria que eu adotasse em sua narrativa. Achei sua explicação poética e significativa: “João-de-Barro (...) porque ele faz a sua própria casa”. Ocorreu-me uma associação inusitada com os ensinamentos católicos durante a minha infância. Naquela mística, Deus utilizou-se do barro como matéria de criação. E é esse impacto final que me deixou João-de-Barro, de potencial criativo, que busca criar/encontrar o seu lugar no mundo, com seu voar alegre e sonoro canto.

## **Narrativa Síntese**

Registradas as Narrativas Compreensivas, compartilhemos agora a Narrativa Síntese. Se, no momento anterior, estávamos interessados na experiência vivida de cada participante, agora buscamos apreender o que se revela para nós, em um quadro amplo, sobre o fenômeno investigado (Brisola et al., 2017).

A experiência vivida por pessoas transvestigêneres mescla dores e delícias. As dores, de tão incisivas, parecem mais fáceis de lembrar. Organizam-se em torno de diferentes dificuldades: o rompimento de relações interpessoais, registros desatualizados em bancos de dados, uso de pronomes e nomes incorretos por outrem, violências diversas (físicas, verbais, psicológicas), expulsões de casa, da escola e do mercado de trabalho, dificuldades no uso de banheiros, preconceitos em serviços de saúde, o sentimento de falsidade pessoal e de estranhamento em relação ao próprio corpo. O sofrimento é tanto que provoca angústia – a ponto de ser necessário abrir fissuras na pele ou cogitar o suicídio como escapatória. Descrevem ser trans como “matar um leão por dia”, não saber como será sair de casa ou sequer se voltarão com vida. Nem sempre esses sofrimentos são reconhecidos por outras pessoas, organizando-se, por vezes, como algo velado – semelhante a carregar “um piano nas costas que ninguém vê”.

Por outro lado, a maior delícia emerge de ser quem se é; em outros termos, afastar-se de normas asfixiantes e poder se reconectar consigo. Vive-se tantas coisas para alcançar esse lugar que retroceder se torna impensável. Submeter-se – isto é, não ser si mesmo – corresponde, na experiência, a “deixar de viver”, de forma simbólica e concreta. Novamente: se as dores fazem sangrar, não ser também desponta dessa mesma maneira.

Tais experiências ganham diferentes matizes a partir do modo como se olha para a própria história. Afinal, o que significa “nascer de novo”? Essa nova etapa pode ser vivida como integração dos capítulos pregressos, como afirmação político-existencial e/ou, ainda, como “queima de arquivo” – o desejo de apenas ser, sem precisar se adjetivar. É compreensível, especialmente quando já se está com as pernas cansadas pelo “peso do piano”, exaurida dos olhares, das perguntas impertinentes, das necessidades de longas explicações.

Do mesmo modo, a experiência vivida por pessoas trans assume cores e contornos distintos conforme os contextos que habitam. Um exemplo disso é a “corrida dos hormônios”, em que nem sempre se cruza a linha de chegada – ou seja, pode-se

ficar sem acesso à medicação caso se resida distante dos grandes centros urbanos, ao contrário de quem mora mais próximo. Gênero, raça, classe, região, entre outros marcadores, revelam a imensidão deste país, que comporta muitos e diferentes Brasis.

Portanto, há aspectos que são estruturais. Além dos exemplos já mencionados, entre mulheres trans, é comum a experiência de assédio e de silenciamento. Já entre homens trans, o machismo figura como cobrança por uma masculinidade hegemônica e viril. Mesmo dentro da própria comunidade, surgem conflitos – marcados por invisibilizações, invalidações e até certo individualismo: “quem foi o primeiro?”, “quem abre porta para quem?”. No final, é mesmo a *nossa* comunidade? Quais mãos têm sido soltas e quais têm sido seguradas?

Como não vivemos isolados, onde ou em quem nos apoiamos torna-se absolutamente fundamental para compreender tais experiências – não apenas no que tange a marcadores sociais, mas também às relações interpessoais que nos constituem. Receber apoio e consideração é essencial nessa jornada para que se possa ser quem se é. Nem sempre essas relações são fisicamente próximas. Facilitadas pela tecnologia, as plataformas digitais também se tornam espaços de pesquisa, conversa, formação de comunidades e experimentação de outras identidades. Assim, tece-se nas redes antes mesmo de fazê-lo fora das telas.

Dessas tramas relacionais, defronta-se com o olhar do outro, seja de amor, seja de julgamento. É na relação com esse que não sou eu que emergem as (im)possibilidades de aproximação ou de afastamento. Afinal, quem sou eu? E quem é o outro? Duplo espelho. Nessas trocas de olhares, eu e o outro podemos nos desnudar, nos desconstruir e nos refazer. Olhar que pode aprisionar, mas que também pode libertar. Encontrar-se com o outro, afinal, pode ser transformador.

## CAPÍTULO 4: RESULTADOS INTERPRETATIVOS E DISCUSSÃO

A consideração do material de pesquisa, a partir da intencionalidade do pesquisador e da atitude fenomenológica (Husserl, 1986/2020), permitiu a proposição de dois campos estruturantes da experiência investigada. São eles: “A delícia de ser quem se é” e “O solo onde se habita”. De modo geral, o primeiro enfatiza a pessoa e suas relações, enquanto o segundo se refere a aspectos macrosociais. A seguir, cada um deles será discutido de forma pormenorizada.

O primeiro campo, “A delícia de ser quem se é”, parece emergir do próprio movimento tecido pelos(as) participantes ao contarem suas histórias. Inicialmente, manifestam-se as dificuldades vividas nas relações afetivas, amorosas, interpessoais e institucionais. Contudo, retomar essas dificuldades parece relevante na medida em que faz contraponto à conquista de algo de absoluta valorização: a possibilidade de uma existência verdadeira e autêntica. Ser quem se é adquire tamanha importância que, mesmo diante de todas essas dificuldades, torna-se impensável o retorno ao que se era antes. Assim, a inautenticidade é representada, por esses sujeitos, como a própria morte – seja ela simbólica ou concreta.

Assim, o primeiro campo aqui proposto parece convergir com o processo de tornar-se pessoa descrito por Carl Rogers. Em sua trajetória profissional, Rogers acompanhou diferentes clientes, com queixas igualmente diversas. Conforme trabalhava com eles, identificou como central nos processos de psicoterapia a busca singular do eu verdadeiro:

À medida que acompanho a experiência de muitos clientes na relação terapêutica que nos esforçamos para criar, me parece que cada um está levantando a mesma questão. (...) Parece-me que no fundo cada pessoa está perguntando: “Quem sou eu, *realmente*? Como posso entrar em contato com este eu real, subjacente a todo o meu comportamento superficial? Como posso me tornar eu mesmo?” (Rogers, 1961/2017, p. 116).

Ao longo de suas produções, Rogers dedicou-se com afinco em compreender quais condições seriam necessárias e suficientes para favorecer o desenvolvimento humano. Segundo ele, todo organismo tem uma tendência inata ao crescimento e ao desenvolvimento, denominada tendência atualizante. Assim, para ele, a natureza

humana é digna de confiança, tendendo ao desenvolvimento, à diferenciação, às relações cooperativas, à preservação e à melhoria de si e do mundo. Tal concepção se diferencia de perspectivas que consideram o ser humano como fundamentalmente hostil, destrutivo ou maligno; uma tábula rasa, sem qualquer natureza; ou, ainda, um ser essencialmente perfeito, mas deformado ou corrompido pela sociedade (Rogers, 1957/2014; 1961/2017).

Ao se referir à natureza humana em um dos seus trabalhos, Rogers afirma:

Para mim, o ser humano parece ser uma criatura impressionante e complexa que pode caminhar de forma terrivelmente errada, mas cujas tendências *mais profundas* são para sua própria valorização e a de outros membros de sua espécie. Acredito que ele pode ser confiável para avançar nessa direção construtiva quando ele vive, mesmo que brevemente, em um clima não ameaçador onde ele é livre para escolher qualquer direção (Rogers, 1957/2014, p. 140).

Na referida citação, percebe-se a importância do ambiente relacional no desenvolvimento das potencialidades humanas. Assim, se fornecidas as condições necessárias e suficientes para o crescimento, como aceitação, compreensão empática e consideração positiva incondicional, o ser humano se desenvolverá (Rogers, 1957/2014, 1961/2017)<sup>23</sup>. Portanto, nesse tipo de relação, ele tende a afastar-se de quem não é, suas fachadas e o que deveria ser; pode ir vivenciando as suas experiências e descobrir novas formas de ser, mais autênticas e criativas, em vez de submeter-se às formas artificiais impostas pelo exterior (Brito & Moreira, 2011). Nas palavras de Rogers,

Ser ela mesma significa encontrar o padrão, a ordem subjacente que existe no fluxo incessantemente mutável de sua experiência. Ao invés de tentar sustentar a sua experiência na forma de uma máscara, ou fazer com que seja uma forma ou estrutura que não é, ser ela mesma significa descobrir a unidade

---

<sup>23</sup> Apesar de derivar de referenciais teóricos diferentes dos aqui mencionados, essa concepção parece ornar com perspectivas outras, como as desenvolvidas por Aiello-Vaisberg (2017), que tem trabalhado em uma clínica baseada na inter-relação humana, com vistas a favorecer experiências de integração, tomando como base a psicologia psicanalítica concreta e o pensamento winnicottiano.

e harmonia que existe em seus próprios sentimentos e reações reais. Significa que o eu verdadeiro é algo que se descobre tranquilamente por meio da própria experiência, e não algo imposto sobre esta (Rogers, 1961/2017, p. 122).

Por outro lado, quando o indivíduo se encontra preso à obrigação de desempenhar papéis rígidos e cristalizados, em desacordo com a sua experiência mais íntima, instaura-se um estado de incongruência que é, na perspectiva de Rogers, a origem do sofrimento psíquico (Brito & Moreira, 2011). A fim de ilustrar o conceito de incongruência, Rogers (1961/2017) nos fornece dois exemplos:

[Um] homem que se exalta numa discussão de grupo. O rosto congestionado, o tom de voz traduz a irritação, com o dedo ameaça o opositor. Contudo, se um amigo lhe diz: “Ora, não te exaltes por causa disso”, ele responde com uma sinceridade e uma surpresa evidentes: “Mas eu não estou exaltado! Não me sinto nada *irritado*. Limito-me a salientar os fatos lógicos!” Os outros membros do grupo riem dessa declaração. (...) Que é que acontece nesse caso? Parece evidente que, num nível fisiológico, esse indivíduo vivencia irritação. Essa experiência de irritação não é captada pela consciência. Conscientemente, ele *não* está irritado, nem comunica sua irritação (pelo menos com consciência). Aqui está uma real incongruência entre a experiência e a consciência e entre a experiência e a comunicação.

(...)

Um outro exemplo ilustrará um novo aspecto da incongruência. A Sra. Brown, que mal disfarçou os bocejos e olhou para o relógio constantemente, ao partir despede-se de quem a convidou, dizendo: “Gostei *muito* de estar aqui. Foi uma noite muito agradável!” Nesse caso, a incongruência não se estabelece entre a experiência e a consciência. A Sra. Brown tem perfeita consciência de ter se aborrecido. A incongruência registra-se entre a consciência e a comunicação (pp. 333-334).

Com base nas passagens acima e em termos utilizados ao longo da obra de Rogers, poderíamos definir incongruência como um estado de desacordos, contradições, fachadas e/ou máscaras. Nos exemplos supracitados, destacam-se duas possibilidades: entre a experiência e a consciência, podendo ser descrita como atitude de defesa ou de recusa de dar-se conta da experiência vivida; e entre consciência e comunicação, podendo ser descrita como fachada social ou duplicidade (Rogers, 1961/2017).

Para Rogers, estados de incongruência corroboram, por exemplo, para comunicações não autênticas, desintegração da compreensão adequada, menor criatividade e espontaneidade nas situações e insatisfação nas relações (Rogers, 1961/2017). Em suma, “o sujeito acaba por ter uma experiência e um comportamento que caminham em direções opostas, causando-lhe sofrimento e insegurança” (Brito & Moreira, 2011, p. 205).

A incongruência pode ser descrita, ainda, como “a diferença sentida pela pessoa entre o que ela é e o que gostaria de ser”, contrapondo-se à autenticidade ou congruência, isto é, a possibilidade de ser quem se é, genuína e verdadeiramente (Gobbi et al., 2005, p. 92). Conforme exposto anteriormente, embora a busca de ser quem se é corresponda a uma experiência que se encontra no cerne da vivência humana, ela parece figurar de modo bastante emblemático (Frederico, 1979) em pessoas trans, revelando o quanto contextos opressivos podem dificultar a congruência e favorecer o sofrimento. Ou seja, ao vigorar, socialmente, o que poderia ser denominado como “serás-hétero-ou-não-serás” (Wittig, 1992/2022, p.63) – em outros termos, o endocisheteropatriarcado<sup>24</sup> –, temos um sofrimento social radical, uma vez que constitui um ataque à possibilidade de “ser quem se é”.

Por esse motivo, acreditamos que configurações sociais impostas, que exigem submissão em prol do *status quo* – isto é, patriarcal, racista e capitalista –, correspondem a sofrimentos sociais. Esses sofrimentos podem ser definidos como “padecimentos que têm lugar em contextos de opressão, discriminação e exclusão, causando sentimentos de desamparo, humilhação, culpa e injustiça, que se assentam todos sobre vivências de despersonalização, causadas por interações

---

<sup>24</sup> Monique Wittig, autora do feminismo lésbico, utiliza o termo “heterossexualidade”. Contudo, optamos por endocisheteropatriarcal, a fim de ampliar o conceito, abarcando o regime social que pressupõe a linearidade entre corpo (endossexo), identidade de gênero (cisgênera) e orientação afetivo e/ou sexual (heterossexualidade), assim como a dominação masculina (patriarcado) como única possibilidade de ser/estar no mundo.

desumanizadoras” (Aiello-Vaisberg, 2017, p. 43). Assim, não constituem patologias endógenas/individuais, mas sim desdobramentos de um ataque radical à liberdade de “ser quem se é” que, ao exigir submissão em prol do privilégio de alguns, adoece largos contingentes de pessoas.

Ainda, vale lembrar que, para Brito e Moreira (2011), a expressão “ser quem se é”<sup>25</sup> é comumente mal interpretada, pois a conjugação verbal pode denotar a conquista de um estado fixo, pronto e finalizado. Ainda, um segundo questionamento que decorre dessa expressão é a impossibilidade de ser algo além de si mesmo, de modo que se torna óbvia e absurda a expressão.

Contudo, o que se destaca aqui é que, em inter-relações facilitadoras, é favorecido um processo de afastar-se de um funcionamento estático, fixo, insensível e impessoal, passando a uma experiencição mais fluida e congruente com o eu. Em outros termos, favorece-se uma mudança na personalidade e no comportamento, promovendo a saúde e a maturidade psíquicas, além de relações mais realistas com o eu, os outros e o mundo circundante (Brito & Moreira, 2011; Rogers, 1961/2017).

Portanto, frisamos que ser quem se é não significa a busca de uma essência fixa, acabada e imutável, mas o oposto – isto é, um devir, um processo, que envolve a abertura e aceitação da experiência vivida. Dito de outra maneira, ser quem se é corresponde a ser congruente, integrando, a cada momento, a noção de eu e a experiência orgânica. Envolve, portanto, a coragem de assumir as próprias experiências, sem distorções para adaptá-la a conceitos preexistentes, sendo, por esse motivo mesmo, uma pessoa mais inteira e intensa (Brito & Moreira, 2011).

Em suma, em relações nas quais o indivíduo possa experimentar aceitação e consideração, surge a possibilidade de se reaver consigo e crescer. Assim, ser quem se é não ocorre de maneira descontextualizada do social, uma vez que “a autenticidade é uma qualidade que existe na relação intersubjetiva, o que implica uma consideração ao outro, um respeito pela individualidade deste outro, não sendo apenas uma qualidade do indivíduo” (Gobbi et al., 2005, p. 33).

Assim, quando tem a liberdade de escolher, algo que é favorecido por relações interpessoais facilitadoras, o ser humano busca justamente ser quem se é; por outro lado, a pessoa não existe apartada do mundo e, portanto, faz-se imprescindível observar “O solo onde se habita”, título do segundo campo estruturante aqui proposto.

---

<sup>25</sup> Apesar das autoras utilizarem “ser o que se é”, preferimos o uso de “ser quem se é”, a fim de evitar uma linguagem objetivante ao referir-se às pessoas.

O segundo campo estruturante nos faz retomar a noção de que a existência é sempre relacional – não se vive só nem fora das condições concretas da vida (Bleger, 1963/2007; Rogers, 1961/2017). Nesse sentido, receber apoio e consideração, seja em vínculos fisicamente próximos ou mediados por tecnologias da informação<sup>26</sup>, figura como fundamental para o processo de tornar-se quem se é. Também evidenciam-se as repercussões dos marcadores sociais – como gênero, raça e classe – e das formas como nos organizamos enquanto sociedade, impactando diretamente as experiências individuais e coletivas. Exemplos disso são a “corrida dos hormônios” e os conflitos vividos dentro da própria comunidade trans.

Essa compreensão já atravessava debates teóricos, políticos e sociais no século XIX, quando se buscava evidenciar a heterogeneidade interna ao próprio movimento feminista. Foi, contudo, em momentos posteriores que essas percepções passaram a ser sistematizadas em conceitos teóricos que discutem a complexa inter-relação entre opressões e marcadores sociais. É o caso da interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw entre as décadas de 1980 e 1990, no contexto do feminismo negro estadunidense, e da consubstancialidade, formulada por Danièle Kergoat nos anos 1970 a partir do feminismo materialista francês (Garcia, 2022; Hirata, 2014).

Apesar dessas teorias convergirem em alguns aspectos, como a não-neutralidade do conhecimento, a não-hierarquização entre opressões e a busca por compreender e superar as desigualdades sociais, também existem diferenças entre elas, o que traz implicações teóricas e políticas. Garcia (2022) propõe quatro eixos de diferenciação entre ambas: (1) o uso de noções de categoria e/ou relações sociais; (2) a metáfora utilizada, sendo a do entrecruzamento de eixos ou da espiral/nó; (3) a maneira como abordam as relações sociais; e (4) o favorecimento de determinadas categorias ou relações sociais em detrimento de outras.

Primeiramente, Crenshaw pensa as opressões a partir do encontro de categorias descritivas da identidade, considerando múltiplos fundamentos da identidade (gênero, classe, raça etc.) na análise de como o mundo social é construído.

---

<sup>26</sup> O uso de tecnologias da informação é bastante difundido na atualidade. Apesar de poder ser palco de preconceitos e ataques, as redes também podem tornar-se um meio para conhecer pares, criar vínculos, trocar experiências, acolhimento, escuta e organização política (Cortes et al., 2023). Ainda que não constitua, em si mesmo, um elemento estruturante da experiência vivida de pessoas trans, percebeu-se neste trabalho que, facilitados pelas tecnologias da informação, os jogos eletrônicos e redes sociais despontaram como importantes espaços de “ser quem se é”.

Já Kergoat destaca as relações sociais de determinado momento histórico, as quais, por sua vez, *fabricam* as devidas categorias. Assim, enquanto a primeira autora parte de um grupo mais fixo e já definido de características para pensar as subordinações diferenciais produzidas, a segunda considera que estas não existem ontologicamente, sendo derivadas de situações históricas de opressão, dominação e exploração dos sujeitos. Portanto, para Kergoat, os grupos não existiriam de antemão, sendo produzidos a partir das tensões das relações sociais, devendo-se, então, rastrear a origem histórico-material dessas produções (Garcia, 2022).

Em segundo lugar, sendo categorias mais fixas e descritivas da identidade, Crenshaw trabalha com a sobreposição de eixos variáveis, isto é, diferentes aspectos identitários que se entrecruzam – a depender das categorias consideradas, como gênero, raça, classe, idade, religião ou deficiência, por exemplo. Kergoat, por sua vez, utiliza-se da metáfora da espiral ou nó, pois considera a inseparabilidade e coprodução mútua das relações sociais. Ainda, a autora se limita à análise das relações entre gênero, classe e raça, pois, a seu ver, não estavam nítidas as situações de dominação, opressão e exploração em outras dimensões na sociedade ocidental daquela época (Garcia, 2022).

Lembremos que Kergoat critica o conceito de interseccionalidade de Crenshaw em função de uma multiplicidade de categorias, que acaba por mascarar as relações sociais, podendo contribuir para a sua perpetuação. Questiona-se se todas os marcadores citados refletem relações antagônicas de opressão e dominação e também considera que, ao se pensar em categorias e não em relações sociais, pode-se incorrer ao risco de não historicizá-las e não refletir sobre suas dimensões materiais de dominação (Hirata, 2014).

Um terceiro aspecto diz respeito às diferenças no modo como as duas perspectivas abordam as relações sociais. O conceito de interseccionalidade de Crenshaw converge com a virada relacional na teoria sociológica, enfatizando as interrelações como unidade de análise, considerando, para tanto, múltiplas categorias e sistemas de poder. Em contraste, o conceito de consubstancialidade de Kergoat remete ao pensamento marxista, tendo a autora centrado sua análise nos modos de produção e disputa das relações sociais (Garcia, 2022).

Em quarto lugar, derivando do feminismo negro, Crenshaw dá maior ênfase a relação entre gênero e raça, abarcando parcial ou perifericamente classe. Kergoat, por sua vez, tendo seus pressupostos no feminismo materialista, enfatiza sobretudo

gênero e classe em detrimento da raça. Apesar de ambas as autoras terem ampliado suas teorias posteriormente, conforme já dissemos, é o conceito de Crenshaw que apresentou maior maleabilidade para considerar outros marcadores sociais para além de gênero, classe e raça (Garcia, 2022).

Uma autora que também discutiu essa questão a partir dos anos 1960 e em contexto brasileiro foi Heleieth Saffioti. Vinculada à perspectiva marxista, Saffioti foi uma das pioneiras a tecer estudos da questão da mulher na sociedade brasileira, articulando temas como gênero, patriarcado, capitalismo e racismo. Ela destaca que, apesar da diferença entre indivíduos e grupos, são as contradições da sociedade de classes – dominações e explorações de uns sobre outros – que transformam diferenças em desigualdades. Portanto, na perspectiva de Saffioti, gênero, raça e classe se fundem e retroalimentam, enovelando-se em um “nó”, e tornam a situação de certos indivíduos, como a mulher negra assalariada, por exemplo, muito mais complexa (Motta, 2018; Saffioti, 2015).

Apesar das diferentes propostas apresentadas, que podem se distinguir em alguns aspectos, o que nos parece nítido, até aqui, é a preocupação emergente, sobretudo na segunda metade do século XX, com a complexificação das discussões em torno das desigualdades sociais, por meio da consideração conjunta, mas não hierárquica, de diferentes dominações e opressões. Nota-se um conhecimento bastante propositivo, a fim de desvelar, compreender e superar as desigualdades sociais.

Ainda, vale dizer que, em suas teorias, as autoras supracitadas não discutiram diretamente a vivência de pessoas trans, embora todas considerem gênero como parte inerente do “nó” que compõe as opressões sociais. Acreditamos ser relevante dizer que, enquanto concepção teórico-metodológica, alinhamo-nos mais aos referenciais materialistas do feminismo, como os de Kergoat e Saffioti. Contudo, consideramos também de suma importância a abertura e consideração de outras “categorias”, conforme defendido sobretudo por Crenshaw, mas situando-as a partir dos conflitos de classe que as instaura.

A nosso ver, o capitalismo necessita, para a sua perpetuação, da manutenção de lógicas como dominador/colonizado, civilizado/atrasado, quem tem direitos/quem não tem – aqui, inscrevemos cis/trans. Portanto, a “dominação-exploração capitalista não é apenas econômica, é, também, política e cultural” (Marinho, 2021, p. 260). Vivendo em uma sociedade capitalista patriarcal, a própria distribuição dos membros

da sociedade é perpassada por relações patriarcais de gênero, relegando à marginalidade aqueles que dissidem das normas. Para Marinho (2018),

É no seio de uma sociabilidade burguesa, na qual a engrenagem das relações é pela exploração, dominação e hierarquização, que é possível pôr-se em contato com a categoria gênero, tão somente porque essa vida social é produzida e determinada pelo modo de produção capitalista (p. 605).

Lembremos que a consolidação do capitalismo europeu foi acompanhada por uma profunda reorganização das relações sociais, especialmente no que diz respeito à divisão sexual do trabalho. Antes desse processo, no contexto feudal, predominava uma cultura comunal/coletiva, marcada por práticas compartilhadas de subsistência e cuidado, na qual homens e mulheres dividiam tarefas tanto produtivas quanto voltadas à manutenção da vida cotidiana. Com a ascensão do sistema capitalista, sobretudo em conjunto com uma mudança na forma de acumulação, da indústria leve à pesada, exigiu-se uma rotina de trabalho cada vez mais intensa e um trabalhador menos extenuado (Federici, 2017, 2019).

A consequência emergente desse modelo foi a cisão entre trabalho produtivo e reprodutivo: os homens foram deslocados majoritariamente para o trabalho assalariado, que gera bens/riquezas e permite o sustento familiar, enquanto às mulheres foi atribuída a função de zelar pelo espaço doméstico, criar os filhos – futura força de trabalho – e realizar a “manutenção” desse trabalhador para que possa retornar às suas funções. Essa separação, longe de ser neutra, foi justificada por narrativas que naturalizavam uma suposta aptidão biológica feminina para o cuidado, o que corresponderia a um ato de amor, invisibilizando a sua centralidade na manutenção da acumulação de capital e na exploração da classe trabalhadora, homens e mulheres (Federici, 2017, 2019).

Esse redesenho social não se deu sem resistência. Contudo, não há dúvidas de que esta foi uma derrota histórica para as mulheres, que sofreram um processo excepcional de degradação social, que permanece até hoje, pois, ainda que adentrem o mercado de trabalho, elas têm que lidar com os cuidados da casa e dos filhos – ou seja, duplas jornadas (Federici, 2017, 2019). Portanto, as relações de poder entre homens e mulheres ainda é perpassada por essa diferença, sendo que “a produção capitalista depende (...) [desse] tipo particular de trabalhador – e, portanto, de um tipo

particular de família, sexualidade e procriação” (Federici, 2019, p. 204). Em outros termos, no cenário globalizado, as desigualdades de gênero continuam a operar como um dos pilares de sustentação do capitalismo, que depende da exploração diferencial entre homens e mulheres para se reproduzir, de modo que rompimentos ao endocisheteropatriarcado representam riscos para o próprio sistema.

Na história do Brasil, cuja formação social é atravessada pelo escravismo, pelo patriarcado e pela condição histórico-política de ex-colônia, agudizam-se as opressões de gênero, classe e raça. Esse solo histórico constitui terreno fértil para a reprodução de condutas binaristas e para a consolidação do endocisheteropatriarcado – estrutura que sustenta a violência contra as dissidências de gênero e, ao mesmo tempo, dela se alimenta para manter o *status quo* (Marinho, 2018).

Alinhados a um feminismo materialista, acreditamos não ser possível compreender as experiências das pessoas transvestigêneres em detrimento da luta de classes na contemporaneidade. Assim, concordamos com Marinho (2018) quando a autora descreve que

Não há como autonomizar o debate das identidades trans de uma dimensão de classe, assim como da ideologia patriarcal, que inscreve uma estrutura de poder desigual entre os gêneros, na qual a supremacia é exercida pelo homem sobre a mulher, subordinando esta última, e, por extensão, as identidades associadas ao feminino e aquelas que irrompem as fronteiras de gênero (p. 606).

Visando a compreender esse fenômeno, recorremos a Wittig (1992/2022), importante feminista materialista. A autora defende que a sociedade endocisheteropatriarcal é baseada na necessidade do outro/diferente em todos os níveis (econômica, simbólica, linguística e politicamente). Mas, afinal, quem é o outro/diferente senão justamente o oprimido?

Para a autora, negros e escravizados – e aqui poderíamos também circunscrever as pessoas trans – são aqueles que são demarcados, constituídos como “outros”, ao passo que o homem, branco e senhor, por exemplo, permanece como referência não nomeada. Portanto, categorias como “homem/mulher”, “cis/trans”, “branco/negro” etc. não constituem diferenças *a priori*, ontológicas, naturais, a-históricas e/ou universais. O que falsamente é apresentado dessa maneira, na

verdade, oculta conceitos políticos de oposição, mascarando interesses ideológicos e situações históricas de dominação (Wittig, 1992/2022), bem como, vale dizer, processos de resistências, visto que são os próprios movimentos trans, por exemplo, que chamam a atenção para a “cisgeneridade”, demarcando que todos somos generificados (Nascimento, 2021).

Com isso, esperamos deixar nítido que os termos aqui descritos se inserem em uma complexa rede de saberes e poderes, não sendo possível recorrer a explicações simplistas, lineares e definitivas. Assim, cis e trans não são características meramente biológicas, mas sim importantes categorias analíticas, que nos permitem questionar uma perspectiva naturalizante e essencialista de gênero, bem como privilégios e opressões de alguns grupos sobre outros (Nascimento, 2021).

Cabe lembrar que, apesar das vivências trans remontarem a períodos anteriores à contemporaneidade, esse termo emerge como categoria conceitual e política a partir do século XX, com o avanço dos saberes médicos e, posteriormente, endossado por movimentos sociais e debates sobre gênero e sexualidade. Portanto, a própria identidade trans é também produto histórico e fruto de relações dialéticas e de contextos macrossociais (Castel, 2001; Marinho, 2021).

Conforme nos adverte Carvalho (2018), “a emergência de uma categoria não é aleatória ou inocente, assim como as escolhas ou autoidentificações com determinada categoria não são plenamente livres” (p. 5). Em outras palavras, apesar de poder corresponder a afirmações identitárias aparentemente individuais, tais expressões partem das experiências vividas, que englobam disputas sociais de todos os tipos. Para ilustrar, uma pessoa de classe média, com acesso ao discurso médico-psiquiátrico, pode aproximar-se mais de termos como “transexual”, enquanto outra, que vivencia a marginalidade ou por opção política, pode sentir mais coerente definir-se como “travesti”, destacando não apenas as diferentes experiências de cada, como também as (im)possibilidades diante de contextos sociais diversos.

Outro desdobramento, em uma sociedade em que tudo torna-se mercadoria – e, portanto, “coisificado” –, é o enfraquecimento de valores humanistas, ocupando a centralidade concepções alinhadas à lógica burguesa e capitalista, como o individualismo, a competitividade e a valorização da propriedade privada. Esse processo não se limita às esferas econômicas, mas se estende às relações interpessoais, promovendo a coisificação do outro (Marinho, 2018). Nesse cenário, a

redução do outro a mero objeto resulta em experiências marcadas pela despersonalização e pela desumanização (Aiello-Vaisberg, 2017).

Além de suscitar sofrimentos extremos – pois, como nos recorda Aiello-Vaisberg (2017), “como seres sociais, radical é o padecimento daqueles que são simbolicamente banidos da condição humana” (p. 53) – entendemos que essa dinâmica relacional, ao esvaziar o outro de sua alteridade, também favorece a manutenção de práticas violentas. Entre elas, destacam-se aquelas dirigidas às pessoas trans, conforme evidenciam as estatísticas apresentadas nesta tese.

Enfim, compreender a sociedade em que vivemos é uma tarefa complexa, que exige ir além de explicações essencialistas e abstrações descoladas das condições históricas e materiais. Frente às múltiplas formas de dominação e opressão que estruturam o presente, torna-se urgente a construção de lutas coletivas por transformações sociais efetivas. No entanto, como alerta Haider (2019), é preciso estar atento às armadilhas que podem emergir nesse percurso, isto é, condutas que podem até parecerem emancipatórias, mas que acabam por reproduzir a lógica do sistema que se buscam superar.

Quando reivindicações identitárias são realizadas sem estarem fundamentadas em uma crítica social mais ampla, pouco resta, politicamente, além da inclusão dentro do modelo social vigente, sem de fato transformá-lo – ou seja, privando a possibilidade de mudanças estruturais (Haider, 2019). Tal reflexão pode ser enriquecida pela contribuição de Wittig (1992/2022), quando afirma que

O conjunto desses discursos gera uma interferência que confunde os oprimidos, que os faz perder de vista a causa material de sua opressão e os lança numa espécie de vácuo a-histórico (...) Pois eles produzem uma leitura científica da realidade social em que seres humanos são dados como invariantes, intocados pela história e não trabalhados pelos conflitos de classe, com psiques que são idênticas por terem sido geneticamente programadas (pp. 56-57).

Assim, compreendemos que explicações essencialistas servem à manutenção da ordem social, contribuindo para a desmobilização de movimentos emancipatórios. Reafirmamos que é apenas por meio da luta coletiva articulada que será possível superar as relações de dominação e exploração e propor um outro projeto societário,

em que poderemos ser radicalmente livres (Cisne, 2018) – inclusive para ser quem se é, conforme discutido no primeiro campo estruturante desta pesquisa.

Alguns comentários feitos pelos(as) participantes apontam para tensões e conflitos vivenciados dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+ que acabam por contribuir para a sua fragmentação e desmobilização. Sobre isso, Haider (2019) observa que “a ideologia separatista impede a construção da unidade entre os marginalizados, o tipo de unidade que poderia realmente superar a marginalização” (pp. 70-71). Trata-se, portanto, de uma forma de divisão e desorganização que protege o sistema de possíveis ameaças – afinal, é justamente o número expressivo de oprimidos, mesmo com suas singularidades, que constitui uma potência transformadora quando articulado coletivamente.

Além disso, é necessário atenção às falsas transformações. Embora a representatividade e a melhora nas condições de vida individuais sejam importantes, é preciso questionar: e a coletividade? Conforme adverte Almeida (2019), *mais direitos* não constitui, por si só, um problema para o capitalismo, sendo parte da plasticidade desse sistema, que precisa reformar-se para continuar se reproduzindo. Trata-se, portanto, de uma estratégia para apaziguar tensões sociais, dar a aparência de mudança e, ao mesmo tempo, conservar a ordem exploratória vigente. Segundo Haider (2019),

O paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo e a ganhar reconhecimento como indivíduo, em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora. Como resultado, a política identitária paradoxalmente acaba reforçando as próprias normas que se propõe a criticar (p. 51).

Ainda, houve relatos de participantes sobre pessoas trans que reproduzem padrões hegemônicos. Isso ocorre porque pertencer a um grupo oprimido não implica, automaticamente, uma postura crítica frente às conjunturas sociais. Pelo contrário, pode-se reproduzir estruturas de poder desiguais – como o patriarcado e as desigualdades de gênero, por exemplo – mesmo estando em posição socialmente marginalizada (Marinho, 2018).

Contudo, deparamo-nos também, nas lutas das pessoas trans, com a possibilidade de afronta ao endocisheteropatriarcado. Ao transgredirem a normativa

vigente, essas pessoas evidenciam a artificialidade do sistema, apontando frestas e a possibilidade de transformações da ordem social (Marinho, 2018). Apesar das tentativas de se abstrair e naturalizar o gênero, situando tudo que transgride as normas como patologia, anormalidade ou demonização, que deve ser eliminado, real e simbolicamente, há também, em última instância, um embate travado na esfera social do ser (Lukács, 1978/2013), isto é, na vida humana, que torna possível processos de resistência e transformações. De acordo com Monique Wittig (1992/2022),

De um lado, há o mundo inteiro com sua premissa e afirmação generalizada da heterossexualidade como algo inevitável; do outro, somente a visão indistinta e fugidia, às vezes iluminadora e surpreendente, da heterossexualidade como armadilha, como um regime político forçado – ou seja, escapar dela é uma possibilidade, um fato (p. 86).

Com isso, queremos dizer que a vida humana é caracterizada por transformações, pelo novo, o que indubitavelmente se articula com a vida inorgânica e biológica, mas ao mesmo tempo se diferencia e as transborda (Lukács, 1978/2013). Ou seja, tais categorias não são naturais ou biologicamente determinadas nem existem descoladas de contextos históricos, sociais, políticos e culturais. Ao contrário, elas emergem de relações de poder e dominação que se calcam no patriarcado, na cisgeneridade e na heterossexualidade compulsória (Marinho, 2021; Nascimento, 2021; Wittig, 1992/2022), o que, como vimos, acaba por contribuir para a manutenção de desigualdades e opressões contra largos contingentes de pessoas e grupos. Decorre daí que o estudo sobre a experiência vivida de pessoas trans pode ser útil para todos, visto apontar as normas de gênero, seus desdobramentos e possibilidades de superação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgênero, ou seja, que não se identificam com o gênero designado ao nascimento. Justifica-se na medida em que o endocisheteropatriarcado suscita diferentes modalidades de violências, que podem contribuir para importantes sofrimentos sociais.

No que tange à psicologia clínica, área em que nos inserimos enquanto grupo de pesquisa, encontrou-se, em revisão integrativa de literatura, interesse considerável nessa temática na atualidade, tendo prevalecido pesquisas quantitativas publicadas em língua inglesa, apontando assimetrias na produção do conhecimento científico. De modo geral, são reconhecidas as barreiras e conjunturas sociais violentas e opressivas, que acarretam repercussões negativas na saúde de pessoas transvestigêneres. Contudo, as intervenções variam no que tange ao respeito à autonomia, à consideração dos sentidos afetivo-emocionais e à compreensão das vivências trans.

A este respeito, enquanto psicólogos clínicos e pesquisadores, inserimo-nos entre aqueles que utilizam o método fenomenológico husserliano como caminho para apreender as experiências vividas, método heurísticamente fecundo no desvelamento e superação de contradições sociais. Buscamos, assim, realizar investigações qualitativas e empíricas, que contribuam com a construção de conhecimentos compreensivos que vão na contramão do positivismo objetificante, que toma os fenômenos humanos como naturais e descolados dos contextos sociais, históricos e políticos. Nosso compromisso é para com a busca de modos de superação das relações de dominação e exploração das pessoas, pela via de propostas de transformações sociais e de uma psicologia radicalmente humanista.

Visando a realizar esta pesquisa, efetuamos encontros dialógicos com oito pessoas adultas (maiores de 18 anos) que se autoidentificaram como transgênero/transvestigêneres/trans e estavam dispostas a participar voluntariamente da pesquisa. Buscamos nutrir cada encontro com uma relação facilitadora, tal como descrita na Abordagem Centrada na Pessoa, a partir de atitudes por parte do pesquisador de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Os encontros não foram gravados, sendo registrados e analisados no formato de Narrativas – Compreensivas e Síntese – em um movimento processual e

fluido, que reflete a intencionalidade do pesquisador para apreender os significados do fenômeno investigado.

A análise fenomenológica do material da pesquisa possibilitou a constituição de dois campos organizadores das vivências dos(as) participantes: “A delícia de ser quem se é” e “O solo onde se habita”.

O primeiro campo estruturante, “A delícia de ser quem se é”, emergiu do próprio movimento dos(as) participantes ao tecerem as suas histórias, de modo que, apesar das dificuldades relatadas, a conquista de ser quem se é correspondeu a algo de absoluta importância em suas experiências. Para Rogers, a busca de ser si mesmo é algo central na experiência humana, podendo ser facilitada ou obstaculizada pelo ambiente humano. Assim, a obrigação de desempenhar papéis rígidos e cristalizados contribui para a inautenticidade, que seria a origem dos processos de adoecimento.

Portanto, apesar de “ser quem se é” ser algo central para todos, acreditamos que pessoas transvestigêneres demonstram, de modo bastante radical, as repercussões de uma cultura marcada pelo endocisheteropatriarcado na vida de indivíduos e coletivos. Em outros termos, ao se exigir submissão em prol do privilégio de alguns e a manutenção de uma sociedade patriarcal, racista e capitalista, instaura-se um ataque à autenticidade e congruência, suscitando sofrimentos sociais a largos contingentes de pessoas.

Passamos a considerar, então, o segundo campo estruturante, intitulado “O solo onde se habita”. Neste, emerge não apenas o apoio e consideração nas relações fisicamente próximas ou distantes, mas também os conflitos de classe em torno do endocisheteropatriarcado.

Em primeiro lugar, vale registrar que as experiências vividas de pessoas transvestigêneres não são homogêneas. O próprio termo emerge de tensões sociais e, portanto, não deve ser tomado de modo natural e essencialista. Além disso, marcadores sociais, tais como raça e classe, complexificam essas experiências no que tange às violências e às precariedades sofridas, por exemplo.

Além disso, o sistema capitalista depende dessas desigualdades para a sua manutenção. Buscamos compreender, assim, as contradições inerentes a esse sistema, algumas “armadilhas” nos embates políticos e como a experiência vivida de pessoas trans pode indicar caminhos para a sua superação.

Em suma, preserva-se, aqui, uma análise em dois níveis, uma primeira análise do “ser” e uma segunda do “mundo”, mas compreendendo essa relação como mútua,

dinâmica e intercambiável. Esperamos, assim, produzir conhecimento que possa ser útil para a clínica psicológica, em vertentes preventivas e interventivas, bem como para os movimentos sociais, em vias de uma clínica engajada com transformações sociais e posicionamentos mais éticos e humanistas.

Acreditamos que novos estudos possam ser desenvolvidos para investigar a experiência vivida de pessoas transgênero, quer seja com outros métodos de pesquisa, em vertentes críticas e compreensivas, ou com diferentes participantes, como residentes em outras regiões e pessoas não binárias, por exemplo – algo que, em virtude das pessoas que contataram o pesquisador e dos prazos institucionais, não conseguimos realizar.

Por fim, destaca-se o caráter transformador, vivenciado pelo pesquisador, nos encontros com os(as) participantes da pesquisa. Esta vivência nos recordou o que discute Paulo Freire (2013), importante pensador brasileiro: “Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (p. 85). Em outros termos, opressores e oprimidos não serão plenamente humanos enquanto houver injustiças sociais. Assim, urge uma clínica psicológica não normativa/adaptativa, com viés compreensivo e radicalmente emancipatório e humanista.

Nesse sentido, tanto Aiello-Vaisberg (2017) como Cury (2021) nos presenteiam com suas contribuições ao defenderem clínicas alimentadas por questões contemporâneas, que produzam intervenções mais inclusivas e, portanto, éticas. Resgatam, cada qual à sua maneira, a potencialidade criativa e transformadora de indivíduos e coletivos e nos instigam a perguntar: afinal, que realidades temos cultivado com nossos saberes e práticas?

## REFERÊNCIAS

- Adichie, Chimamanda Ngozi. (2009). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2017). Estilo clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf>, em 29 de abril de 2025.
- Almeida, Silvio Luiz de. (2019). Prefácio da edição brasileira. Em: Haider, Asad, *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje* (pp.8-20). São Paulo: Veneta.
- American Psychological Association. (2015). *APA Dictionary of Psychology (2ed.)*. Washington: American Psychological Association.
- Arvind, Amrita, Pandya, Apurvakumar, Amin, Lekha, Aggarwal, Mansi, Agrawal, Dhriti, Tiwari, Krishma, Singh, Saumya, Nemkul, Merina, & Agarwal, Pankhuri. (2022). Social strain, distress, and gender dysphoria among transgender women and Hijra in Vadodara, India. *International Journal Of Transgender Health*, 23(1-2), 149–163. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1845273>
- Bagno, Marcos. (2007). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em 1999).
- Barrington, Clare, Davis, Dirk A., Gomez, Hoiseix, Donastorg, Yeycy, Perez, Martha, & Kerrigan, Deanna. (2021). "I've Learned to Value Myself More": Piloting an Adapted Multilevel Intervention for Transgender Women Sex Workers Living with HIV in the Dominican Republic. *Transgender Health*, 6(3), 148–155. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0058>
- Barros, Fernando Passos Cupertino de, & Sousa, Maria Fátima de. (2016). Equidade: seus conceitos, significações e implicações para o SUS. *Saúde e Sociedade*, 25(1), 9–18. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016146195>
- Bello, Angela Ales. (2006). *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edusc.
- Benevides, Bruna G. (2025). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. Brasília: Distrito Drag; ANTRA.
- Bleger, José. (2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).
- Boekeloo, Bradley, Fish, Jessica, Turpin, Rodman, Aparicio, Elizabeth M., Shin, Richard, Vigorito, Michael A., Lare, Sean M., McGraw, James S., & King-Marshall, Evelyn. (2023). LGBTQ+ cultural-competence training effectiveness: Mental health organization and therapist survey outcome results from a pilot

- randomized controlled trial. *Clinical psychology & psychotherapy*, 10.1002/cpp.2893, 1-28. <https://doi.org/10.1002/cpp.2893>
- Boff, Leonardo. (2013). Prefácio. Em: Freire, Paulo, *Pedagogia da esperança* (pp.10-12). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Brasil. (s.d.). *Painel coronavírus*. Recuperado de <https://covid.saude.gov.br/>, em 08 de maio de 2025.
- Breslow, Aaron S., Wojcik, Hailey, Cox Jr, Robert, Tran, Nathaniel M., & Brewster, Melanie E. (2021). Toward Nonbinary Nuance in Research and Care: Mapping Differences in Gender Affirmation and Transgender Congruence in an Online National U.S. Survey. *Transgender Health*, 6(3), 156–163. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0038>
- Brisola, Elizabeth Brown Vallim, Cury, Vera Engler, & Davidson, Larry. (2017). Building comprehensive narratives from dialogical encounters: A path in search of meanings. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 467-475. doi:10.1590/1982-02752017000400003
- Brito, Rafaella Medeiros de Mattos, & Moreira, Virginia. (2011). “Ser o que se é” na psicoterapia de Carl Rogers: um estado ou um processo?. *Memorandum*, 20, 201-210. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6631>
- Bulut, Gresa Çarkaxhiu, & Yorguner, Nese. (2023). Unveiling Gender Dysphoria Experiences in Turkish Young Adults: Challenges, Perspectives, and Implications in Health Care Settings. *Psychology research and behavior management*, 16, 4315-4327. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S437197>
- Burgart, Jennifer M., Walters, Ryan W., & Shanahan, Meaghan. (2022). Transgender Education Experiences Among Obstetrics and Gynecology Residents: A National Survey. *Transgender Health*, 7(1), 30–35. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0018>
- Cabral, Alexandre Marques, & Casanova, Marco Antônio. (2022). Prefácio: podem invisíveis aparecer?. Em: Trzan, Alexandre, & Mattar, Cristine (Orgs.), *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: interseções* (pp. 7-15). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Carvalho, Mario. (2018). “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. *Cadernos Pagu*, (52), e185211. <https://doi.org/10.1590/1809444920100520011>
- Castel, Pierre-Henri. (2001). Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*, 21(41), 77-111. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000200005>
- Cisek, Aleksandra, & Rogowska, Aleksandra M. (2023). The Relationship between Minority Stress and Depressive Symptoms in the LGBTQA Population from

Poland. *European Journal Of Investigation In Health, Psychology And Education*, 13(6), 1000–1014. <https://doi.org/10.3390/ejihpe13060076>

Cisne, Mirla. (2018). Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. *Serviço Social & Sociedade*, (132), 211–230. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.138>

Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução CFP nº 1, de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução CFP nº 1, de 29 de janeiro de 2018*. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Resolução CFP nº 8, de 05 de agosto de 2020*. Estabelece normas de exercício profissional da psicologia em relação às violências de gênero. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2022a). *Resolução CFP nº 8, de 17 de maio de 2022*. Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2022b). *Resolução nº 23, de 13 de outubro de 2022*. Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da Psicologia e revoga as Resoluções CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007; nº 3, de 5 de fevereiro de 2016; nº 18, de 5 de setembro de 2019. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2023). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA*. Brasília: CFP.

Conselho Federal de Psicologia. (2024). *Resolução nº 16, de 30 de agosto de 2024*. Estabelece normas de atuação para a categoria profissional em relação às pessoas intersexo, de 30 de agosto de 2024. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2019). *Documento de Orientação CRP 06 nº 002/2019: a atuação profissional de psicólogas/os no processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans*. Recuperado de <https://www.crpssp.org/uploads/impresso/3759/orrMnaWSvGNIQFBAAnh79heedc70CtaW-.pdf>, em 05 de outubro de 2023.

- Correia, Miriama. (2022). *Erika Hilton e a resistência transvestigênere no poder*. Recuperado de <https://apublica.org/2022/01/erika-hilton-e-a-resistencia-transvestigenere-no-poder/>, em 19 de fevereiro de 2024.
- Correro, Anthony N., Hinrichs, Kate L. M., Krishnan, Mira C., Cottingham, Maria Easter, Trittschuh, Emily H., Parmenter, Brett A., Kang, Jinkyung, & Stelmokas, Julija. (2022). Neuropsychological assessment with lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer/questioning (LGBTQ+) individuals: Practice, education, and training survey. *The Clinical Neuropsychologist*, 39(3), 543–585. <https://doi.org/10.1080/13854046.2022.2148379>
- Cortes, Helena M., Melo, Maria Clara N. B. de, Lacerda, Luanna Carlyne S. de, Santiago, Lara P., Santos, Renata O., & Pinho, Paula H. (2022). Therapeutic Itinerary of Trans Men from Northeastern Brazil. *Transgender Health*, 7(4), 357–363. <https://doi.org/10.1089/trgh.2021.0042>
- Cortes, Helena Moraes, Pinho, Paula Hayasi, Araújo, Lorena Moura Pontes, Passos, Bernardo Sousa, & Carqueija, Aline Santos. (2023). Grupo papo trans: experiência de ajuda mútua entre pessoas trans na pandemia - segunda edição. *Divers@!*, 16(2), 493–511. <https://doi.org/10.5380/diver.v16i2.92505>
- Crenshaw, Kimberlé. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- Cronin, Matthew A., & George, Elizabeth. (2020). The Why and How of the Integrative Review. *Organizational Research Methods*, 26(1), 168-192. <https://doi.org/10.1177/1094428120935507>
- Cury, Vera Engler. (2021). Intervenções psicológicas e processos intersubjetivos: pesquisas em psicologia clínica sob uma perspectiva Humanista e Fenomenológica. Em: Dutra, Elza, & Cury, Vera Engler (Orgs.), *Pesquisas fenomenológicas em psicologia* (pp. 93-109). Curitiba: CRV.
- Drescher, Jack. (2014). O que tem em seu armário?. Em: Levounis, Petros, Drescher, Jack, & Barber, Mary E. (Orgs.), *O livro dos casos clínicos GLBT* (pp. 21-34). Porto Alegre: Artmed.
- Elsbach, Kimberly D., & Knippenberg, Daan van. (2020). Creating High-Impact Literature Reviews: An Argument for 'Integrative Reviews'. *Journal of Management Studies*, 57(6), 1277-1289. <https://doi.org/10.1111/joms.12581>
- Erby, Adrienne N., & White, Mickey E. (2022). Broaching partially-shared identities: Critically interrogating power and intragroup dynamics in counseling practice with trans people of Color. *International Journal Of Transgender Health*, 23(1-2), 122–132. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1838389>

- Fadda, Gisella Mouta, & Cury, Vera Engler. (2021). O fenômeno da intersubjetividade na relação psicoterapêutica. *Revista Subjetividades*, 21(1), e9445. doi: 10.5020/23590777.rs.v21iEsp1.e9445
- Federici, Silvia. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.
- Frederico, Celso. (1979). *A vanguarda operária*. São Paulo: Símbolo.
- Freire, Paulo. (2013). *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galupo, M. Paz, Pulice-Farrow, Lex, & Pehl, Emerson. (2021). "There Is Nothing to Do About It": Nonbinary Individuals' Experience of Gender Dysphoria. *Transgender Health*, 6(2), 101–110. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0041>
- Galvão, Taís Freire, Pansani, Thais de Souza Andrade, & Harrad, David. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335–342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Garcia, Amanda Kovalczuk de Oliveira. (2022). Interseccionalidade ou consubstancialidade: faz diferença para pensar a diferença?. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, 10(18), 104-131. <https://doi.org/10.15210/norus.v10i18.23842>
- Gaspodini, Icaro Bonamigo, & Falcke, Denise. (2018). Relações entre Preconceito e Crenças sobre Diversidade Sexual e de Gênero em Psicólogos/as Brasileiros/as. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001752017>
- Ghorbanian, Ariann, Aiello, Bridget, & Staples, Jennifer. (2022). Under-Representation of Transgender Identities in Research: The Limitations of Traditional Quantitative Survey Data. *Transgender Health*, 7(3), 261–269. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0107>
- Gil-Llario, María Dolores, Gil-Juliá, Beatriz, Giménez-García, Cristina, Bergero-Miguel, Trinidad, & Ballester-Arnal, Rafael. (2021). Sexual behavior and sexual health of transgender women and men before treatment: Similarities and differences. *International Journal Of Transgender Health*, 22(3), 304–315. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1838386>
- Gobbi, Sérgio Leonardo, Missel, Sinara Tozzi, Justo, Henrique, & Holanda, Adriano. (2005). *Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor.
- Goetz, Teddy G., Nieman, Carrie L., Chalet, Scott R., Morrison, Shane D., Cabrera-Muffy, Cristina, & Lustig, Lawrence R. (2021). Sexual and Gender Minority

- Curriculum Within Otolaryngology Residency Programs. *Transgender Health*, 6(5), 267-274. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0105>
- Gonzalez, Kirsten A., Abreu, Roberto L., Rosario, Cristalís Capielo, Koech, Jasmine M., Lockett, Gabriel M., & Lindley, Louis. (2022). "A center for trans women where they help you": Resource needs of the immigrant Latinx transgender community. *International Journal Of Transgender Health*, 23(1-2), 60–78. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1830222>
- Goto, Tommy Akira, Holanda, Adriano Furtado, & Costa, Ileno Izidio da. (2018). Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity*, 10(3), 38-54. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35>
- Guba, Egon G., & Lincoln, Yvonna S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. Em: Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guerin, Ella. (2021). What Are the Benefits of Educating Nurses on Transgender Health?. *Transgender Health*, 6(4), 185-187. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0064>
- Haider, Asad. (2019). *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta.
- Hedrick, Haley R., Glover, Nick T., Guerriero, Jess T., Connelly, Kara J., & Moyer, Danielle. N. (2022). A New Virtual Reality: Benefits and Barriers to Providing Pediatric Gender-Affirming Health Care Through Telehealth. *Transgender Health*, 7(2), 144–149. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0159>
- Heiden-Rootes, Katie, Linsenmeyer, Whitney, Levine, Samantha, Oliveras, Mark, & Joseph, Miriam. (2023). A scoping review of the research literature on eating and body image for transgender and nonbinary adults. *Journal Of Eating Disorders*, 11(1), 1-40. <https://doi.org/10.1186/s40337-023-00828-6>
- Hirata, Helena. (2014). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1), 61-73. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>
- hooks, bell. (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Howson, Alexandra, Mutschler, Brett, & McCrea, Andrew. (2021). Designing and Evaluating a Gender-Affirming Educational Initiative for Optimal HIV Care: An Intrinsic Case Study. *Transgender Health*, 6(5), 296-301. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0124>
- Huffman, Ann Hergatt, Mills, Maura J., Howes, Satoris S., & Albritton, M. David. (2021). Workplace support and affirming behaviors: Moving toward a transgender, gender diverse, and non-binary friendly workplace. *International Journal Of*

*Transgender Health*, 22(3), 225–242.  
<https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1861575>

- Husserl, Edmund. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*: introdução geral à fenomenologia pura. São Paulo: Editora Ideias e Letras. (Original publicado em 2002).
- Husserl, Edmund. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1954).
- Husserl, Edmund. (2020). *A ideia da fenomenologia*: cinco lições. Rio de Janeiro: Editora Vozes. (Original publicado em 1986).
- Javier, Christienne, Crimston, Charlie R., & Barlow, Fiona Kate. (2022). Surgical satisfaction and quality of life outcomes reported by transgender men and women at least one year post gender-affirming surgery: A systematic literature review. *International Journal Of Transgender Health*, 23(3), 255–273. <https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2038334>
- Jedrzejewski, Breanna Y., Marsiglio, Mary C., Guerriero, Jess, Penkin, Amy, Connelly, Kara J., Berli, Jens U., & OHSU Transgender Health Program “Regret and Request for Reversal” Workgroup. (2023). Regret after Gender-Affirming Surgery: A Multidisciplinary Approach to a Multifaceted Patient Experience. *Plastic and reconstructive surgery*, 152(1), 206–214. <https://doi.org/10.1097/PRS.00000000000010243>
- Jesus, Jaqueline Gomes de. (2012). *Orientações sobre a população transgênero*: conceitos e termos. Recuperado de [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_PO PULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_PO PULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989), em 19 de fevereiro de 2024.
- Kelly-Schuetz, Kathrine, Little, Andrea, Davis, Alan T., Mensah, Francis Kwabena, & Wright, Gerald Paul. (2021). Transgender Surgery: Perspectives Across Levels of Training in Medical and Surgical Specialties. *Transgender Health*, 6(4), 217–223. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0061>
- King, Wesley M., & Gamarel, Kristi E. (2021). A Scoping Review Examining Social and Legal Gender Affirmation and Health Among Transgender Populations. *Transgender Health*, 6(1), 5–22. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0025>
- Kramer, Rachel, Aarnio-Peterson, Claire M., Conard, Lee Ann, Lenz, Katrina R., & Matthews, Abigail. (2024). Eating disorder symptoms among transgender and gender diverse youth. *Clinical child psychology and psychiatry*, 29(1), 30–44. <https://doi.org/10.1177/13591045231184917>
- Lanz, Letícia. (2015). *O corpo da roupa*: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente.

- Leon, Kimberly, O'Bryan, Jane, Wolf-Gould, Carolyn, Turell, Susan C., & Gadomski, Anne. (2021). Prevalence and Risk Factors for Nonsuicidal Self-Injury in Transgender and Gender-Expansive Youth at a Rural Gender Wellness Clinic. *Transgender Health*, 6(1), 43–50. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0031>
- Lindley, Louis, Bauerband, Loren, & Galupo, M. Paz. (2021). Using a Comprehensive Proximal Stress Model to Predict Alcohol Use. *Transgender Health*, 6(3), 164–174. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0042>
- Linsenmeyer, Whitney, Stiles, Dana, Garwood, Sarah, Giedinghagen, Andrea, Lewis, Christopher, & Strand, Gretta. (2023). Validation of the adolescent binge eating disorder measure (ADO-BED) among transgender youth and young adults. *Journal Of Eating Disorders*, 11(1), 91. <https://doi.org/10.1186/s40337-023-00816-w>
- Lukács, György. (2013). *Ontologia do Ser Social*. São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1978).
- Luz, Paula M., Jalil, Emilia M., Castilho, Jessica, Velasque, Luciane, Ramos, Michelle, Ferreira, Ana Cristina G., Ferreira, Ana Luisa, Wilson, Erin C., Veloso, Valdilea G., Thombs, Brett D., Moodie, Erica E. M., & Grinsztejn, Beatriz. (2022). Association of Discrimination, Violence, and Resilience with Depressive Symptoms Among Transgender Women in Rio de Janeiro, Brazil: A Cross-Sectional Analysis. *Transgender Health*, 7(1), 101–106. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0171>
- Malpas, Jean, Pellicane, Michael J., & Glaeser, Elizabeth. (2022). Family-Based Interventions with Transgender and Gender Expansive Youth: Systematic Review and Best Practice Recommendations. *Transgender Health*, 7(1), 7–29. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0165>
- Marinho, Silvana. (2018). Diversidade de gênero na sociabilidade capitalista patriarcal: as identidades trans em perspectiva. *Revista Katálisis*, 21(3), 602–610. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n3p602>
- Marinho, Silvana. (2021). Relações de opressão-exploração da modernidade colonial: notas sobre cidadania trans e emancipação. *Revista em pauta*, 19(47), 248–264. <https://doi.org/10.12957/rep.2021.56075>
- Martínez-Guzmán, Antar, & Johnson, Katherine. (2021). Narratives of transphobic violence in the Mexican province of Colima: A psychosocial analysis. *International Journal Of Transgender Health*, 22(3), 253–268. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1760164>
- Martínez-Guzmán, Antar, & Prado, Marco Aurélio. (2015). Psicología e Identidades Transgénero en el contexto Iberoamericano. *Quaderns De Psicologia*, 17(3), 7–13. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1318>
- Martin-Storey, Alexa, Cotton, Julie Christine, Corff, Yann Le, Michaud, Annick, & Beauchesne-Lévesque, Séré. (2021). A French Translation of the Transgender

Congruence Scale: Validation and Associations with Distress, Well-Being, and Perceived Transition Status. *Transgender Health*, 6(1), 23–30. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0037>

Mello, Amadeu Thiago de. (1981). *Já Faz Tempo que Escolhi*. Recuperado de <https://www.escritas.org/pt/t/11994/ja-faz-tempo-que-escolhi>, em 20 de março de 2024.

Minero, Laura P., Domínguez Jr, Sergio, Budge, Stephanie L., & Salcedo, Bamby. (2022). Latinx trans immigrants' survival of torture in U.S. detention: A qualitative investigation of the psychological impact of abuse and mistreatment. *International Journal Of Transgender Health*, 23(1-2), 36–59. <https://doi.org/10.1080/26895269.2021.1938779>

Mont, Janice Du, Kosa, Sarah Daisy, & Macdonald, Sheila. (2021). Evaluation of an e-Learning Curriculum for Forensic Nurses on Trans-Affirming Postsexual Assault Care. *Transgender Health*, 6(5), 284-289. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0087>

Moore, Julia K., Thomas, Cati S., Hall, Hans Willem Van, Strauss, Penelope, Saunders, Liz A., Harry, Melanie, Mahfouda, Simone, Lawrence, Sahra J., Zepf, Florian D., & Lin, Ashleigh. (2021). The Perth Gender Picture (PGP): Young people's feedback about acceptability and usefulness of a new pictorial and narrative approach to gender identity assessment and exploration. *International Journal Of Transgender Health*, 22(3), 337–348. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1795960>

Motta, Daniele Cordeiro. (2018). Desvendando Heleieth Saffioti. *Lutas Sociais*, 22(40), 149-160. <https://doi.org/10.23925/ls.v22i40.46662>

Nagata, Jason M., Compote, Emilio J., McGuire, F. Hunter, Lavender, Jason M., Brown, Tiffany A., Murray, Stuart B., Flentje, Annesa, Capriotti, Matthew R., Lubensky, Micah E., Obedin-Maliver, Juno, & Lunn, Mitchell R. (2021). Community norms of the Muscle Dysmorphic Disorder Inventory (MDDI) among gender minority populations. *Journal Of Eating Disorders*, 9(1), 87. <https://doi.org/10.1186/s40337-021-00442-4>

Nascimento, Letícia Carolina Pereira do. (2021). *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.

Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. (2024). *Observatório 2024 de Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia*. Recuperado de <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2025/01/27/observatorio-2024-de-mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil-grupo-ggb/>, em 09 de maio de 2025.

Organização Pan-Americana da Saúde. (2024). COVID-19 eliminou uma década de progresso na expectativa de vida global. Recuperado de [www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global](http://www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global), em 09 de maio de 2025.

- Pacheco, Bárbara Guimarães Costa. (2017). *Psicologias e transexualidades: o estado da arte da produção teórica brasileira* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18356>, em 22 de fevereiro de 2024.
- Paulino-Ramírez, Robert, Hearld, Kristine R., Butane, Seyram A., Tapia, Leandro, Budhwani, Henna, Naar, Sylvie, & Rodriguez-Lauzurique, Mayra. (2022). Serological Confirmed Syphilis Among Transgender Women in Dominican Republic. *Transgender Health*, 7(3), 237–241. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0173>
- Petronelli, Abigail, & Ferguson, Rachael. (2022). Into Inclusion: Increasing Trans-Inclusive Practices with Behavior Analysis. *Behavior Analysis In Practice*, 15(3), 845–856. <https://doi.org/10.1007/s40617-021-00669-2>
- Preciado, Paul B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- Qin, Lei Alexandre, Estevez, Samantha, Radcliffe, Ella, Shan, Wei Wei, Rabin, Jill M., & Rosenthal, David W. (2021). Are Obstetrics and Gynecology Residents Equipped to Care for Transgender and Gender Nonconforming Patients? A National Survey Study. *Transgender Health*, 6(4), 194-200. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0063>
- Rasmussen, Sofie M., Dalgaard, Martin K., Roloff, Mia, Pinholt, Mette, Skrubbeltrang, Conni, Clausen, Loa, & Telléus, Gry Kjaersdam. (2023). Eating disorder symptomatology among transgender individuals: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Eating Disorders*, 11(1), 84. <https://doi.org/10.1186/s40337-023-00806-y>
- Reisner, Sari L., Whitney, Bridget M., Crane, Heidi M., Mayer, Kenneth H., Grasso, Chris, Nance, Robin M., Poteat, Tonia, Mathews, W. Chris, Christopoulos, Katerina, Mugavero, Michael J., Chander, Geetanjali, Eron, Joseph J., Kitahata, Mari M., Delaney, Joseph A. C., & Fredericksen, Rob J. (2023). Clinical and Behavioral Outcomes for Transgender Women Engaged in HIV Care: Comparisons to Cisgender Men and Women in the Centers for AIDS Research Network of Integrated Clinical Systems (CNICS) Cohort. *AIDS and behavior*, 27(7), 2113–2130. <https://doi.org/10.1007/s10461-022-03947-4>
- Robles, Rebeca, Keeley, Jared W., Vega-Ramírez, Hamid, Cruz-Islas, Jeremy, Rodríguez-Pérez, Victor, Sharan, Pratap, Purnima, Shivani, Rao, Ravindra, Rodrigues-Lobato, María Inés, Soll, Bianca, Askevis-Leherpeux, Françoise, Roelandt, Jean Luc, Campbell, Megan, Grobler, Gerhard, Stein, Dan J., Khoury, Brigitte, Khoury, Joseph El, Fresán, Ana, Medina-Mora, María Elena, & Reed, Geoffrey M. (2022). Validity of Categories Related to Gender Identity in ICD-11 and DSM-5 Among Transgender Individuals who Seek Gender-Affirming Medical Procedures. *International Journal Of Clinical And Health Psychology*, 22(1), 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2021.100281>

- Rodríguez-Molina, José Miguel, Asenjo-Araque, Nuria, Becerra-Fernández, Antonio, Lucio-Pérez, M. Jesús, Rabito-Alcon, María Frenzi, & Pérez-López, Gilberto. (2015). Áreas de la entrevista para la evaluación psicológica de personas transexuales. *Acción Psicológica*, 12(2), 15-30. <https://dx.doi.org/10.5944/ap.12.2.122915>
- Rogers, Carl Ransom. (2014) [1957]. Uma nota sobre a “natureza do homem”. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, 20(1), 137-140. <https://dx.doi.org/10.18065/rag.2014v20n1.16>
- Rogers, Carl Ransom. (2017). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Original publicado em 1961).
- Rogers, Chloë, Webberley, Mike, Mateescu, Roxana, Rakhawy, Yasmeen El, Daly-Gourdialsing, Anaïs, & Webberley, Helen. (2021). A retrospective study of positive and negative determinants of gamete storage in transgender and gender-diverse patients. *International Journal Of Transgender Health*, 22(1-2), 167-178. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1848693>
- Saffioti, Heleieth. (2015). *Gênero, patriarcado, violência*. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo.
- Sanfacon, Keith, Leffers, Alex, Miller, Cara, Stabbe, Oliver, DeWindt, Lori, Wagner, Kathryn, & Kushalnagar, Poorna. (2021). Cross-Sectional Analysis of Medical Conditions in the U.S. Deaf Transgender Community. *Transgender Health*, 6(3), 132–138. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0028>
- Sequeira, Stefanie, Carmel, Tamar, Tervo-Clemmens, Brenden, & Edmiston, E. Kale. (2023). Future Directions in the Mental Health of Transgender Youth: Towards a Social-Affective Developmental Model of Health Disparity. *Journal of clinical child and adolescent psychology*, 52(6), 866–876. <https://doi.org/10.1080/15374416.2023.2272972>
- Shires, Deirdre A., Prieto, Lucas R., Woodford, Michael R., Jaffee, Kim D., & Stroumsa, Daphna. (2022). Gynecological Providers' Willingness to Prescribe Gender-Affirming Hormone Therapy for Transgender Patients. *Transgender Health*, 7(4), 323–328. <https://doi.org/10.1089/trgh.2021.0008>
- Silva, Gustavo Renan de Almeida da, Barcelos, Tomiris Forner, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2022). Lutando para existir: experiência vivida e sofrimento social de pessoas transgêneras. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12240. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12240>
- Silva, Gustavo Renan de Almeida da. (2021). *Lutando para existir: experiência vivida e sofrimento social de pessoas transgêneras* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado de [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16075/ccv\\_ppgpsico\\_me\\_Gustavo\\_RAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16075/ccv_ppgpsico_me_Gustavo_RAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y), em 13 de fevereiro de 2024.

- Silverberg, Rachael, Averkiou, Peter, Servoss, Julie, Eyez, Misty, & Martinez, Lisa C. (2021). Training Preclerkship Medical Students on History Taking in Transgender and Gender Nonconforming Patients. *Transgender Health*, 6(6), 374-379. <http://doi.org/10.1089/trgh.2020.0117>
- Simões, Cristiane Helena Dias, Silva, Gustavo Renan de Almeida da, Ribas, Mayara de Souza Américo, Ribas, Thaís Américo, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2023). "Feridos e desamparados": experiência vivida por enlutados da COVID-19. *Revista Família, Ciclos De Vida E Saúde No Contexto Social*, 11(3), e6616. <https://doi.org/10.18554/refacs.v11i3.6616>
- Souza, Marcela Tavares de, Silva, Michelly Dias da, & Carvalho, Rachel de. (2010). Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Stuyver, Isabelle, Somers, Sara, Provoost, Veerle, Wierckx, Katrien, Verstraelen, Hans, Wyverkens, Elia, Glabeke, Lien Van, T'Sjoen, Guy, Buysse, Ann, Pennings, Guido, & Sutter, Petra de. (2021). Ten years of fertility treatment experience and reproductive options in transgender men. *International Journal Of Transgender Health*, 22(3), 294–303. <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1827472>
- Supremo Tribunal Federal. (s.d.). ADI 5668. Recuperado de <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5148159>, em 22 de julho de 2025.
- Tan, Kyle K. H., Treharne, Gareth J., Ellis, Sonja J., Schmidt, Johanna M., & Veale, Jaimie F. (2021). Enacted stigma experiences and protective factors are strongly associated with mental health outcomes of transgender people in Aotearoa/New Zealand. *International Journal Of Transgender Health*, 22(3), 269–280. <https://doi.org/10.1080/15532739.2020.1819504>
- Tan, Kyle K. H., Yee, Ashe, & Veale, Jaimie F. (2022). "Being Trans Intersects with My Cultural Identity": Social Determinants of Mental Health Among Asian Transgender People. *Transgender Health*, 7(4), 329–339. <https://doi.org/10.1089/trgh.2021.0007>
- Tenório, Leonardo Farias Pessoa, & Prado, Marco Aurélio Máximo. (2016). As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma. *Periódicus*, 5(1), 41-55. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17175>
- Thompson-Blum, Daniel N., Coleman, Todd A., Phillips, Natalie E., Richardson, Sean, Travers, Robb, Coulombe, Simon, Wilson, Ciann, Woodford, Michael, Cameron, Ruth, & Davis, Charlie. (2021). Experiences of Transgender Participants in Emergency Departments: Findings from the OutLook Study. *Transgender Health*, 6(6), 358–368. <https://doi.org/10.1089/trgh.2020.0112>
- Trzan-Ávila, Alexandre. (2022). Pele colonial, máscaras fenomenológicas: quando a colonialidade nos impede de ver os fenômenos. Em: Trzan, Alexandre, &

Mattar, Cristine (Orgs.), *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: interseções* (pp. 83-115). Rio de Janeiro: Via Verita.

United Nations High Commissioner For Human Rights. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Recuperado de <https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>, em 06 de outubro de 2023.

Universidade Federal de Santa Catarina. (2019). *A origem do suleiar*. Recuperado de <https://iela.ufsc.br/a-origem-do-suleiar/#:~:text=Suleiar%2C%20na%20Lingu%C3%ADstica%20Aplicada%2C%20significa,de%20textos%20escolares%2C%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o>, em 15 de outubro de 2023.

Vargas, Carlos Eduardo de Carvalho, & Bastos, Cleverson Leite. (2013). Uma contribuição fenomenológica para a História das Matemáticas: o problema da origem dos números. *Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica*, 2(2), 53-66. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/8114/7685>, em 08 de fevereiro de 2024.

Wittig, Monique. (2022). *O pensamento heterossexual*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1992).

Zilles, Urbano. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. Em: Edmund Husserl. *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (2ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS. (Original publicado em 1996).

## ANEXOS

### Anexo A – Parecer consubstanciado do conselho de ética em pesquisa



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Experiência vivida de pessoas transvestigêneres na perspectiva da Psicologia Clínica

**Pesquisador:** GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 76286923.1.0000.5481

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.587.675

##### Apresentação do Projeto:

Pesquisa de doutoramento em psicologia, este trabalho apresenta-se como de natureza qualitativa, com uso do método fenomenológico, cujo objetivo é "investigar a experiência vivida de pessoas trans, por entender que essas correspondem a casos emblemáticos (Frederico, 1979) acerca das normas de gênero, podendo indicar outras possibilidades de vivenciar a esfera da sexualidade humana". Participantes serão contatados por amostragem de conveniência, em número estimado de 10 pessoas adultas (maiores de 18 anos) "que se auto identifiquem como trans, que estejam dispostas a participar voluntariamente da pesquisa e em condições psicológicas para relatar suas experiências".

O pesquisador parte do pressuposto de que, "desde o nascimento, em nossa sociedade, espera-se que as pessoas se submetam a um conjunto de condutas socialmente coerentes com o gênero que lhes é atribuído ao nascimento. Esse cenário produz campos em que o ser humano figura ideologicamente como um mero organismo biológico e procriador, o que contribui para a dissociação da sexualidade como uma experiência autêntica e criativa, além de corroborar para a discriminação, violência, patologização e opressão contra a dissidência, suscitando diversos sofrimentos sociais, entre os quais se inclui daquelas pessoas que não se identificam com o gênero designado, ou seja, pessoas transvestigêneres/trans."

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 6.587.675

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Investigar a experiência vivida de pessoas transvestigêneres/trans.

Objetivos Secundários:

- 1- Realizar uma revisão integrativa da literatura científica de artigos empíricos nacionais e internacionais sobre psicologia clínica e transgeneridade;
- 2- Realizar encontros dialógicos com pessoas trans adultas;
- 3- Elaborar narrativas compreensivas a partir desses encontros dialógicos;
- 4- Apreender os elementos significativos da experiência dos participantes;
- 5- Analisar os resultados interpretativos do fenômeno estudado a partir da psicologia humanista e do feminismo materialista.

Método:

Serão realizados encontros individuais, presenciais ou por videoconferência, adotando-se "as atitudes facilitadoras propostas por Carl Rogers" e a formulação verbal norteadora "Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?".

Não haverá gravação de áudio ou vídeo, uma vez que "Para registro do material, o pesquisador escreverá narrativas, as quais serão, posteriormente, interpretadas, visando chegar aos resultados de pesquisa, a saber, os elementos significativos da experiência dos participantes (Brisola, Cury & Davidson, 2017). Tais resultados serão discutidos com a literatura científica que verse sobre a questão de pesquisa e que seja coerente com nossa perspectiva ético-política-científica, isto é, a psicologia, o humanismo e o feminismo materialista."

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo o pesquisador, "esta pesquisa implica um risco mínimo, uma vez que os participantes serão convidados a falarem sobre suas experiências para um pesquisador que também é psicólogo, devidamente registrado no conselho profissional e com experiência clínica. Assim, caso perceba desconforto, alterações no estado emocional e/ou lembranças desagradáveis nos participantes, este está apto a acolhê-los e, se for identificada a necessidade de acompanhamento contínuo, encaminhá-los para serviço especializado de atendimento psicológico."

"Enquanto benefício, destacamos que o encontro dialógico poderá proporcionar ao participante a oportunidade de refletir sobre as suas experiências e ressignificá-las, de modo a atribuir novos

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 6.587.675

sentidos para o que foi vivido (Rogers, 2009)."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Tendo em vista a dimensão que o tema ganhou no mundo contemporâneo, a pesquisa se apresenta como importante e útil para a produção de conhecimento na área em que será desenvolvida.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão todos presentes, incluindo um questionário socioeconômico e a única questão norteadora dos encontros: "Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é. Como é isso para você?".

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto se encontra em conformidade com as normas éticas, sendo considerado aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                            | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                             | Situação |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2244502.pdf | 29/11/2023<br>14:29:18 |                                   | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJ_PESQ.pdf                                 | 29/11/2023<br>14:27:17 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito   |
| Folha de Rosto                            | FOLHA_ROSTO.pdf                               | 29/11/2023<br>14:26:10 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito   |

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 6.587.675

|                                                           |                                               |                     |                                   |         |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------|-----------------------------------|---------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2244502.pdf | 22/11/2023 02:36:21 |                                   | Aceito  |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | DECL_INFRA.pdf                                | 22/11/2023 02:35:09 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | DECL_INFRA.pdf                                | 22/11/2023 02:35:09 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJ_PESQ.pdf                                 | 22/11/2023 02:34:19 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_OR.pdf                              | 22/11/2023 02:33:52 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_OR.pdf                              | 22/11/2023 02:33:52 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_DOUT.pdf                            | 22/11/2023 02:33:23 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_DOUT.pdf                            | 22/11/2023 02:33:23 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf                                      | 22/11/2023 02:32:53 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf                                      | 22/11/2023 02:32:53 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Folha de Rosto                                            | FOLHA_ROSTO.pdf                               | 22/11/2023 02:31:49 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2244502.pdf | 16/11/2023 21:03:30 |                                   | Aceito  |
| Outros                                                    | INSTRUMENTOS.pdf                              | 16/11/2023 19:25:09 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Outros                                                    | INSTRUMENTOS.pdf                              | 16/11/2023 19:25:09 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Outros                                                    | TERM_DADOS.pdf                                | 16/11/2023 19:16:12 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Outros                                                    | TERM_DADOS.pdf                                | 16/11/2023 19:16:12 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 6.587.675

|                                                           |                    |                        |                                   |         |
|-----------------------------------------------------------|--------------------|------------------------|-----------------------------------|---------|
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_OR.pdf   | 16/11/2023<br>19:10:47 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJ_PESQ.pdf      | 16/11/2023<br>19:09:38 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Declaração de Pesquisadores                               | DECL_RESP_DOUT.pdf | 16/11/2023<br>19:08:44 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf           | 16/11/2023<br>15:55:10 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Orçamento                                                 | DECL_CUSTOS.pdf    | 16/11/2023<br>15:54:47 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Orçamento                                                 | DECL_CUSTOS.pdf    | 16/11/2023<br>15:54:47 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | DECL_INFRA.pdf     | 16/11/2023<br>15:54:29 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Cronograma                                                | CRONOGRAMA.pdf     | 16/11/2023<br>15:54:19 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Aceito  |
| Cronograma                                                | CRONOGRAMA.pdf     | 16/11/2023<br>15:54:19 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |
| Folha de Rosto                                            | FOLHA_ROSTO.pdf    | 16/11/2023<br>15:48:41 | GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA | Postado |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINAS, 18 de Dezembro de 2023

Assinado por:  
**Sérgio Luiz Pinheiro**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

## Anexo B – Convite aos participantes



Olá! Sou o Gustavo Renan de Almeida da Silva, psicólogo (CRP 06/151764) e doutorando em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob orientação da Profa. Dra. Vera Engler Cury. Estamos pesquisando a experiência vivida de pessoas trans e, neste momento, gostaríamos de conversar com pessoas que se auto identifiquem como trans, maiores de 18 anos e que queiram compartilhar suas experiências conosco. Agradecemos desde já pela disposição. Em caso de interesse, entrar em contato pelo WhatsApp (19) 99251-9527 ou por e-mail: [gustavo.renan.almeida@gmail.com](mailto:gustavo.renan.almeida@gmail.com)



## Anexo C – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada/o/e a participar do projeto de pesquisa intitulado “Experiência vivida de pessoas transvestigêneres na perspectiva da psicologia clínica”, de responsabilidade do pesquisador Gustavo Renan de Almeida da Silva, do Curso de Pós-Graduação em Psicologia (PUC-Campinas), com o objetivo de investigar a experiência vivida de pessoas transvestigêneres/trans. A amostra será composta por pessoas adultas (maiores de 18 anos) que se auto identifiquem como trans, que estejam dispostas a participar voluntariamente da pesquisa e em condições psicológicas para relatar suas experiências.

O seu envolvimento nesse estudo é voluntário, e se dará a partir de entrevistas individuais, com duração mínima de 30 minutos e máxima de 2 horas, sendo lhe garantido que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada, em qualquer momento.

Os riscos em participar da pesquisa são mínimos, como eventual desconforto emocional e/ou lembranças desagradáveis. E os seus benefícios referem-se à oportunidade de refletir sobre as suas experiências e ressignificá-las, de modo a atribuir novos sentidos para o que foi vivido. Além disso, caberá ao pesquisador manter em arquivo, sob sua guarda, por cinco anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos. Após este período, os dados serão descartados.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas**, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 - Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h / 13h às 17h, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação de caráter ético do projeto. Dúvidas com relação ao projeto/pesquisa, favor entrar em contato com o pesquisador responsável Gustavo Renan de Almeida da Silva, telefone de contato (19) 99251-9527, e-mail: gustavo.renan.almeida@gmail.com

Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa supracitado, assine o seu nome abaixo.

Atenciosamente,

---

Gustavo Renan de Almeida da Silva

Estou esclarecida/o/e e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma via integral deste Termo.

---

Nome e assinatura:

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## Anexo D – Termo de consentimento para tratamento de dados pessoais

### TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS

**TITULAR:** \_\_\_\_\_

Este documento visa registrar a manifestação livre, informada e inequívoca pela qual o/a/e Titular concorda com o tratamento de seus dados pessoais para finalidade específica, em conformidade com a Lei nº 13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Ao declarar que concorda com o presente termo, o/a/e Titular consente que a **SOCIEDADE CAMPINEIRA DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO (SCEI)**, Mantenedora da **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUC-Campinas)**, sediada à Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1.516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, CEP 13087-571, Campinas/SP, inscrita no CNPJ sob o nº 46.020.301/0001-88, doravante denominada Controladora, tome decisões referentes ao tratamento de seus dados pessoais, bem como realize o tratamento de seus dados pessoais, envolvendo operações como as que se referem à coleta, produção, recepção, classificação, utilização, acesso, reprodução, transmissão, distribuição, processamento, arquivamento, armazenamento, eliminação, avaliação ou controle da informação, modificação, comunicação, transferência, difusão ou extração deles.

#### Dados Pessoais

A Controladora fica autorizada a tomar decisões referentes ao tratamento e a realizar o tratamento dos seguintes dados pessoais da/o/e Titular: nome completo; data de nascimento; idade; identidade de gênero; orientação sexual; raça/etnia; estado civil; escolaridade; ano de conclusão acadêmico/escolar; tipo de instituição onde estudou; razão caso tenha parado de estudar; profissão; vínculo empregatício; renda familiar; coabitantes; condições da moradia (tipo, número de cômodos e zona onde está situada); condição crônica de saúde; serviço de saúde utilizado; benefício social; outras observações que participante julgar pertinentes.

#### Finalidades do Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados pessoais listados neste termo tem a finalidade de:

- possibilitar que a Controladora utilize tais dados em Pesquisas Acadêmicas e de Mercado;
- possibilitar que a Controladora preste contas aos órgãos governamentais e/ou judiciais responsáveis por fiscalizar as Pesquisas Acadêmicas;
- possibilitar que a Controladora utilize tais dados na elaboração de relatórios e emissão de Pesquisa Acadêmica.

#### Compartilhamento de Dados

A Controladora fica autorizada a compartilhar os dados pessoais do/a/e Titular com outros agentes de tratamento de dados, caso seja necessário para as finalidades

listadas neste termo, observados os princípios e as garantias estabelecidas pela Lei nº 13.709/18.

#### **Segurança dos Dados**

A Controladora responsabiliza-se pela manutenção de medidas de segurança, técnicas e administrativas aptas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados e de situações acidentais ou ilícitas de destruição, perda, alteração, comunicação ou qualquer forma de tratamento inadequado ou ilícito.

Em conformidade com o art. 48 da Lei nº 13.709, a Controladora comunicará ao/à/e Titular e à Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) a ocorrência de incidente de segurança, que possa acarretar risco ou dano relevante ao/à/e Titular.

#### **Término do Tratamento dos Dados**

A Controladora poderá manter e tratar os dados pessoais do/a/e Titular durante todo o período em que estes forem pertinentes ao alcance das finalidades listadas neste termo. Dados pessoais anonimizados, sem possibilidade de associação ao indivíduo, poderão ser mantidos por período indefinido.

O/a/e Titular poderá solicitar via e-mail ([dpo@puc-campinas.edu.br](mailto:dpo@puc-campinas.edu.br)) ou correspondência à Controladora, a qualquer momento, que sejam eliminados os dados pessoais não anonimizados do/a/e Titular.

O/a/e Titular ficará ciente de que, com a eliminação de seus dados pessoais, ficará excluído da Pesquisa Acadêmica.

#### **Direitos do/a/e Titular**

O/a/e Titular tem o direito de obter da Controladora, em relação aos dados por ela ele tratados, a qualquer momento e mediante requisição:

1. confirmação da existência de tratamento;
2. acesso aos dados;
3. correção de dados incompletos, inexatos ou desatualizados;
4. anonimização, bloqueio ou eliminação de dados desnecessários, excessivos ou tratados em desconformidade com o disposto na Lei nº 13.709/18;
5. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa e observados os segredos comercial e industrial, de acordo com a regulamentação do órgão controlador;
6. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa, de acordo com a regulamentação da autoridade nacional, observados os segredos comercial e industrial;
7. eliminação dos dados pessoais tratados com o consentimento do/a/e Titular, para as seguintes finalidades: (i) cumprimento de obrigação legal ou regulatória pela Controladora; (ii) estudo por órgão de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais; (iii) transferência a terceiro, desde que respeitados os requisitos de tratamento de dados dispostos nesta Lei; ou (iv) uso exclusivo da Controladora, vedado seu acesso a terceiro, e desde que anonimizados os dados,

excetuada a hipótese do inciso VII do artigo 18 da Lei nº 13.709/18, com relação à informação das entidades públicas e privadas, com as quais a Controladora realizou uso compartilhado de dados;

8. informação sobre a possibilidade de não fornecer consentimento e sobre as consequências da negativa;

9. revogação do consentimento, nos termos do § 5º do art. 8º da Lei nº 13.709/18.

#### **Direito de Revogação do Consentimento**

Este consentimento poderá ser revogado pelo/a/e Titular, a qualquer momento, mediante solicitação via e-mail [dpo@puc-campinas.edu.br](mailto:dpo@puc-campinas.edu.br) para a Controladora.

Por ser esta a expressão da verdade, firma o presente em **duas vias** de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo identificadas, para que produza seus efeitos jurídicos e legais.

Campinas, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
TITULAR

Testemunhas:

1) \_\_\_\_\_  
Nome:  
CPF:

2) \_\_\_\_\_  
Nome:  
CPF:

**Anexo E – Questionário socioeconômico****QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO****IDENTIFICAÇÃO**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Identidade de gênero: \_\_\_\_\_

Orientação sexual: \_\_\_\_\_

Raça/etnia: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Cidade onde reside: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

**EDUCAÇÃO****Escolaridade:**☐ Ensino Fundamental Incompleto ☐ Ensino Fundamental Completo☐ Ensino Médio Incompleto ☐ Ensino Médio Completo☐ Ensino Superior Incompleto ☐ Ensino Superior Completo☐ Pós-graduação Incompleta ☐ Pós-graduação Completa☐ Outro: \_\_\_\_\_

Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Estudou majoritariamente em instituições: ☐ Públicas ☐ Privadas☐ Outro: \_\_\_\_\_**Caso tenha parado de estudar, qual a razão:**☐ Necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família☐ Baixa condição financeira para se manter na escola☐ Desinteresse pessoal☐ Bullying/violência☐ Outra razão: \_\_\_\_\_☐ Não se aplica

### TRABALHO

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Vínculo empregatício:**

( ) Trabalha com vínculo empregatício ( ) Trabalha sem vínculo empregatício

( ) Não está trabalhando ( ) Nunca trabalhou ( ) Aposentado

Outro: \_\_\_\_\_

### RENDA E HABITAÇÃO

**Renda familiar aproximada:** \_\_\_\_\_

**Quantas pessoas residem com você:** \_\_\_\_\_

**Quem reside com você:**

( ) Pai/Padrasto ( ) Mãe/Madrasta ( ) Companheira/o/e

( ) Filhos/as/es ( ) Irmãos/as/es ( ) Avós

( ) Amigas/os/ues ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**Moradia:**

( ) Própria quitada ( ) Própria em financiamento ( ) Alugada

( ) Empréstada/Cedida ( ) Em situação de rua

( ) Outro: \_\_\_\_\_

**Número de cômodos da residência (incluindo banheiros):** \_\_\_\_\_

**Zona da moradia:** ( ) Urbana ( ) Rural ( ) Outro: \_\_\_\_\_

### SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

**Possui alguma condição crônica de saúde:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Qual serviço de saúde que utiliza:**

( ) SUS – Sistema Único de Saúde ( ) Associações médicas/planos de saúde

( ) Oferecido pela empresa/instituição ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**Possui algum benefício social:** \_\_\_\_\_

### COMPLEMENTOS

**Espaço para observações que julgue pertinentes:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_